



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
FACULDADE DE TEOLOGIA
Instituto Universitário de Ciências Religiosas

MESTRADO EM CIÊNCIAS RELIGIOSAS
Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica

FERNANDA JOSÉ PEREIRA MOREIRA

O amor infinito de Deus à luz de Carta Encíclica de Bento XVI, *Deus Caritas Est*

Contributos para a lecionação da unidade letiva 2, *Jesus, um Homem para os outros*, do programa do 6º ano de escolaridade de Educação Moral e Religiosa Católica

**Relatório Final da Prática de Ensino Supervisionada
sob orientação de:
Prof. Doutora Isabel Varanda**

**Braga
2015**

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	4
CAPITULO I – EDUCAÇÃO MORAL E RELIGIOSA CATÓLICA, UM DESAFIO NUMA SOCIEDADE SECULAR	6
1. Perceção crítica e lugar da disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica no Sistema Educativo	6
<i>1.1. Educação, ensino e aprendizagem</i>	6
<i>1.2. O lugar de Educação Moral e Religiosa Católica no Sistema de Ensino.</i>	8
2. O lugar de EMRC na vida escolar dos adolescentes e jovens	10
<i>1.1. O mundo dos adolescentes e jovens</i>	10
<i>1.2. Contributos de Educação Moral e Religiosa Católica para a construção da identidade dos adolescentes e jovens num mundo secularizado</i>	21
<i>1.3. Perfil do professor</i>	25
CAPITULO I – CARTA ENCÍCLICA DO PAPA BENTO XVI <i>DEUS CARITAS EST</i>	29
1. Apresentação e análise crítica da Carta Encíclica	29
<i>1.1. Forma e conteúdo</i>	29
<i>1.2. Análise crítica da Carta Encíclica</i>	38
2. No Amor Deus revela-se na pessoa e na criação	45
<i>1.1. O amor de Deus na Sagrada Escritura</i>	45
<i>1.2. A história humana, lugar de revelação do amor de Deus</i>	53
CAPITULO III – PEDAGOGIA, DIDÁTICA E LECIONAÇÃO DA UNIDADE LETIVA 2 DO 6º ANO DE ESCOLARIDADE DO PROGRAMA DE EDUCAÇÃO MORAL E RELIGIOSA CATÓLICA	56
1. Metas de Aprendizagem no ensino de Educação Moral e Religiosa Católica	56
<i>1.1. Metas Curriculares</i>	56
<i>1.2. Diferenças entre Metas Curriculares e Competências</i>	58
2. Planificação, um instrumento de trabalho essencial para o docente	59
<i>1.1. Planificação</i>	59
<i>1.2. Metodologia utilizada na planificação da unidade letiva 2 do 6º ano de escolaridade do programa de Educação Moral e Religiosa Católica</i>	62
<i>1.3. Esquema de planificação global da unidade letiva 2</i>	66
<i>1.4. Esquema de planificação aula a aula, da unidade letiva 2</i>	72
<i>1.5. Planificação descritiva de cada uma das dez aulas da unidade letiva 2</i> .	99
<i>1.5.1. Tema: Jesus, o Messias prometido</i>	99

<i>1.5.2. Tema: O anúncio do Reino de Deus</i>	101
<i>1.5.3. Tema: Jesus um marco na história: a arte celebra a vida de Jesus</i>	104
<i>1.5.4. Tema: Jesus leva-nos a conhecer o amor infinito de Deus</i>	107
<i>1.5.5. Tema: O amor ao próximo como acesso ao Reino de Deus</i>	111
<i>1.5.6. Tema: Perdão e arrependimento</i>	114
<i>1.5.7. Tema: A paixão e morte de Jesus</i>	118
<i>1.5.8. Tema: A Ressureição</i>	121
<i>1.5.9. Tema: A resposta da pessoa humana ao amor de Deus</i>	124
<i>1.5.1. Tema: Jesus, um Homem para os outros</i>	127
3. Caracterização da Turma	129
4. Avaliação geral da unidade letiva 2 do 6º ano do programa de Educação Moral e Religiosa Católica	130
CONCLUSÃO	133
BIBLIOGRAFIA	136
WEBGRAFIA	139
ANEXOS	141

INTRODUÇÃO

Este Relatório da Prática de Ensino Supervisionada em Educação Moral e Religiosa Católica, que vai aqui ser apresentado, tem como grande objetivo responder a três questões, uma questão de âmbito geral: “Como é que o amor infinito de Deus é revelado à pessoa?” e três de âmbito específico: “Como se revelou o amor de Deus infinito no Antigo Testamento?; Como se revelou o amor infinito de Deus no Novo Testamento?; Como se revela o amor infinito de Deus na história do ser humano?”. Estas três questões visão levar os alunos, do sexto ano de escolaridade, a aperceberem-se do amor infinito de Deus pela pessoa humana e a conduzi-los a um encontro com Cristo, Senhor Nosso.

A escolha deste tema prendeu-se essencialmente com dois aspetos: a indiferença por Deus na sociedade atual e a necessidade de O voltar a encontrar e O colocar no centro da vida humana.

Atualmente, a pessoa, impregnada por um *modus vivendi* e por ideias seculares, perdeu o relacionamento e com Deus e, por isso, perdeu, também a chave da sua identidade. Sem o centro, que é Deus, a vida parece caminhar perdida entre a alienação de um mundo tecnológico que produz mundos virtuais, e de um mundo de extremismos onde se exerce a vingança em nome de Deus. É entre estes dois polos que a pessoa humana é projetada num mundo que começa a ser visto como uma prisão em que só o presente conta e em que a visão da morte é tida como algo sem sentido, que lança o ser humano para o aniquilamento. As portas da esperança encontram-se como que cerradas e a certeza da vida eterna tende a carecer de sentido.

As nossas crianças, adolescentes e jovens encontram-se neste mundo de extremos e, por isso, é necessário voltar a falar de Deus, voltar ao cerne, ao coração do cristianismo e da pessoa humana para que cada um possa encontrar no Deus de Amor, o amor que é Deus e possa definir-se e alargar a sua esperança para além desta vida terrena projetando-se na eternidade.

Este Relatório está dividido em três capítulos. O primeiro capítulo, que está dividido em dois pontos, começa por aludir à educação ao ensino e à aprendizagem, debruçando-se, depois, sobre o lugar da disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica no Sistema de Ensino e na vida do adolescente e do jovem, nos contributos que a mesma tem na formação da identidade destes. Finaliza com a alusão ao perfil que o professor deve ter e cultivar para poder atingir as metas propostas nesta área.

O segundo capítulo está, também, dividido em dois pontos. No primeiro ponto é feita a apresentação da forma e do conteúdo da Carta Encíclica do Papa Bento XVI *Deus Caritas Est*, a síntese dos seus conteúdos, e a sua análise crítica, sob duas dimensões: a novidade do amor de Deus, e resposta da pessoa ao amor de Deus.

No segundo é feita uma resenha sobre a revelação de Deus na criação, na Sagrada Escritura e na vida da pessoa humana.

O terceiro capítulo é dedicado à pedagogia e didática que esteve na base da planificação da unidade letiva 2 do manual do 6º ano de escolaridade de Educação Moral Religiosa e Católica. Nele se faz uma caracterização da turma onde foi realizada a prática de ensino supervisionada, e são apresentadas as metas de aprendizagem e a planificação como método de trabalho imprescindível ao professor. Depois, é mostrado como se procedeu à elaboração da planificação desta unidade didática, incluindo os domínios, as metas e os objetivos atingir, assim como os recursos utilizados. Seguidamente, são apresentados o esquema da planificação geral da unidade letiva, os esquemas das dez aulas propostas para leção da unidade já referida, e a planificação descritiva dessas mesmas dez aulas, finalizando com uma avaliação geral da unidade letiva 2.

Em anexo são apresentados alguns recursos didáticos e pedagógicos utilizados na leção da unidade letiva 2 que pode ser consultado na íntegra no Dossier de Estágio.

Neste capítulo, sem esquecer o que é a educação, o ensino e aprendizagem e o perfil do professor, vai-se refletir, essencialmente, sobre o lugar da disciplina Moral e Religiosa Católica no Sistema Educativo e na vida dos adolescentes e jovens, os seus contributos e os seus desafios numa sociedade secular.

1. Perceção crítica e lugar da disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica no Sistema Educativo

No que concerne ao lugar da disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica no Sistema Educativo, podemos tecer duas considerações, na medida em que ela se apresenta, cada vez mais, como um desafio proposto pela Igreja numa sociedade secular. A primeira consideração a analisar será esta: qual a pertinência e a finalidade de Educação Moral e Religiosa Católica quando parece que, na nossa sociedade, a religião se tornou dispensável e que deve confinar ao privado? A segunda: será que o Sistema Educativo reconhece valor à disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica ou apenas a tolera por reconhecer que os pais têm direito de escolher o ensino religioso no espaço da escola pública (Concordata entre a Santa Sé e a República Portuguesa, de 2004, artigo 19, *ponto 1^o*)?

É sobre estas considerações que vamos discorrer nos pontos seguintes começando, primeiro, por refletir sobre os conceitos de educação, de ensino e de aprendizagem, onde se tocam e onde se diferenciam.

1.1. Educação, ensino e aprendizagem

Quando se alude ao termo “educação”, imediatamente se associa este conceito à escola. Mas este conceito é muito mais complexo e vasto. A educação é um processo que abrange a pessoa, não apenas em algumas dimensões, mas a sua totalidade. A educação vai permitir, a cada sujeito, edificar a sua personalidade ao reapropriar-se dos vários modelos que vai recebendo da sua herança cultural e do exterior, quer consciente quer inconscientemente (família, vizinhos, amigos, grupos em que se insere, religiosos ou não,

¹ Concordata entre a Santa Sé e a República Portuguesa, de 18 de Maio de 2004, (www.publico.pt/pptfiles/img_superdestaque/Concordata.VAnotada.pdf - acedido em 12.12.2014).

meios de comunicação social...) e lhe permite desenvolver, não só, as suas aptidões intelectuais, físicas, mas também, o seu sentido estético e moral.

Educar é ajudar o individuo a construir-se como pessoa,² “a descobrir a vida como experiência de relação e de dom, abrindo-se para a beleza e para a responsabilidade de viver, com os outros e em comunidade”³.

Ensinar, por sua vez, é um processo que faz parte da educação que envolve: aquele que ensina, aquele que aprende e o objeto de conhecimento. Na escola, ensinar é mais do que transmitir um saber seguindo determinadas metodologias e obedecendo a um programa. Ensinar é proporcionar aos alunos um comprometimento com a sua própria aprendizagem, orientá-los para se apropriarem de conhecimentos específicos, ajudá-los a desenvolver a reflexão, a integrar os novos conhecimentos em outros, dos quais já são possuidores, e encorajar a criatividade.

A aprendizagem, por sua vez, é um desafio, um encontro com o desconhecido,⁴ é a aquisição de um saber, não apenas um saber por saber, mas essencialmente, um saber que é compreender, e de um saber-fazer. Por isso, hodiernamente, olha-se para o ensino e para aprendizagem como um processo dialético constante. O ensino pressupõem uma aprendizagem e “a aprendizagem humana advém da força da ação da pessoa sobre o novo”⁵. Esta constante dialética interativa leva ao conhecimento do individuo sobre o mundo que é aprendido segundo o conhecimento que este foi adquirindo.⁶

Nesta perspetiva tridimensional, educação, ensino e aprendizagem, o professor da disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica, encontra um bastíssimo campo sobre o qual poderá estender a sua ação educativa, de ensino e de aprendizagem. Para isso, deverá possuir um manancial de conhecimento que lhe permita corresponder positivamente àquilo que lhe é pedido, dentro da sua disciplina, de modo a levar os seus alunos adquirirem conhecimentos que lhe permitam edificar a sua identidade de modo estruturado e não fragmentado, capazes de construírem razões para o seu comprometimento com os valores, com a Mensagem de Cristo, com a Igreja, e com a sociedade. No entanto, o professor da disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica não deve esquecer que não é o único a

²“O conceito de pessoa sugere uma certa compreensão da vida humana. Sublinha o ser humano como capacidade de relação, vocacionado para a descoberta dos outros, para a amizade, para a fraternidade, para a comunhão de amor, para a corresponsabilidade para a vida em sociedade” in FORUM DO ENSINO RELIGIOSO EM PORTUGAL, *Pessoa Cultura e Fé. O Ensino Religioso Escolar*, Editora Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1997, 59.

³ FORUM DO ENSINO RELIGIOSO EM PORTUGAL, *Pessoa Cultura e Fé...*, 58.

⁴ Cf. Maria Beatriz JACQUES RAMOS, Elaine TURK FARIA, *Aprender e Ensinar, Diferentes olhares e práticas*, Editora Edipucrs, Porto Alegre, 2011, 49.

⁵ *Ibidem*, 90.

⁶ Cf. *Ibidem*, 91.

prosseguir esse objetivos na escola, “ele é membro de uma equipa, deve estar atento a todos os agentes da escola, que se esforçam por construir comunidade e por abrir os educandos para a experiência de comunidade interpessoal”⁷. Não é por acaso que hoje se fala constantemente de interdisciplinaridade, isto significa que as disciplinas no global tocam pontos em comum e que não se podem ver como ilhas isoladas perdidas no mundo escolar, mas abrirem-se para proporcionar aos alunos uma aprendizagem significativa, complementar e não fechada em estanques.

1.2. O lugar de Educação Moral e Religiosa Católica no Sistema de Ensino

A base jurídica que confere legitimidade ao ensino de Educação Moral e Religiosa Católica está consignada na Concordata entre a Santa Sé e a República Portuguesa, retificada em 2004, dando continuação ao que estava regulamentado na Concordata de 1940⁸.

No artigo 19 no *ponto 1* começa por ser referir que:

“A República Portuguesa, no âmbito da liberdade religiosa e do dever de o Estado cooperar com os pais na educação dos filhos, garante as condições necessárias para assegurar, nos termos do direito português, o ensino da religião e moral católica nos estabelecimentos de ensino público não superior, sem qualquer forma de discriminação”⁹.

Nos pontos seguintes é dito que o mesmo ensino será ministrado aquém por ele optar; que o professor tem que ser considerado idóneo pela entidades eclesíásticas para o exercício do ensino de Educação Moral e Religiosa Católica e que os mesmos “são nomeados ou contratados (...), pelo Estado de acordo com a autoridade eclesíástica competente” e, finalmente, que é da competência exclusiva das entidades eclesiais a definição dos conteúdos da disciplina “em conformidade com as orientações gerais do sistema de ensino português”.

⁷ FORUM DO ENSINO RELIGIOSO EM PORTUGAL, *Pessoa Cultura e Fé...*, 59.

⁸ Concordata entre a Santa Sé e a República Portuguesa, de 7 de Maio de 1940 (www.laicidade.org/wp-content/uploads/2007/07/concordata-1940.pdf - acedido em 12.12.2014).

⁹ Concordata entre a Santa Sé e a República Portuguesa, de 18 de Maio de 2004, (www.publico.pt/pptfiles/img_superdestaque/Concordata.VAnotada.pdf - acedido em 12.12.2014).

A lei da liberdade religiosa, Lei 16/2001 de 22 de Junho¹⁰, vem garantir o direito a uma educação religiosa em vários dos seus artigos sendo alguns específicos no que concerne à educação, nomeadamente, o artigo 8, *alínea e*; o artigo 11 e o artigo 21 que, de modo particular, se referem ao ensino religioso nas escolas.

Em 2005, a Lei de Bases do Sistema Educativo, Lei nº 49/2005 de 30 de Agosto, vem reiterar estas prerrogativas. No artigo 7, nomeadamente nas suas alíneas, são referidos os objetivos do Ensino Básico. Na *alínea a* é referido que o mesmo deve:

“assegurar uma formação geral comum a todos os portugueses que lhes garanta a descoberta e o desenvolvimento dos seus interesses e aptidões, capacidade de raciocínio, memória e espírito crítico, criatividade, sentido moral e sensibilidade estética, promovendo a realização individual em harmonia com os valores da solidariedade social”¹¹.

Para além desta alínea, sem descurar as outras, destacasse a *alínea g* (“Desenvolver o conhecimento e o apreço pelos valores característicos da identidade, língua, história e cultura portuguesas”) e a *alínea n* (“Proporcionar, em liberdade de consciência, a aquisição de noções de educação cívica e moral”); que vão de encontro a esta abertura que deve ser promovida no ensino para a formação do indivíduo na sua formação pessoal, familiar, comunitária, social, cultural e histórica.

A Constituição da República Portuguesa,¹² no artigo 36, nº 3, consigna aos pais o direito e o dever quanto à capacidade civil e política e a manutenção da educação dos filhos. Refere, também, no artigo 41º a liberdade de consciência, de religião e de culto e é garantido, através do nº 5, a liberdade de ensino de qualquer religião praticada no âmbito da respetiva confissão. No artigo 43º é garantida a liberdade de aprender e ensinar. E o artigo 67, *alínea c*, alude à cooperação dos pais na educação dos filhos.

Para além da base jurídica, podemos também apontar a base histórica da cultura europeia, nomeadamente da cultura e da história judaico-cristã que marca profundamente a mentalidade do nosso país e que está presente, de modo mais acentuado, a partir da reconquista cristã e do estabelecimento do condado portugalense e mais tarde com o

¹⁰ Decreto Lei 16/2001 de 22 de Junho. Lei da Liberdade Religiosa. Diário da República nº 143, I Série A, Assembleia da República, Lisboa.

¹¹ Decreto Lei nº 49/2005 de 30 de Agosto. Lei de Bases do Sistema Educativo. Diário da República nº 166, I Série A, Assembleia da República. Lisboa.

¹² CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA PORTUGUESA. VII Revisão Constitucional, 2015. Assembleia da República. Lisboa, (www.parlamento.pt > Página Inicial > Legislação – acedido em 12.12.2014).

reconhecimento de Portugal como nação em 1179, a pedido de D. Afonso Henriques, através de uma bula dada pelo Papa Alexandre III, denominada: *Manifestis Probatum*.

Assim, a partir da sua fundação, a Igreja e a monarquia vão caminhar juntas, apesar de alguns incidentes. A Igreja católica vai ser determinante na formação e sedentarização intelectual, ética, cultural, abrangendo os vários setores produtores da mesma, nomeadamente, a arte, a música, as tradições específicas de cada região profundamente marcadas pela religiosidade e por um modo de ser e de ver o mundo particular que imprime, no povo português, uma visão religiosa da realidade que se manifesta em várias formas de religiosidade popular mesmo quando as várias crises e transformações sociais geram impacto.

Partindo desta perspetiva histórica e cultural, Educação Moral e Religiosa Católica ajuda o aluno a adquirir uma educação global e integral, a compreender a sua história e tradição cultural, a compreender a sua identidade, a descobrir um sentido para a vida, a situar-se de modo crítico na sociedade facilitando a sua inserção no meio social e cultural e permite, ainda, uma reflexão organizada e sistemática do fenómeno religioso.¹³

2. O lugar de EMRC na vida escolar dos adolescentes e jovens

Mais do que encontrar razões, sejam elas legislativas, sociais ou históricas, para a existência de Educação Moral e Religiosa Católica nas escolas, há que encontrar uma razão ou razões que sejam fundamentadas no sujeito, que é alvo dessa disciplina e que respostas concretas lhes pode dar, quer a nível pessoal, quer a nível de grupo. Mas para encontrar essas razões há, também, que conhecer os sujeitos para o qual essa mesma disciplina se destina.

Nesta abordagem vai-se focar a atenção nos adolescentes e jovens, no seu mundo, na descoberta que eles vão fazendo do mundo, nas suas aspirações e nas suas inquietações, assim como nos contributos de Educação Moral e Religiosa Católica pode oferecer-lhes e no perfil do professor que trabalhará com eles esta área do saber.

1.1. O mundo dos adolescentes e jovens

Quando o ser humano chega a este mundo já o encontra estruturado, organizado, com uma história e uma cultura. A partir daí vai adquirindo, através da educação, um saber do

¹³ Cf. FORUM DO ENSINO RELIGIOSO EM PORTUGAL, *Pessoa Cultura e Fé...*, 110.

qual se apropria e vai tornar seu e, por sua vez, vai produzir um novo saber. Cada geração que passa por este planeta deixa o mundo social e cultural um pouco diferente daquilo que o encontrou. A pessoa é produto e produtor da cultura, um intérprete da história, reinterpretando-a, acrescentado algo.¹⁴ Hoje os nossos adolescentes e jovens são filhos e filhas dos séculos passados, do pensamento que a precedeu, dos conflitos entre a razão e a fé, do desenvolvimento tecnológico, do mundo virtual no qual ela já nasceu. Os nossos adolescentes e jovens vivem, segundo Massimo Borghesi, numa sociedade “pós-secular”¹⁵. Já não é apenas a dessacralização do mundo, mas o esvaziamento, o niilismo, que se confronta com fundamentalismos religiosos que surgem por todo o lado, com uma ferocidade inaudita. A par desta realidade são bombardeados com o termo “crise”¹⁶ que sobrevém em todos os discursos e parece começar a ser uma desculpa para todas as dificuldades reais e não reais.

A crise monetária, que agora se vive, é a parte mais visível ou mais contundente das “crises” que se foram-se a cumulando: “crise” da razão que se evidencia, escandalosamente, para o pensamento racionalista, na impossibilidade de dar respostas às perguntas fundamentais da vida e do destino humano: o sentido da vida, do mal, da dor e o sentido da morte; “crise” de fé em Deus e na humanidade; “crise” de real marcado pela era do fantástico e pela criação de paraísos virtuais; “crise” de identidade da própria pessoa; “crise” do sentido da existência que deixou de ser considerada como uma saída para fora de si mas passou a ser encarda como um *ser-para-si*.

O ser humano é visto como um ser *subjetivo* num universo de subjetividade que foi arrancado à sua relação com o transcendente e por isso perdeu a sua identidade, as suas referências que o tornavam em algo mais que um sujeito racional finito condenado à morte.¹⁷

¹⁴ Cf. Gimeno SACRISTÁN, *Educar e conviver na cultura global*, Edições Asa, Porto, 2003, 38 e ss.

¹⁵ Massimo BORGHESI, *Secularización y Nihilismo. Cristianismo y cultura contemporánea*, Ediciones Encuentro, Madrid, 2007, 46 e ss.

¹⁶ “O que é a crise? É um aumento da desordem e da incerteza no seio de um sistema (individual ou social). Essa desordem é provocada pelo, ou provoca o bloqueio de dispositivos organizacionais, designadamente reguladores (*feed-back* negativos), determinando, por um lado, rigidezes e, por outro lado, desbloqueios de virtualidades até então inibidas; estas últimas desenvolvem-se de maneira desmedida, enquanto as diferenças se transformam em oposições e as complementaridades em antagonismos”, in Edgar MORIN, *O Paradigma Perdido. A natureza humana*, Publicações Europa-América, Mem Martins, 1973³.

¹⁷ “Se, no plano da inteligência, o homem aparece diante de si mesmo como um mistério, no plano do coração ele descobre-se como um ser dramático, isto é, em conflito interior, dividido em si mesmo, carente daquela harmonia profunda que representaria para ele o absoluto da paz existencial, ou seja, o absoluto da felicidade” in Francisco José RODRIGUE DE MELO, *Revelação, Salvação e Fé*, 21, 22.

Os estruturalistas afirmam que o ser humano está morto,¹⁸ os existencialistas, nomeadamente Sartre, dizem que não é definido porque começa por não ser nada, o ser humano não é mais do que o que ele faz de si mesmo.¹⁹ A morte de Deus levou à morte da pessoa que não consegue mais definir-se!

A rutura com o sagrado, a dessacralização, perpetrada pelo secularismo, levou a um progressivo desencanto do mundo, “abolido o sagrado, a natureza entra plenamente no domínio do objetivável²⁰”.

A secularização, que levou a esta dessacralização do universo e do humano, é um processo demasiado complexo que se enraizou no coração da pessoa e se alargou por todos os sectores da sua vida que eram concebidos como sagrados, nomeadamente a família, a dignidade da vida humana e a sexualidade.

A sede de viver intensamente o momento presente e o de procurar a felicidade nas coisas materiais manifesta o vazio deixado por Deus. A busca pela qualidade de vida surge como algo devastador contra a sacralidade dessa própria vida.²¹

A secularização teve repercussões também a nível da educação acabando por afetar decisivamente a dinâmica da vida escolar na medida que a escola reproduz a cultura, as tendências políticas, as mudanças pelos quais passa a sociedade e os dinamismos e as oscilações dos diversos paradigmas conceptuais que esta atravessa. O subjetivismo, o relativismo, o pluralismo e a multiplicidade de culturas que hoje se encontram nas escolas dos diversos países exigem do sistema escolar uma resposta que vai para além de uma transmissão cultural tradicional de valores que eram próprios do sistema de ensino de cada país. A par desta realidade temos uma sociedade de informação com avanços tecnológicos em catadupa que reequaciona a tradicional função transmissora das instituições escolares. A globalização das comunicações ultrapassa as fronteiras dos países, das sociedades e das culturas.²²

É neste mundo caótico, que tem como pano de fundo o acesso fácil às novas tecnologias, que se vivem os diversos conflitos mundiais, o estiolar de diversas conceções sobre os valores morais e religiosos, a desumanização do humano, o fundamentalismo e o niilismo, que o jovem vive e procura a sua identidade exteriorizando-se, já não em gritos,

¹⁸ Cf. Giovanni REALE, Dario ANTISERI, *História da Filosofia. De Freud à atualidade*, vol. 7 – 20, Paulus Editora, 2006, 83, col. 2.

¹⁹ Cf. Jean-Paul SARTRE, *L'Existentialisme et un Humanisme*, Les Éditions Nagel, Paris, 1970.

²⁰ Manuel da COSTA, *Secularização* in Roque CABRAL (Dir.), Logos, Enciclopédia Luso-Brasileira de Filosofia, Editorial Verbo, 1992, 998, col. 1.

²¹ Cf. JOÃO PAULO II, Carta Encíclica *Evangelium Vitae*, 25 de Março de 1995, (w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/index.html - acedido em 01.12.2013), n. 23.

²² Cf. José Gimeno SACRISTÁN, *Educar e Conviver na Cultura Global*, Asa Editores, Porto, 2003, 28.

nem em manifestações, mas no silêncio ensurdecedor, num fechamento interior ao diálogo que os faz viver isolados dentro do seu mundo ao qual os adultos deixaram de ter acesso porque cortaram com eles os elos de conexão.²³ E os primeiros adultos com os quais os jovens se desconectam são, muitas vezes, os pais, a família.

Partindo daqui pode-se perguntar: “Que família é que têm os jovens hoje?”

Esta pergunta começa a ser difícil de ser respondida porque hoje o conceito de família também sofre de “crise” e de identidade. Falar em família²⁴ tornou-se difícil. Hodiernamente vivem lado a lado famílias no conceito tradicional do termo e famílias que deixaram de ter qualquer conexão com o tradicional.

Também a conceção tradicional de lar, parece, não raras vezes, ser substituída por “dormitório”. A casa, deixou de ser o lar onde se encontravam os membros da família para dialogarem, para repartirem sofrimentos e alegrias, hoje é, quantas vezes, um lugar de desencontro onde o diálogo se fechou, onde a abertura ao outro deixou de ter sentido. Pais e filhos encontram-se sem se conhecerem e o conhecimento deixou de ter interesse para se viver. A intranquilidade face à durabilidade de um relacionamento esmorece os laços afetivos entre esposos e entre pais e filhos.

A família, que era o lugar da criança, do adolescente, do jovem e dos idosos, por excelência, deixou de ser um abrigo de ternura e amor. Não se almoça, nem se janta juntos, cada um vive desligado da presença dos outros.

Os adultos vivem com medo de envelhecerem rodeados por uma sociedade consumista e preocupada com o imediato, com o ter e não com o ser, onde as transformações são galopantes, e a instabilidade do trabalho e dos afetos fazem com que a dúvida e a crise de valores se instale contribuindo para uma fraca definição do papel de mãe e de pai ou porque se encontram mais voltados mais para si próprios e para os seus interesses e realizações pessoais ou porque olham para a adolescência dos filhos como algo desconhecido e inquietante,²⁵ levando à demissão do seu papel de educadores. Por seu lado “os filhos

²³ José VILAR CORREIA, *Espiritualidades e Culturas Juvenis, Proposta de Trabalho*, Universidade Católica, Faculdade de Teologia, Braga, 2014.

²⁴ “A família não é, uma célula indestrutível, mas um espaço emocional onde cada um procura crescer e individualizar-se” in Daniel SAMPAIO, *Inventem-se novos pais*, Editorial Caminho, Lisboa, 2002¹⁴, 35.

²⁵ “No momento atual, adolescência é atingida com os pais em regra com 40 ou 50 anos, eles próprios em plena crise de valores, sentido a adolescências dos filhos como algo desconhecido e inquietante. Em famílias disfuncionais, até então mantidas em equilíbrio precário, o movimento centrífugo causado pelos contactos com o exterior podem determinar uma crise mais ou menos grave, com pedido de ajuda exterior. Mas mesmo em agregados familiares não disfuncionais o aumento da entropia (desordem) no sistema, leva a momentos de desorganização momentânea que pode causar perturbação” in Daniel SAMPAIO, *Vozes e Ruídos. Diálogo com adolescentes*, Editorial Caminho, Lisboa, 2001¹³, 101.

ganharam mais poder, são mais livres e exprimem os seus valores, mas sobretudo o que se modificou foi o “quero, posso e mando” dos pais das gerações anteriores”²⁶.

Os divórcios, cada vez mais recorrentes, estilhaçam vidas principalmente as dos filhos que de repente se vêm desprotegidos, repartidos por guerras entre progenitores que procuram vingar-se um do outro usando e chantageado os mais novos, ou seguem as suas vidas sem se importarem com eles.

Divididos entre casas, sempre de mochila às costas, convivendo com os novos namorados da mãe, com as novas namoradas do pai e com os filhos daqueles que de igual modo caminham perdidos. Outras vezes passam a conviver com os meios-irmãos e as meias-irmãs que vão surgindo.²⁷ O pai, que passa a usar *piercing* e as calças caindo, não quer ser mais olhado como o pai, mas como o melhor amigo do filho, o seu companheiro. A mãe, que teima em comportar-se como uma adolescente com modas extravagantes, deixa de ser uma expressão de carinho e de acolhimento. A falta de trabalho, ou o trabalho precário que leva a criança e o jovem a mudar constantemente de local para acompanhar os pais, ou um dos pais, para poderem sobreviver. Acompanhar esta situação assiste-se à despersonalização dos relacionamentos. O adolescente e o jovem caminham sozinhos, apapicados por uns, criticados por outros, sem rumo, peregrinos que vagueiam por um deserto de grande solidão afetiva, procurando o apoio dos seus pares nesse caminhar. Pares que não conseguem dar-lhes referenciais capazes de construir a sua identidade alicerçada em valores firmes, tornando-os voláteis nos seus gostos, facilmente influenciáveis pelo mundo das modas e do consumo que os manipula facilmente, isolados pelos meios de comunicação que tem vindo a fechar a comunicação entre as pessoas que os rodeiam. A grande falta de diálogo entre pais e filhos bem agudizar este problema. Na maioria das vezes, são os pais que não se mostram disponíveis para terem momentos de diálogo aberto e franco com o seu adolescente, o seu jovem, situação que, muitas vezes se arrasta desde a infância e que é agravada quando as relações entre os cônjuges são tensas e não há um verdadeiro entendimento entre os dois.

Incompreendidos em casa, procuram essa compreensão fora da família. Como eles, há outros adolescentes e jovens que se sentem desintegrados e que procuram evadir-se a esses sentimentos de frustração afetiva. O grupo, que é próprio desta idade,²⁸ funciona como um

²⁶ Daniel SAMPAIO, *Inventem-se novos pais*, Editorial Caminho, Lisboa, 2002¹⁴, 36.

²⁷ Cf. José GAMEIRO, *Os Meus, os Teus e os Nossos. Novas formas de família*, Editora Terramar, Lisboa, 1997, 35-41.

²⁸ “O relacionamento com os amigos e companheiros está estreitamente relacionada com a progressiva independência face à família. Antes da adolescência, ao amigos-conhecidos eram companheiros de brincadeiras que se encontravam em festas de anos, em casa de vizinhos (...). Na adolescência os amigos são sobretudo companheiros de saída à noite, parceiros de jogos nem sempre lícitos, confidentes de aventuras amorosas, espelhos de dúvidas pessoais iniciadores conjuntos de rituais que levam à idade adulta. A atitude

catalisador face à ameaça externa, tornando-se o refúgio do adolescente que se sente perdido na complexidade da sociedade de consumo, individualista e exploradora que o rodeia. Pode também ser encarado como um lugar protetor face à situação familiar em que vive. O grupo fornece-lhe aquilo que os membros da sua família não lhe dão. É no grupo que os adolescentes procuram as suas primeiras informações sobre as grandes questões que os preocupam, nomeadamente a sexualidade. No grupo cada um vai ser influenciado pelos outros e há pressões que se geram e que são, na maior parte das vezes, responsáveis por certas atitudes menos corretas e antissociais que os jovens adotam. O adolescente pode ver o grupo como “o substituo da família em todas as coisas”²⁹.

A iniciação na droga ou no álcool surge, por vezes, da desresponsabilização da família pela educação dos jovens e da pressão dos membros do grupo que se influenciam mutuamente, sendo estes muito suscetíveis pressões dos seus coetâneos. Esta é também a idade em que adolescentes e os jovens têm os seus ídolos (cantores, músicos, atores...), exercendo, também eles, uma grande influência sobre a sua conduta. Muitos destes ídolos consomem drogas e fazem, não raras vezes, apologia das mesmas, como se elas fossem imprescindíveis para o crescimento e a extroversão da personalidade. O álcool é também uma droga que vicia e está a tornar milhões de jovens dependentes dele. É fácil de adquirir, é publicitado em os filmes ou séries, é apresentado como uma bebida afrodisíaca, que dá alegria, ou que alivia o sofrimento, a frustração, a depressão, o vazio, o sentir-se incompreendido, culpado, isolado. Talvez até para tapar um buraco de falta de amor.³⁰ Assiste-se, também, a uma sexualidade vivida cada vez mais precocemente influenciada pelos meios de comunicação social e até pelos programas de educação sexual ministrados nas escolas que esquecem os valores humanos e dignidade da pessoa.

Frente a este cenário poderá o jovem acreditar no amor, na família, na durabilidade de um relacionamento, no futuro? Não será este cenário o suficiente para lançar o jovem na perplexidade, na solidão?

A família que deveria ser um lugar de acolhimento e de segurança que fornecesse os alicerces na formação da identidade dos filhos e dos valores primordiais vai-se desresponsabilizando e deixando que outras instituições tomem a cargo a sua função, nomeadamente a escola que se transformou num depósito de crianças e jovens que vivem

dos pais e educadores face aos primeiros fenómenos de grupo é de maior importância para a evolução do adolescente. É preciso que os adultos mostrem interesse e simpatia pelas novas amizades, evitando a crítica fácil, sobretudo sobre aspetos acessórios (roupa, cabelos, etc.)” in Daniel SAMPAIO, *Vozes e Ruídos. Diálogo com adolescentes*, Editorial Caminho, Lisboa, 2001¹³, 105.

²⁹ Daniel SAMPAIO, *Vozes e Ruídos. Diálogo com adolescentes*, Editorial Caminho, Lisboa, 2001¹³, 105.

³⁰ Cf. *Ibidem*, 121.

entregues a si próprios. Neste cenário “não poucos jovens sentem que o futuro lhes foi retirado. Falta-lhes a certeza de que existe um lugar para eles, de que podem ser úteis”³¹.

E a escola, a nova substituta da família, que oferece atualmente aos jovens que os façam ver o futuro como uma esperança de realização?

Se por um lado a família deixou de ser um lugar de acolhimento, a escola deixou de ser um local onde se vai buscar um saber que serve de garantia para alcançar uma profissão futura. Hoje assiste-se a uma discrepância entre a produção de diplomas e os empregos a que estes dão acesso.

As escolas transformaram-se em albergues³² de crianças e jovens que deambulam sem expectativas, sem interesse pela cultura, pela história porque o saber que ela fornece deixou

³¹ Gunther KLOSINSKI, *A Adolescência Hoje. Situações, conflitos e desafios*, Editora Vozes, Petrópolis, 2005, 63.

³² “Os meninos e a fruta normalizada.

Gosto muito de analogias. É uma forma interessante de ajudar o pensamento a pensar de uma maneira mais divertida.

Então pus-me a pensar assim e reparei que o problema dos meninos que dão ‘problemas’, é como o problema da fruta normalizada.

Descobri que há coisas semelhantes entre a forma como os meninos crescem atualmente e o modo como se trata a fruta. Eu explico-me.

A fruta nasce, muito agarradinha à árvore. Quase sempre se acoita, algures num cantinho cómodo do tronco, sob a proteção de uma folha que é forte e larga, para se proteger de todos os perigos que possam acontecer.

Dantes, por lá ficava e demorava pelo menos o tempo de duas estações, para crescer e amadurecer bem. Havia um tempo grande de esperar para saborear.

Agora, mal a fruta cresce um pouco, vêm os produtores e arrancam-na à força. Encaixotam os pêssegos todos em fila, uns contra os outros, e lá seguem para o armazém, que é uma câmara frigorífica.

Só que a fruta ainda está verde.

Depois, as donas de casa vão às compras. Olham para os pêssegos, dizem ter um aspeto lindo. Compram. Passados dois ou três dias estão ‘tocados’. Levaram só uns toques e estragaram-se. Quer dizer, não tinham amadurecido o suficiente para sair da árvore tão cedo e aguentarem-se bem.

E assim andamos todos a reclamar que a fruta além de não ter gosto, não se aguenta. Estraga-se num instante! (...) Com os meninos, quer dizer connosco, não é muito diferente. (...).

Os meninos nascem e muito pouco tempo depois vão para as creches e para os jardins-de-infância, que são assim uma espécie de armazém, onde ficam às dúzias, para crescer, amadurecer à força e onde uma educadora, quando não vigilante, se esfalfa por fazer tudo. E, faz, certamente muita coisa. Exceto o mais importante. Conhecer e a amar cada menino porque não se pode amar à dúzia.

Assim, ficam perdidos, em salas normalmente barulhentas e apertadas, às vezes em fila, uns contra os outros, para entrar, para sair (...). Para ali andam à toa num ‘como se fosse escola’ que não deve ser, num ‘como se fosse lar’ que também não é.

Frequentemente, ocupam o tempo a treinar ‘coisas escolares’ para crescer e amadurecer à força, para ‘abrir’ a inteligência bem mais preparados para a escola, como se imagina erradamente.

Depois... bom, depois vão para a escola. Alguns não sabem quantos anos têm nem o dia do seu aniversário. Se estamos no Verão ou no Inverno. Nem tão-pouco onde moram, o que fazem os pais, etc. – ‘falhas de identidade’, dizem os técnicos.

Porém, estão bonitos, com o ‘visual’ bem cuidado. Têm bom aspeto. Estão normalizados como a fruta.

É ver, no Verão a caminho da praia, as carrinhas cheias deles, de chapéus todos iguais.

Só que, como a fruta, não amadurecem, normalmente.

Daí para a frente, sofrem uns toques da vida e alguns não se aguentam. Estragam-se. Isto é, adoecem. Tal como na fruta, o bichinho começa a minar na semente, quer dizer, na alma. Adoecem da alma para o corpo. De dentro para fora.

Outros... mais fortes de si próprios, reagem, estrebucham, ou melhor dizendo, ‘portam-se mal’. Dizem-se então que têm problemas de comportamento!... Imaturidade estrutural, etc., quando não se diz coisa pior.

de ser visto como algo capaz de ser vivido e exequível na vida prática. Para muitos a escola deixou de ser uma instituição credível porque há um desfasamento entre as expetativas nela colocadas e possibilidades de concretização dessas mesmas expetativas que se traduzem em indisciplina, absentismo, violência e iliteracia.

A par desta situação a escola está a transformar-se num sistema cada vez mais burocrático e tecnocrata onde os professores se perdem entre o amálgama de papéis, que não se coadunam diretamente com a sua função de ensinar, e as pressões para atingir níveis de sucesso quantitativo onde os conceitos de *qualidade*, *avaliação*, *inovação*, etc. são uma constante quando na verdade a escola passa hoje por um problema de *legitimação* que impede que ela seja eficaz.

A confluência de pessoas de diversos estratos sociais e nacionalidades torna-a heterogenia derivando daí uma complexidade de relacionamentos. No entanto, perante esta heterogeneidade, os conteúdos a serem lecionados aos alunos, continuam a ser impostos pelo Ministério da Educação que propõem metas de aprendizagem que estão desfasadas das expetativas dos jovens e não dão resposta à heterogeneidade que apresenta a escola. Há cada vez mais um abismo maior entre esta e o mundo social.³³

No que concerne aos professores, estes não estão preparados para lidar com os grandes problemas atuais da indisciplina e da insegurança que advém também da falta de meios para dar solução a estas situações. Nas universidades não os prepararam, para esta realidade cada vez mais complexa contribuindo para a criação de uma escola de silêncios.³⁴

Continuando a insistir em ministrar conteúdos, a escola baixa a exigência para atingir *rankings* que devem ser apresentados como sinal de sucesso escolar. Hoje caminha-se mais atrás do sucesso do que da formação do indivíduo. É impossível ensinar sem se ter construído uma identidade³⁵ e sem se dar sentido prático ao que se ensina.

Atendendo à diversidade de indivíduos, a escola deveria voltar-se para essa nova realidade capaz, não só, de preparar pessoas para serem capazes de apreender novos

Será que o frenesim da economia tem alguma coisa a ver com isso, também?...

Cá para mim não é bem assim. Pelo menos da forma como se pensa. E isto do crescer e do amadurecer, ou como dizem os técnicos, o processo de separação/individualização, tem muito que se lhe diga.

E entretanto, todos nós de forma geral, ainda hoje, quando vemos passar um jovem, bem crescido, continuamos a dizer:

- Que belo Pêssego!" in Eulália BARROS, *Pare, escute e olhe (Algumas reflexões sobre a escola e a aprendizagem)*, in Daniel SAMPAIO, *Inventem-se novos pais*, 215-217.

³³ José Gimeno SACRISTÁN, *Educar e Conviver na Cultura Global*, 307 e ss.

³⁴ Cf José Alberto CORREIA, Manuel MATOS, *Solidões e Solidariedades nos Quotidianos dos Professores*, Edições Asa, Porto, 2001.

³⁵ Cf. Umberto GALIMBERTI, *L'ospite inquietant, il nichilismo e i giovani*, Giangiacomo Feltrinelli Editore, Milano, 2007, 17.

Nota: as traduções patentes neste trabalho são da responsabilidade da própria autora.

conceitos que lhe permitam aceder a novas situações, tais como o inesperado – porque no futuro que se antevê a competição surgirá a esse nível – mas também, capazes de desenvolver um clima de cooperação, de interajuda, de alegria, de criatividade, de respeito e tolerância, de sentido de responsabilidade, de liberdade, de sinceridade e fidelidade contribuindo, desta forma, para a de formação e educação do jovem.

Xesús Jares, no seu livro *Educar para a Verdade e a Esperança*, vem mostrar-nos que sem esperança não pode haver educação e que hoje o mundo social peca por falta de esperança. Acrescentar-se-ia que, para além da esperança, que parece estar a desaparecer, é necessária a fé, uma *virtude teologal* importante na vida da pessoa. Se a esperança nos projeta para o futuro, a fé permite ter esperança, permite acreditar que é possível e que há um sentido último na vida, num mundo em que parece carecer de sentido, onde o vazio inquietante se instalou. Mas será a fé ainda necessária numa sociedade que anuncia a morte de Deus? Fará sentido aderir a uma religião numa sociedade em constante mudança?

Hoje a par de um mundo racional onde se enaltece a tecnologia e a liberdade individual, vivesse, por outro lado num sincretismo de crenças que engloba as grandes religiões do mundos e as novas que vão surgindo oferecendo espaços mais apetecíveis povoados de esoterismo apresentados pelos vários meios de comunicação social, nomeadamente, a internet como um arcótipo de convergências distintas onde, muitas vezes, o sagrado se profanou e o profano ganhou o estatuto de sagrado.³⁶

A adolescência, como uma época de vida de transição entre a criança e o adulto, tem mais possibilidade de experimentar estas novas formas de religiosidade deixando-se impregnar por símbolos e imagens que povoam o seu imaginário multirreligioso e até multicultural fornecido pelo fenómeno da globalização³⁷. Hoje é mais fácil o adolescente e o jovem escolherem a sua religião ou viver sem religião nenhuma, contribui para isso, o facto de a família deixar de ter predominância na escolha da religião, ou ela própria apresentar diversidade de crenças entre os seus membros, ou caminhar confusa, ou sem interesse pela mesma. Também se verifica a distância de convivência entre as gerações, nomeadamente entre os avôs e netos que interagem com eles e serviam de transmissores da fé. Para além disso, a religião católica, com todos os seus rituais, por vezes não compreendidos nem apreendidos, deixou de ter interesse para os adolescentes e jovens.

A evolução vertiginosa, a que se assiste diariamente, põem em crise a fé nomeadamente a civilização da técnica que absolutiza a ciência e provoca antagonismo entre

³⁶ Eulália BARROS, *Pare, escute e olhe (Algumas reflexões sobre a escola e a aprendizagem)*, in Daniel SAMPAIO, *Inventem-se novos pais*, 225.

³⁷ Cf. José Gimeno SACRISTÁN, *Educar e Conviver na Cultura Global*, 299 e ss.

razão e a fé a que Robert Peter George chama “ortodoxia secularista”³⁸ e a civilização do consumo que procura o bem-estar que leva a prescindir de Deus e da salvação eterna. A vida eterna deixa, assim, de ser um atrativo, “para os jovens de hoje, a fé é uma língua estrangeira”³⁹. Os jovens aprenderam a viver sem Deus, para muitos é uma hipótese nem sempre muito atrativa ou até absurda. A recusa de Deus pode também surgir como uma afirmação de liberdade num mundo onde impera pluralismo de origens étnicas, línguas, religiões e comportamentos, levando a sociedade a cair no relativismo e subjetivismo exacerbado onde a crise das ideologias leva a privatizar a fé. Também a crise de confiança marca este período. Falta de confiança na família, nos amigos, na escola... o que os leva à falta de confiança em Deus. Numa cultura que valoriza a autonomia da pessoa, onde cada um reivindica a sua opinião e as suas convicções, os adolescente e os jovens, na procura da sua identidade, revelam-se contra tudo o que seja imposição e doutrinação vindo do que é tradicional e não é compreendido.

Esta amálgama pode manifestar-se no subjetivismo no qual o jovem tende a construir a sua própria religião que se revela na tendência a selecionar as crenças das várias religiões que estejam em conformidade com o seu modo de ser e de estar, levando à recusa do catolicismo tradicional. O relativismo ético pode levar o adolescente a pensar que o cristianismo é apenas mais uma das explicações dadas aos problemas da existência.⁴⁰

Além disso, parece que os adolescentes e jovens, dentro da Igreja, têm sido deixados ao abandono. As paróquias não têm lugares onde eles possam esclarecer as suas dúvidas. Os párocos andam demasiado ocupados entre as diversas paróquias para darem essas respostas. Não se encontram, também, leigos com formação e com disponibilidade capazes de irem ao seu encontro num compromisso profundo capazes de lhes oferecer um rosto de Jesus cativante. Diz Armando Matteo: “Sei que esta afirmação é «politicamente incorreta», mas a impressão que tenho é de uma Igreja ainda não seriamente apaixonada pelo anúncio do Evangelho às novas gerações”⁴¹.

Embora a maioria dos jovens afirmem a existência de Deus, e alguns tenham uma imagem de Deus que corresponde a formulações doutrinárias, Jesus Cristo é visto como um homem extraordinário, mas não O reconhecem como filho de Deus. Isto acontece porque existe um conhecimento deficiente sobre Jesus; há uma projeção dos seus desejos Nele sem

³⁸ Robert Peter GEORGE, *Choque de Ortodoxias. Direito, Religião e Moral em Crise*, Edições Tenacitas, Coimbra, 2008, 28.

³⁹ Armando MATTEO, *A Primeira Geração Incrédula. A difícil relação entre os jovens e a fé*, Paulinas Editora, Prior Velho, 2013, 11.

⁴⁰ Cf. Fernanda MOREIRA, *Formação de Catequistas. Curso Intensivo*, Editora Bubok Publishing, Lisboa, 2012, 118-120.

⁴¹ Armando MATTEO, *A Primeira Geração Incrédula. A difícil relação entre os jovens e a fé*, 57.

que haja um questionamento sobre quem realmente será. Há, uma ausência de uma leitura de fé sobre Jesus o que faz com que olhem para Ele apenas como um homem extraordinário, há uma tendência emotivo-afetiva, ou seja, Jesus é aceite na medida em que satisfaz e soluciona uma situação de carência, há, ainda, uma escassa referência eclesial o que leva a que façam uma aproximação direta aos evangelhos e interpretem de modo pessoal a pessoa de Jesus.

“Os jovens precisam de ajuda para encontrar resposta para as suas dúvidas; para que se torne eficaz uma fé como opção por Deus e uma fé integrada na vida; para que tenham uma experiência de grupo capaz de os abrir à fé e à comunidade eclesial; para que haja um trabalho que crie modelos atraentes que torne credível a mensagem evangélica e a necessidade de todos se esforcem para construir uma Igreja como comunidade que ofereça espaço de liberdade, comunhão e responsabilidade e se mostre solidária com os problemas da pessoa humana⁴².

Mas essa ajuda tem que estar voltada para ir de encontro do coração da pessoa humana, pois é aí local onde pode brotar a fonte da fé.

«Voltar à fonte. Esquecer o esquema das canalizações e dos aquedutos pastorais que apenas dão água. Buscar as fontes da fé, sempre subterrâneas, mas que afloram cedo ou tarde na vida. É ali, onde a pessoa fatigada, encontra o prazer de beber, o gosto da água, o gosto de viver e reviver. Voltar à fonte, e mais do que conduzir os crentes é mais do que entrar num sistema. É antes de tudo tentar extrair a experiência espiritual que brota da vida, o que faz pressentir o essencial, o que desperta, que põem em marcha, o que faz viver. É aprender a reconhecer, nas diversas etapas da vida, esta fonte que o Espírito faz surgir no coração dos seres, como um dom, como uma fecundação nova»⁴³.

É a partir deste mundo estilhaçado em que os adolescentes e os jovens vivem que se deve procurar o sentido de Educação Moral e Religiosa Católica no Sistema de Ensino.

⁴² Fernanda MOREIRA, *Formação de Catequistas. Curso Intensivo*, 121.

⁴³ ASAMBLEA DE LOS OBISPOS DE QUÉBEC, *Propener hoy la fé a los jóvenes: una fuerza para vivir*. Documento de Orientación, Março de 2000, (www.iglesiaenlaroja.org/juventud/quebec.pdf - acedido em 23.01.2015), 7.

1.2. Contributos de Educação Moral e Religiosa Católica para a construção da identidade dos adolescentes e jovens num mundo secularizado

Poderá a Educação Moral e Religiosa Católica contribuir para a construção da identidade dos jovens num mundo secularizado?

É a esta questão, com a qual se inicia este ponto, que se irá procurar responder, partindo da visão da Igreja católica e do ponto de vista da educação integral da pessoa na escola pública.

Sendo a escola uma instituição social tem como função a promoção e a formação dos alunos buscando o seu desenvolvimento e socialização. Não pode limitar-se apenas a transmitir matérias curriculares mas também valores, nomeadamente o respeito pelas diferenças, pelos mais velhos, pelos mais pobres e pelos mais fracos.⁴⁴ A disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica estando na escola como uma componente curricular, embora de escolha facultativa, e partindo daquilo que nos dizem os bispos portugueses, tem como grande finalidade a

“formação global do aluno, que permita o reconhecimento da sua identidade e, progressivamente, a construção de um projeto pessoal de vida. Promove-a a partir do diálogo da cultura e dos saberes adquiridos nas outras disciplinas com a mensagem e os valores cristãos enraizados na tradição cultural portuguesa”⁴⁵

Esta disciplina procura, não a conversão, mas acompanhar a religiosidade dos jovens e capacitar cada um a numa relação positiva consigo mesmo, com os outros, com o meio ambiente e com Deus, intensificando assim a sua qualidade de vida como membro da comunidade local e mundial.⁴⁶

“Com um conhecimento mais profundo, uma inteligência moral cultivada e um pensamento crítico, as crianças e os adolescentes estarão melhor preparados para enfrentar os desafios e tomar as decisões mais adequadas num mundo caracterizado por uma ampla gama de influências e possibilidades”⁴⁷

A juventude pode converter-se num período de solidão existencial marcado pela descoberta de um novo mundo que se abre e se projeta para o futuro. Nessa projeção, em

⁴⁴ Cf. Jorge RIO CARDOSO, *O professor do Futuro*, Guerra e Paz, Editores, Lisboa, 2013, 260.

⁴⁵ FUNDAÇÃO DO SECRETARIADO NACIONAL DE EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, Edição Secretariado Nacional da Educação Cristã, 2014, 5.

⁴⁶ Cf. CONSELHO INTER-RELIGIOSO DE EDUCAÇÃO ÉTICA PARA AS CRIANÇAS, *Prender a Viver Juntos, Um Programa intercultural e Inter-Religioso para a Educação Ética*, Editora Fundação Arigatou, Genebra, 2009, 24.

⁴⁷ *Ibidem*, 24.

busca de certezas e num questionamento contínuo, são colocadas interrogações que necessitam ser respondidas e compreendidas. Estas abarcam a vida social, a vida familiar, a vida das instituições religiosas e o estado. Tudo é colocado em questão. O jovem procura dar respostas à sua angústia existencial, marcada por mudanças corporais, de modo a encontrar um equilíbrio num mundo demasiado complexo, demasiado competitivo, e até demasiado subjetivo em que pululam diversos modos de vida, demasiados relativismos éticos, demasiados subjetivismos. O sentido da vida, a existência de Deus, as verdades aceites até então sem grandes questionamentos podem ser colocadas em dúvida. Na procura de um sentido para a vida, procura-se um sentido transcendente, de uma aspiração íntima de plenitude que não se consegue encontrar face à queda dos grandes ideais: do amor, da família, da segurança, da religiosidade, entre outros. O jovem pode ser levado a afastar-se e a desacreditar das instituições, nomeadamente, a desacreditar da formação de uma família estável e duradoura, a desacreditar da religião, por não encontrar respostas para as suas dúvidas, ou porque as respostas dadas por esta não se enquadram na sua vida concreta e a desacreditar da escola como um lugar que lhe fornecerá uma formação que lhe garanta, no futuro, o acesso a uma profissão estável.

Educação Moral e Religiosa Católica, estado na escola, espaço onde o jovem passa a maior parte do seu dia, pode converter-se num espaço privilegiado, único, onde os alunos podem falar das suas experiências, colocar questões, mas também dar-se conta de que esta disciplina está voltada para a realidade concreta deles, para os seus problemas que procura, não dar “receitas”, mas propor caminhos, desafios, explorar “mundos”, a estabelecer relações pessoais num mundo cada vez mais fechado no individualismo, na exaltação do *eu* e acima de tudo, propor uma itinerário de vida. Essencialmente, Educação Moral e Religiosa Católica, pressupõe um *caminhar com* o jovem na procura do sentido da vida, no respeito pela vida humana e pela dignidade do ser humano integral respeitando as suas dimensões sociais, biológicas e espirituais. Um espaço onde se aprendam valores como a tolerância, a solidariedade, a esperança e o respeito pela consciência do outro, a descodificar o imediato, as experiências de vida tanto de cada um como daqueles que nos precederam ou caminham connosco, na aceitação das diferenças, no compromisso com as grandes causas humanas com os mais necessitados, na alegria de compreender, na alegria como reforço da confiança em si, na vida e no mundo.⁴⁸ na promoção da verdade, na educação das emoções, no aprender a conviver “que significa conjugar a relação entre a igualdade e a diferença”⁴⁹.

⁴⁸ Cf. Xesús JARES, *Educar para a Verdade e a Esperança*, Edições Asa, Porto, 2006, 233.

⁴⁹ *Ibidem*, 253.

Tendo isto em consideração, os docentes que ministram esta disciplina devem ter em conta que os jovens estão num período extremamente crítico com atitudes que podem tocar a rebeldia, dispostos a enfrentar a autoridade dos adultos, tutela do qual eles se querem emancipar sem quererem acatar as exigências que lhes são feitas.

Por vezes, a pergunta coloca-se: Porque frequentar uma disciplina se “não vale” para passar? O desafio do professor de Educação Moral e Religiosa Católica está em fazer compreender ao aluno que o sentido da vida está para além do sentido prático, imediato.

Sendo a juventude um período de transição para a maturidade, o jovem necessita de adquirir um sentido crítico e de reflexão que o ajude a um julgamento moral onde os valores éticos deverão ser assumidos de modo pessoal e firme numa sociedade cada vez mais marcada pelo pluralismo moral de modo a saber conviver com esta amálgama sem contudo naufragar. Para que isso aconteça, é necessário ter um espírito elucidado sobre as suas próprias convicções e crenças. Educação Moral e Religiosa Católica pode orientar o adolescente para fazer as suas escolhas de modo a iniciar um processo de estruturação e formação da sua personalidade e da sua identidade futura. Em relação à família, fazê-lo tomar consciência que a sua experiência familiar pode não ser das melhores, mas que a família é imprescindível para o bem da sociedade, é um dom de Deus onde o homem e a mulher realizam a sua vocação para o amor no acolhimento e educação dos filhos; em relação a Deus, construir com eles uma nova e verdadeira imagem, deixando para trás a imagem de Deus infantil baseada na qualidade das pessoas com quem o identificaram, de modo a procurar um sentido profundo de vida em Deus. Em relação há sociedade, levar o jovem aperceber-se do seu papel e assumir responsabilidades no futuro da humanidade.

Os adolescentes e jovens querem encontrar um sentido pleno para a sua vida e, por isso, é pedido ao educador que consiga ver para além das aparências, ler com inteligência do coração e da razão as situações de vida onde se insere os jovens, dar-se conta que estes não gostam de uma religiosidade imposta, mas estão disponíveis a descobri-la. Por isso o educador deve ser um companheiro de viagem,⁵⁰ a gerar caminhos, que levem o jovem a descobrir a beleza do evangelho, a reler a sua vida; a reconciliar-se com a sua história pessoal; a descobrir a beleza dos outros; a estabelecer relações com o outro centradas na empatia; a trabalhar a linguagem do amor, da comunicação pessoal e corporal num mundo marcado pelo digital, pela despersonalização onde é desvalorizada a pessoa do outro na sua profundidade e na sua riqueza deixando de ser considerado uma realidade viva, começando a

⁵⁰ Cf. José VILAR CORREIA, *Espiritualidades e Culturas Juvenis, Proposta de Trabalho*.

ser visto como um objeto; a salvaguardar e a defender a dignidade do outro,⁵¹ a desenvolver a responsabilidade individual e coletiva; a descobrir valores universais em termos concretos “que determinam atitudes e padrões de conduta, como o amor e compaixão, a justiça e igualdade, honestidade e generosidade, não-violência e autocontrole”⁵². Em suma, o professor Educação Moral e Religiosa Católica deve procurar transformar os alunos em pessoas.

A Igreja através da Carta Pastoral de 2006, promulgada pela Conferência Episcopal Portuguesa, intitulada “*Educação Moral e Religiosa Católica: um valioso contributo para a formação da personalidade*”, no seu número 6, vêm ao encontro daquilo que atrás foi dito no que concerne à função desta disciplina como serviço à educação integral dos alunos:

“O contributo da EMRC para o desenvolvimento das crianças, dos adolescentes e dos jovens, parte do reconhecimento da ‘componente religiosa como fator insubstituível para o crescimento em humanidade e em liberdade’. Nessa perspetiva, a Educação Moral e Religiosa Católica ajuda a amadurecer as interrogações sobre o sentido da vida e mostra que ‘o Evangelho de Cristo oferece uma verdadeira e plena resposta, cuja fecundidade inexaurível se manifesta nos valores de fé e de humanidade, expressos pela comunidade crente e arraigados no tecido histórico e cultural das populações da Europa’. A dimensão religiosa é constitutiva da pessoa humana. Por isso, não haverá educação integral, se a mesma não for tomada em consideração; nem se compreenderá verdadeiramente a realidade social, sem o conhecimento do fenómeno religioso e das suas expressões e influências culturais. A Educação Moral e Religiosa Católica tem, pois, um alcance cultural e ‘um claro valor educativo’. Orienta-se para ‘formar personalidades ricas de interioridade, dotadas de força moral e abertas aos valores da justiça, da solidariedade e da paz, capazes de usar bem a própria liberdade’”⁵³.

Partindo, assim, da análise feita ao mundo dos adolescentes e dos jovens, incidindo sobre a família, a escola, a fé e os contributos que Educação Moral e Religiosa Católica para a construção da identidade do adolescente e do jovem num mundo secularizado, podemos verificar que estes, hoje, habitam um mundo inquietante marcado por mudanças abruptas que os lançam num presente povoado de inquietações e numa projeção de futuro de sombras.⁵⁴ O esvaziamento das relações humanas num mundo cada vez mais voltado para o

⁵¹ Cf. CONSELHO INTER-RELIGIOSO DE EDUCAÇÃO ÉTICA PARA AS CRIANÇAS, *Prender a Viver Juntos*, 11.

⁵² *Ibidems*, 9.

⁵³ CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *A Educação Moral e Religiosa Católica: um valioso contributo para a formação da personalidade* (www.agencia.ecclesia.pt/noticias/documentos/2270/ - acedido em 13-12-2014).

⁵⁴ Pessoas que procuram o aconselhamento psicológico “são pessoas cujo sofrimento não tem uma verdadeira origem psicológica, mas refletem a tristeza generalizada que caracteriza a nossa sociedade contemporânea,

digital, para o virtual onde o *eu* se esvazia, ao mesmo tempo que esse mesmo *eu* procura predominância sobre o outro, fechando-se num egocentrismo exacerbado.

A escola que procura apenas a eficácia de métodos para atingir números de sucesso esquecendo a componente humana e a transmissão de valores, transforma o adolescente e o jovem num mero recetor sobre o qual despeja um saber acumulado acentuando a competição, a passividade e o desinteresse em vez da solidariedade e promoção dos valores éticos e morais, embora, também, como se de um contra censo se tratasse, promova a cooperação entre pares e até o voluntariado.⁵⁵ Por outro lado a escola pautasse pela uniformidade ignorando o pluralismo das situações dos adolescentes e jovens que a povoam.

O prolongamento da escolaridade obrigatória veio aumentar também os seus problemas, a escola é uma micro sociedade onde se espelha a macro sociedade e onde se refletem os diversos problemas nela existentes. A proibição de trabalhar leva os jovens ao desinteresse por esta parte essencial e de realização do ser humano. Quem não experimenta na sua vida as dificuldades passa a olhar para a vida como sendo um eterno facilitismo em que tudo é dado sem esforço.

No que concerne à família, verifica-se um endeusamento das crianças, dos adolescentes e dos jovens retardando a maturação. Tudo se desculpa, tudo é desculpabilizado. Muitos jovens são eternas crianças que não sabem lidar com as frustrações provocadas pelos fracassos com que diariamente são confrontados. A instabilidade familiar, a insegurança, o medo, degenera, quantas vezes, na ausência de correção na conduta destes e por isso crescem sem reconhecer ou querem reconhecer o bem e o mal. Neste dilema a crença em Deus pode parecer dispensável, tanto mais que a cultura religiosa destes adolescentes e jovens é deficiente e, por isso, muitas das suas ideias de Deus é antropomórfica baseada nas imagens que lhes foram transmitidas na infância. Sem valores, sem família, sem certeza, sem fé, muitos jovens caminham sequiosos por entre os labirintos do consumismo e do hedonismo. A morte de Deus anunciada por Nietzsche leva à morte da pessoa anunciada pelo estruturalismo. Sem um sentido de vida, a vida perde o sentido.

A disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica, estado na escola, sujeita a regras como as outras disciplinas e a experimentar os problemas dos adolescentes e jovens no seu quotidiano, poderá procurar caminhos que vão de encontro ao coração destes, poderá provocar a sede naqueles que andam sequiosos e cansados das águas salobras com que o

atravessada por um sentimento permanente de insegurança e precariedade” in Umberto GALIMBERTI, *L'ospite inquietant, il nichilismo e i giovani*, 12.

⁵⁵ Cf. CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, Carta Pastoral Sobre a Educação, *Direito e Deve. Missão Nobre ao Serviço de Todos*, 2002 (www.educris.com – acedido em 13.12.2014).

mundo globalizante e cheio de contradições os vai *enchendo esvaziado*. É no meio deste vazio que o ensino religioso pode, não *encher* o jovem, mas propor-lhe caminhos a percorrer, pontes que os levem a tornar a sua vida mais humana e mais voltada para o sentido último da sua existência: Deus.

1.3. Perfil do professor

Ao fazermos uma reflexão sobre o perfil do professor vamos seguir duas linhas de orientação, uma dada pelo professor Jorge Rio Cardoso⁵⁶ e outra dada pela Conferência Episcopal Portuguesa e pela EDUCRIS, no que concerne à especificidade dos professores de Educação Moral e Religiosa Católica, sem contudo, descurar o mundo onde se insere o adolescente e o jovem e o lugar que ocupa a disciplina no Sistema de Ensino.⁵⁷

O professor é uma pessoa que vive inserida dentro de um tempo histórico, de uma sociedade e de uma comunidade escolar com as suas características próprias. Não é um ser autómato mas alguém que engloba e vive diferentes dimensões: a pessoal, a afetiva, a familiar, a social, entre outras. Uma pessoa que tem uma história e uma identidade única e que é chamado, por vocação ou por qualquer outra circunstância para essa função, a desempenhar um papel ativo na construção da sociedade através da educação das gerações mais jovens. Um papel magnífico e de grande responsabilidade que tem tanto de assombroso como de desafiante num mundo que apresenta um desenvolvimento vertiginoso emparelhado entre a exaltação do indivíduo e desenvolvimento tecnológico. Neste mundo, em permanente evolução e sobressaltos, e inserido num meio escolar que apresenta uma grande diversidade de indivíduos e até de culturas “o professor é incontestavelmente um modelo de conduta e de civismo para os seus alunos”⁵⁸ que deve procurar que seu trabalho seja sempre de excelência, ou seja, que pode ser sempre melhorado. Para isso aconteça, deve ter um conhecimento de si mesmo e das suas limitações de modo a lidar com elas e até pedir ajuda para as superar, procurando, a nível científico adquirir conhecimentos que lhe permitam estar à vontade nos vários conteúdos que irá lecionar. Deve, também, fazer o possível por estar sempre atualizado de modo a reforçar as suas competências, e possuir um conhecimento da história, da sociedade e da comunidade onde está integrado devendo estabelecer pontes com os vários interlocutores pois não está só dentro de um sistema, mas é

⁵⁶ Jorge RIO CARDOSO, *O professor do Futuro*, 60-82.

⁵⁷ Atualmente regulamentado pelo Decreto-Lei nº 70/2013, de 23 de maio, Diário da República nº 99, I Série, Ministério da Educação e Ciência, Lisboa.

⁵⁸ Jorge RIO CARDOSO, *O professor do Futuro*, 25.

tão-somente uma parte desse mesmo sistema no qual deverá trabalhar a interdisciplinaridade, mas também a transdisciplinaridade.⁵⁹

O seu papel deverá ir para além de um transmissor de um saber, deverá ser, também, o transmissor de valores que ele próprio vive no seu dia-a-dia, tal como a honestidade, o amor à verdade, a solidariedade e a preferência pelos mais débeis. Ao mesmo tempo deve ser, ainda, capaz de transmitir um sentido de responsabilidade pelas atitudes tomadas e pelos princípios defendidos em sociedade, onde parece que os valores se esfumam, de modo a desenvolver o sentido crítico baseado num conhecimento sólido e não apenas numa crítica superficial e desprovida de conhecimentos consistentes. Isto pressupõe que o docente tenha uma identidade solidamente estruturada sem contudo se impor, mas permitir abrir caminhos e educar para as escolhas.

O professor deve estar atento, antever os problemas de modo a encontrar soluções para eles sem se fechar no inconformismo, pedindo ajuda aos seus pares, se for necessário. Não desistir de chegar aos objetivos delineados, redefinindo-os, questionando-se constantemente sobre as suas metodologias quando as mesmas não alcançam os resultados esperados, inovando os programas, adequando-os àqueles alunos com os quais trabalha naquele momento. Olhar para os alunos sem formular pré juízos procurando fazer uma avaliação constante de si e deles de modo adequar estratégias de ensino aprendizagem. Deve, também, para isso, utilizar a língua portuguesa corretamente adaptando-a aos alunos para que eles o compreendem, e deve escrever com correção.

Para além destes atributos, o professor de Educação Moral e Religiosa Católica tem algumas especificidades próprias da área curricular que leciona. Ele não é somente um professor, ele é também um enviado, que atua na comunidade escolar em nome da Igreja e que procura estar no mundo e para o mundo sendo testemunho de um Boa Nova que constantemente tem que ser atualizada e vivificada pelo seu testemunho de fé e de coerência pessoal entre o que ensina e o que vive tendo

“em conta as condições legais de qualificação científica e pedagógica, o jeito e o gosto pela missão educativa, a capacidade de relação e de integração escolar, o equilíbrio e a maturidade

⁵⁹ “A transdisciplinaridade é uma abordagem científica que visa a unidade do conhecimento. Desta forma, procura estimular uma nova compreensão da realidade articulando elementos que passam entre, além e através das disciplinas, numa busca de compreensão da complexidade. Além disso, do ponto de vista humano, a transdisciplinaridade é uma atitude empática de abertura ao outro e seu conhecimento” in, João Bernardes DA ROCHA FILHO, *Transdisciplinaridade: A natureza íntima da Educação Científica*, Editora Edipucrs, Porto Alegre, 2007, 131.

humana, o testemunho de uma vida cristã coerente e comprometida eclesialmente, a disposição para assumir as orientações diocesanas e nacionais neste domínio do ensino”⁶⁰.

Assim, para além de ter que possuir uma bagagem científica, pedagógica e didática, deve ter uma bagagem teológica que lhe permita interpretar os acontecimentos atuais à luz da Mensagem de Cristo capaz de apontar caminhos, e de compreender as mutações sociais e olhar para elas como sinais dos tempos.

O professor de Educação Moral e Religiosa Católica deve olhar para o educando como protagonista de todo o processo de ensino aprendizagem “em que o educando participa ativamente no processo educativo, caminhando para a gradual construção como ser autónomo e em relação harmoniosa”⁶¹, tendo consciência que todo o seu trabalho é, diariamente, um desafio numa sociedade secularizada.

⁶⁰ CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, A Educação Moral e Religiosa Católica: um valioso contributo para a formação da personalidade, (www.agencia.ecclesia.pt/noticias/documentos/2270/ - acedido em 13-12-2014), n. 5.

⁶¹ CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *Carta Pastoral Sobre a Educação: Direito e Dever - Missão Nobre ao Serviço de Todos*, (www.agencia.ecclesia.pt/.../educacao-direito-e-dever-missao-nobre-ao-se - acedido em 10.12.2014), n. 13.

Após se ter procurado compreender o lugar da disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica, quer na escola, quer na vida dos adolescentes e jovens e os contributos que a mesma pode fornecer para fomentar o seu desenvolvimento, numa sociedade profundamente secularizada, ir-se há entrar na análise da Carta Encíclica do Papa Bento XVI, *Deus Caritas Est*. A análise desta irá ser o *sol* à luz do qual gravitará a planificação da unidade letiva 2 do 6º ano de escolaridade do programa de Educação Moral e Religiosa Católica.

Assim, os dois pontos deste segundo capítulo irão refletir sobre o amor de Deus de um Deus que é amor, e sobre revelação que Ele faz de Si à humanidade ao longo da história até aos nossos dias para melhor compreender e experimentar a grandiosidade deste amor infinito que vai ao encontro da pessoa para que cada um possa salvar-se e ter a vida eterna.

1. Apresentação e análise crítica da Carta Encíclica

1.1. Forma e conteúdo

Deus Caritas Est, é a primeira Carta Encíclica⁶² escrita pelo Papa Bento XVI, dada em Roma dia 25 de Dezembro de 2005. O título da Carta Encíclica é retirado da primeira carta de S. João, capítulo 4, versículo 16 (“Deus é amor, e quem permanece no amor permanece em Deus, e Deus nele”).

Este documento, após a introdução, que ocupa o n. 1, está estruturada em duas partes. A primeira parte com o título: *A unidade do amor na criação e na história da salvação* (ns. 2-18) e segunda com o título: *Caritas – A prática do amor pela Igreja enquanto “comunidade de amor”* (ns.19-39). Finaliza com uma conclusão (ns. 40-42).

Numa sociedade secularizada em que a indiferença religiosa e a sobrevalorização da pessoa humana como atuante no mundo adquiriram uma importância inimaginável, o Papa Bento XVI, de um modo humilde e magnífico, vem-nos apresentar Deus como Amor levando-nos diretos ao coração da fé cristã, diretos ao coração de Deus que, desprendidamente e, num amor louco e apaixonado, vem à procura do que está perdido. E nesse encontro de Deus com a Sua criatura mostra-nos, também, como pode ser vivido esse

⁶² *Litterae Encyclicae* - Carta Encíclica - é um documento pontifício dirigido aos bispos de todos os países do mundo e, através destes a todos os fiéis. O texto oficial das encíclicas é publicado em latim, nas *Acta Apostolicae Sedis*.

amor por Deus que se deve concretizar no amor pelos irmãos, porque amor por Deus só se pode realizar plenamente quando o ser humano vive voltado para o outro e não se fecha no egoísmo.

Na *Introdução* o Papa Bento XVI começa por frisar isso mesmo, Deus ama-nos tanto que enviou o seu filho ao mundo para que cremos nele e possamos ter a vida eterna (cf. 1Jo 3,16), mas esse amor que nós é dado gratuitamente e como dom, deve abrir-se ao outro em gratuidade. Este amor dado por Deus, que nos amou primeiro, deixa de ser um mandamento e passa a ser a resposta da pessoa “ao dom do amor com que Deus vem ao nosso encontro”(n.1).⁶³

O Papa Bento XVI faz alusão ao facto de que no mundo atual o nome de Deus está ligado, muitas vezes, à vingança, ao ódio e à violência, e, por isso mesmo, deseja falar do amor de Deus que deve ser dado a conhecer a todos. Ainda faz alusão às duas partes em que se irá dividir a encíclica. A primeira de índole mais especulativa, uma reflexão teológico-filosófica sobre o amor nas suas dimensões - *eros, philia, ágape* – de modo a especificar alguns dados essenciais sobre o amor de Deus pela pessoa humana e da relação que este amor tem com o amor humano. A segunda parte, de caráter mais concreto, vai tratar da prática eclesial do amor e irá apresentar o modo como a Igreja leva acabo o mandamento do amor ao próximo.

A primeira parte da Carta Encíclica, intitulada *a unidade do amor na criação e na história da salvação*, está subdividida em cinco pontos dos quais se passará a fazer uma síntese.

1. Um problema de linguagem (n. 2)

Neste ponto o Papa mostra-nos que uma das questões decisivas na nossa vida se coloca sobre quem é Deus e quem somos nós (cf n. 2) sendo que o primeiro obstáculo a ser contornado é um problema de linguagem no que concerne ao termo “amor” na medida em que hodiernamente se tornou um termo muito usado e abusado perdendo o seu significado ou adquirindo outros que contrariam a verdadeira essência do amor. Por isso vai refletir de modo a encontrar, no meio da pluralidade semântica, uma definição de amor que possa tornar compressível o que é o amor de Deus, ou melhor Deus como amor.

⁶³ BENTO XVI, Carta Encíclica, *Deus Caritas Est*, dado em 25 de Dezembro de 2005, Editorial Apostolado da Oração, Braga, 2013².

2. “Eros” e “Ágape” - diferença e unidade (ns. 3-8)

O amor entre um homem e uma mulher, na Grécia antiga designava-se por “eros”, este amor não nasce da inteligência nem da vontade, mas é imposto ao ser humano. Há ainda duas palavras que são utilizadas para se referir ao amor, são elas: “*philia*” (amor, amizade) e “*ágape*”. Os escritos patentes no Novo Testamento privilegiam esta última. “*Ágape*” é a novidade do evangelho, é o amor purificado, ablativo. Neste ponto é referido a crítica que desde o iluminismo é feita ao cristianismo e que tem a sua expressão mais predominante em Nietzsche quando este refere que o cristianismo teria dado veneno a beber ao “eros”. O Papa Bento XVI vai mostrar que não é assim. Embora o “eros” tenha sido celebrado como força divina, o Antigo Testamento opõe-se ao modo como este era celebrado mas não o combate, combate, sim, a perversão em que este desemboca. Porque a divinização do “eros” priva-o da “sua dignidade, desumaniza-o” (n. 4) O “eros” assim entendido não permitirá a ascensão da pessoa até Deus mas sim a sua degradação, por isso, o “eros” precisa de purificação para que este não se reduza ao prazer de um instante mas encontre beatitude que leve a pessoa humana a antever Deus, para a qual tende todo o seu ser. Para que isso aconteça é necessário amadurecimento, e renúncias que o conduz o “eros” a uma verdadeira grandeza. É na unificação entre o corpo e alma que a pessoa encontra a sua perfeita unidade. O cristianismo recusa todo o dualismo antropológico da alma e do corpo que é ilustrado no diálogo entre Grassendi e Descartes que o Papa Bento XV refere no n. 5.

Quando o “eros” é reduzido a “puro sexo” há uma degradação total do homem, o corpo deixa de ser a expressão total da pessoa. Tomando como o exemplo o poema *Cântico dos Cânticos*, o amor na sua plenitude consiste na procura do bem do amado até ao sacrifício.

O “eros” e o “ágape” devem caminhar em equilíbrio para realizar mais verdadeiramente a natureza do amor. Embora o “eros” comece por ser ambicioso, à medida que se aproxima do outro deverá procurar a felicidade dele, mas a pessoa que dá também tem que receber pois não pode viver apenas do amor ablativo.

A novidade do cristianismo esta em unir o “eros” e “ágape”, o amor humano com o amor espiritual, assim como o amor humano com o divino.

3. A novidade bíblica (ns. 9-11)

A grande novidade da Sagrada Escritura é a revelação de uma nova imagem de Deus diferente dos povos que estão à volta do mundo da Bíblia. Essa novidade é que há apenas

um único Deus que criou o céu e a terra e todas as criaturas. Isto mostra que a criatura humana, de modo especial, é querida e amada pois foi desejada por Deus. O Deus de Israel ama pessoalmente! Este amor de Deus manifesta-se através do “*eros*” mas é também “*ágape*”. Esta evidência verifica-se nas descrições patentes em Oseias e em Ezequiel onde esse amor se apresenta como “*eros*”, através de imagens eróticas, mas também se apresenta como “*ágape*”. Deus ama, não apenas de um modo possessivo e ciumento, mas vai mais longe, o Seu amor é capaz de perdoar e é tão imenso que “volta Deus contra si próprio, o Seu amor contra a Sua justiça” (n.10). Esse amor, totalmente ablativo e infinito que volta Deus contra si próprio, vai-se concretizar na pessoa de Jesus Cristo de modo radical.

Em Deus o “*eros*” é purificado e enaltecido, “tão purificado que se funde com ‘*ágape*’”(n.10).

A segunda novidade que nos é apresentada é a “imagem do homem”. O primeiro relato que se encontra na Bíblia fala da solidão do primeiro homem na medida em que não encontra entre as criaturas, uma que lhe seja semelhante. Então Deus dá-lhe uma auxiliar.

O “*eros*” está enraizado na natureza da pessoa, o homem deixa “pai e mãe” para encontrar a mulher, só unidos representam a totalidade humana. Num segundo aspeto, esta orientação baseada na criação, o “*eros*” impele a pessoa para o matrimónio, a uma realização caracterizada pela unicidade e para sempre. Um amor uno e definitivo, assim como Deus para com o seu povo. O modo de Deus amar torna-se a medida do amor humano. “Esta estreita ligação entre “*eros*” e matrimónio na Bíblia quase não encontra paralelos literários fora da mesma” (n.11).

4. Jesus cristo – o amor encarnado de Deus (ns.12-15)

O Antigo e o Novo Testamento estão interligados, a novidade apresentada no Novo Testamento está em Jesus Cristo, o próprio Deus, na pessoa do Filho, vem à procura do que estava perdido. Quando Jesus fala nas Suas parábolas da ovelha perdida e da mulher que procura o dracma, do pai que sai ao encontro do filho pródigo, mostra o seu próprio agir. Na morte na cruz cumpre-se o virar de Deus contra Si próprio, aquele amor com que Ele se entrega para levantar a pessoa e salvá-la. A partir do lado trespassado de Cristo é que é possível definir em que consiste o amor de Deus. Amor e cruz não são contraditórios, mas a cruz torna-se na manifestação de amor mais sublime de Deus que quer projetar-se na história da humanidade. Este sacrifício de Deus é o cume do amor. Perante o mistério da dor, só este amor de Deus, revelado em Jesus Cristo, tem uma resposta definitiva.

Mas este amor de Deus ainda vai mais longe, Jesus, através da Eucaristia, deu a este ato de entrega uma presença duradoura, o *Logos* tornou-se alimento para a pessoa. Agora não estamos apenas na presença de Deus mas estamos em comunhão com Ele. Esta comunhão com Cristo tem um carácter abrangente, pois em Cristo fica-se unido a todos aqueles que o comungam. A união com Cristo une-nos a todos os outros pelos quais ele se entrega. O amor a Deus e o amor ao próximo estão agora verdadeiramente unidos e daqui se compreende que a Eucaristia seja verdadeiramente “ágape”, só aqui se compreende verdadeiramente os ensinamentos de Jesus sobre o amor. Ou seja, a Eucaristia não me une apenas a Deus, mas une-me a todos os que comungam de modo a formarmos um só corpo em Cristo (1Cor 10,17). A entrega que Jesus se faz de Si leva cada cristão não só a entregar-se a Deus mas a entregar-se a todos os irmãos e irmãs, unidos em Cristo. É partir daqui que se deve compreender a relação entre fé e culto e as parábolas mais importantes de Jesus como é o caso da parábola do Bom Samaritano (Lc 10,25-27) que nos vem mostrar que o próximo são todos aqueles que precisam de mim. Jesus identifica-se com os necessitados, os famintos, os sedentos... No amor ao próximo encontramos a Jesus e em Jesus encontramos a Deus.

5. Amor a Deus e amor ao próximo (ns.16-18)

É possível amar a Deus sem o ver? O amor pode ser mandado?

A estas perguntas é referido que é possível amar a Deus através do amor ao próximo, pois quem não ama o próximo que vê, não pode amar a Deus que não vê (1Jo 4,20). E quanto ao amor, este não pode ser mandado, ele é um sentimento que pode existir ou não, não pode ser criado pela vontade humana, é um dom de Deus. Mas apesar de Deus nos ser invisível Ele revela-se, Ele tornou-se real entre nós, em Jesus.

A segunda parte da Carta Encíclica, intitulada *caritas – A prática do amor pela Igreja enquanto “comunidade de amor”*, está subdividida em seis pontos os quais, que de igual modo, vão ser apresentados e feita uma síntese dos seus conteúdos.

1. A caridade da Igreja como manifestação do amor trinitário (n. 19)

Neste número da Carta Encíclica, começa-nos por mostra-nos a Trindade como fonte da caridade. Jesus foi enviado ao mundo por amor para redimir a pessoa humana, quando morreu entregou o Seu Espírito. E o Espírito, que é enviado depois da Sua ressurreição, transforma o coração da comunidade eclesial no mundo como testemunha do amor do Pai. É sobre o serviço da Igreja exercido na caridade que vai tratar esta segunda parte.

2. A caridade como dever da Igreja (ns. 20-25)

O amor ao próximo radicado no amor a Deus é um dever de cada um e também da comunidade eclesial quer seja a nível local, particular ou universal. A Igreja enquanto comunidade deve praticar o amor. O amor enquanto direcionado para o serviço ao outro tem necessidade de organização e isso acontece desde a primeira igreja (At 2,44-45), para que a ninguém falte o necessário.

Nesta primeira comunidade, os apóstolos instituíram homens cheios do Espírito Santo (At 6, 1-6) para desempenharem um serviço social, ficando a partir desse momento institucionalizado também o serviço do amor ao próximo. Ao mesmo tempo que é praticada a caridade são administrados os sacramentos e o anúncio da Palavra.

O Papa Bento XVI dá alguns exemplos, descreve a atividade caritativa de Justino relacionada com a Eucaristia e alude a Tertuliano que descreve a solicitude dos cristãos pelos necessitados que suscitava a admiração dos pagãos. Inácio de Antioquia designa a Igreja de Roma como aquela que preside a caridade.

Este serviço, passado alguns anos ganha estatuto jurídico. A partir do século IV, no Egito surge a diaconia, vários mosteiros ficam responsáveis pelo serviço caritativo. Estas diaconias expandem-se para oriente e para ocidente sendo documentadas em Roma e em Nápoles a partir do século VII e VIII.

O Papa faz referência ao imperador Juliano, o Apóstata, ao restaurar o paganismo vai inspirar-se no cristianismo pelo qual manifesta admiração pela sua atividade caritativa. Neste ponto, o Papa Bento XVI põem em evidência dois pontos:

- a natureza da Igreja exprime-se no tríptico dever: anúncio da Palavra de Deus, celebração dos sacramentos e serviço da comunidade, presentando-se estas três atividades como inseparáveis;
- a Igreja é a família de Deus no mundo e porque isso não deve haver ninguém que sofra por lhe faltar o necessário, mas esta caridade deve estender-se para além da Igreja impondo-se, como no Bom Samaritano, a universalidade do Amor que vai ao encontro do necessitado. O apelo vai para a prática da caridade para com todos, mas principalmente para com os irmãos na fé.

3. Justiça e caridade (ns. 26-29)

Nestes números é feita alusão ao pensamento marxista que surgiu no século XIX. Segundo este, os pobres não teriam necessidade de caridade mas de justiça. Apesar de não ser totalmente errado esta posição e o estado deva garantir a cada um o necessário no respeito pelo princípio de subsidiariedade, a verdade é que, a partir da revolução industrial as antigas estruturas sociais foram dissolvidas e apareceram novas massas de operários que ficaram privados dos direitos essenciais.

O Papa admite que tarde os responsáveis da Igreja se aperceberam deste problema, mas houve pioneiros que se deram conta como o bispo Ketteler de Mogúncia (1877), organizações, associações e novas congregações religiosas que se puseram em campo contra as situações de pobreza, doenças e situações de carência a nível educativo. Surgiram cartas encíclicas do Magistério da Igreja começando com Encíclica *Rerum Novarum* de Leão XIII, 1891, Encíclica de Pio XI *Quadragesimo anno*, em 1931, Encíclica de Paulo VI *Populorum Progressio*, 1967, e de João Paulo II três Encíclicas: *Laborem Exercens* (1981), *Sollicitudo Rei Socialis* (1987) e *Centesimus Annus* (1991).

O que mostra que, perante as novas situações sociais, a Igreja foi desenvolvendo uma doutrina social. Para definir a relação entre justiça e caridade é preciso ter em conta que:

- a) A ordem da sociedade e do estado é um poder político que se deve reger segundo a justiça.

A Igreja deve fazer clara distinção entre aquilo que pertence ao Estado e aquilo que pertence à Igreja. O Estado não pode impor a religião mas deve garantir a paz entre as diversas religiões.

O Estado para praticar a justiça deve ser purificado para que não seja ofuscado pela cegueira do interesse e do poder e é aqui que a política toca a fé, ela serve

para purificar a razão, Deus liberta-a da sua cegueira para melhor realizar a sua missão.

- b) O amor - *caritas* - será sempre necessário o amor nunca é supérfluo “Quem quer desfazer-se do amor prepara-se para se desfazer do homem” (n. 28). Haverá sempre situações de carência em que é necessário o amor.

A Igreja não só assegura e oferece o amor à pessoa mas também ajuda a pessoa a nível espiritual pela força do Espírito Santo. Todos os fiéis devem trabalhar por uma ordem justa e embora atividade do Estado não possa confundir-se com as manifestações da caridade eclesial, a caridade deve animar a vida dos leigos e a sua atividade política vivida como “caridade social”.

4. As múltiplas estruturas de serviço caritativo no atual contexto social (n. 30)

Os meios de comunicação tornaram o planeta mais pequeno aproximando as pessoas e as culturas, possibilitam que se conheçam melhor as necessidades de todos os que o constitui, apelando para partilhar a sua situação e dificuldades devendo a caridade abranger todas as pessoas.

O processo de globalização pôs ao dispor imensos instrumentos para prestar ajuda humanitária aos mais necessitados sendo que a solicitude pelo próximo tende alargar os horizontes pelo mundo inteiro. O Estado e associações humanitárias apadrinham iniciativas com essa finalidade através de subsídios ou descontos fiscais. A solidariedade civil supera a dos indivíduos.

O nascimento de numerosas formas de colaboração entre as estruturas estatais e eclesiais, revelam-se propícias à formação de organizações caritativas, ao aparecimento do voluntariado que se ocupa de uma pluralidade de serviços.

Na Igreja, assim como em outras igrejas e comunidades eclesiais, tem aparecido novas formas caritativas e o ressurgimento de outras antigas. A Igreja católica, como nos diz João Paulo II na Encíclica *Sollicitudo Rei Socialis*, deve colaborar com as organizações caritativas dessas igrejas e comunidades na medida em que todas têm a mesma motivação e reconhecem na pessoa humana a imagem de Deus e quer ajudá-las a levar uma vida digna. Todos os cristãos se devem empenhar para fazer reinar o respeito pelos direitos e necessidades de todos, em especial os mais necessitados, conforme sublinha a Encíclica *Ut unum sint* de João Paulo II.

5. O perfil específico da atividade caritativa da Igreja (n.31)

Verifica-se o aumento de diversas organizações que se dedicam a suprimir as necessidades das pessoas necessitadas e isso torna-se possível porque o próprio imperativo de Deus sobre o amor está inculcado na natureza da pessoa humana. O Papa vem dizer que este aumento da atividade caritativa também se deve à perseverança do cristianismo no mundo, como foi o caso do imperador Juliano o Apóstata, propagando-se para além da fé cristã. Necessário é que a atividade caritativa da Igreja não se dissolva na organização assistencial comum tornando-se uma simples variante da mesma. Há elementos essenciais da caridade no cristianismo sendo eles:

- a) A caridade, que pode advir de determinadas circunstâncias, é, em primeiro lugar, uma resposta a uma determinada situação: saciar os famintos, vestir os nus... Mas a caridade que exige mais, como por exemplo o cuidar dos doentes, deve ser promovida por pessoas competentes que saibam o que estão fazendo. Mas, para além da competência profissional, esta caridade deve basear-se numa experiência de encontro pessoal com Cristo, requerendo uma “formação de coração” que suscite nessas pessoas o amor pelo próximo.

- b) A caridade cristã deve ser independente de partidos e ideologias. A atividade caritativa não é um meio para mudar o mundo, é atualização daquele amor de que a pessoa tem necessidade.
Embora o pensamento marxista tenha dito que quem ajuda o necessitado se coloca ao serviço do sistema de injustiça, bloqueando o potencial revolucionário, a caridade cristã importa-se com a pessoa de hoje, independentemente da ideologia política não sacrifica a pessoa em nome de um futuro.

- c) O amor cristão deve ser gratuito e não concretizado para conseguir outros fins, outros objetivos, tendo Deus sempre presente sem no entanto impor a sua fé. O cristão sabe quando é o tempo de falar de Deus e quando é o tempo de guardar silêncio deixando falar o amor, dado que amor é o melhor testemunho de Deus. As organizações caritativas da Igreja devem reforçar esta consciência nos seus membros.

6. Os responsáveis pela ação caritativa da Igreja (ns. 32-39)

O verdadeiro responsável pela ação caritativa da Igreja é a Igreja começando pelas paróquias, passando pelas Igrejas particulares até à Igreja universal. Foi instituída pelo Pontifício Conselho *Cor Unum*, criado pelo Papa Paulo VI como instância da Santa Sé responsável pela orientação e coordenação entre as organizações e as atividades caritativas promovidas pela Igreja católica.

A Igreja deve ser uma instituição de disponibilidade para servir todos os que dela necessitam, sendo que o bispo deve ser bondoso e compassivo para com os necessitados e cabe-lhe a ele, no âmbito da sua diocese, coordenar as diversas obras de apostolado. Mas a ação caritativa deve ser sempre acompanhada de amor.

Aquele que trabalha deve evitar duas tentações, o de se sentir superior face àquele que ajuda e o desânimo frente à imensidade das necessidades. Mas devemos confiar em Cristo e colocar-se à sua disposição e rezar. A beata Teresa de Calcutá é um exemplo dessa união a Deus na oração e do serviço aos irmãos em amor e despreendimento. A oração reafirma-se como importante face ao secularismo.

Conclusão (ns. 40-42):

Como conclusão são apresentados os santos que praticaram a caridade que nos mostra que o encontro com Deus, que é amor, impele ao serviço ao próximo. Esses são homens e mulheres portadores da fé, da esperança e da caridade. Aqui é apresentada Maria a Mãe de Jesus, ela que serve como modelo de santidade, empenhada na caridade ao serviço, não se coloca no centro, mas ao serviço, encontrando-se na oração, colocando-se à disposição das iniciativas de Deus. É uma mulher em quem se congrega a fé, a esperança e a caridade.

1.2. Análise crítica da Carta Encíclica

Após se ter feito uma síntese dos conteúdos da Carta Encíclica *Deus Caritas Est*, e atendendo à profundidade da sua mensagem que toca diversas dimensões, far-se-á uma análise da mesma, tentando penetrar nesta realidade que é o Amor de Deus, de um Deus que é Amor, sob duas dessas dimensões: a novidade do amor de Deus, e resposta da pessoa ao amor de Deus.

Primeira dimensão: a novidade do amor de Deus.

O Papa Bento XVI diz-nos, na Carta Encíclica *Deus Caritas Est*, que o “amor de Deus por nós é questão fundamental e coloca questões decisivas sobre quem é Deus e quem somos nós” (n. 2). Se a pessoa não souber responder à questão sobre quem é Deus acaba também por não saber definir-se. Ao definir-se Deus como amor determina-se também a compreensão da pessoa humana e a sua forma de vida à luz da experiência feita da história de um povo, o *Povo de Deus*, e à luz e de um homem, Jesus Cristo.⁶⁴

O Deus de amor é uma das primeiras novidades apresentadas pelo Papa Bento XVI nesta Carta Encíclica que estava encoberta por algumas imagens erradas que se foram criando sobre Deus e que tornaram incompreensível o Seu amor pela humanidade.

Deus que nos é revelado na Sagrada Escritura é um Deus que ama pessoalmente com um amor de predileção (n. 9) com o objetivo de salvação. É um amor tão grande que entregou o Seu Filho amado (cf. Jn 3,16) para tomar sobre si os nossos pecados (cf. Rm 4,25; 1Pd 2,24; 1Jn 2,2; 4,10). Ele é bom pastor (Jo 10,11), o que vai à procura do que estava perdido, o que acolhe o filho pródigo (Lc 15, 11-32), que faz raiar o sol tanto para os bons como para os maus (Mt 5,45).

“Deus não é o inimigo da pessoa humana, mas o seu amigo. Deus não é um Deus dos mortos mas dos vivos e não quer a morte do pecador mas que ele se arrependa e viva. Deus é muito mais do que um ser extraordinário e está muito acima do ser humano e que exige ser amado. O Deus cristão é o único verdadeiro, é um Deus que nos quer e nos ama, um Deus que é o ‘Emanuel’, o Deus conosco, Mais ainda, um Deus que é amor”⁶⁵.

Deus está ao lado dos que sofrem, dos que são oprimidos “Ele identifica-se com todos os que são insultados e com todos os que são postos de parte”⁶⁶. Apresenta-se, em Jesus Cristo, como um Deus humilhado, ferido pelos nossos pecados. Em Mateus (Mt 25, 31-46), é-nos mostrado que Deus não sofre apenas com o inocente, mas sofre na pessoa do inocente.

Este Deus, é um Deus próximo, um amor que nos amou primeiro (1Jn 1-10) que não é vingativo mas que se condoí porque toda a criatura lhe é querida e foi desejada por Ele (n. 9). A paixão de Deus por cada um de nós concretiza-se num amor pessoal e de predileção. Num amor gratuito, fiel, irrevogável, misericordioso, compassivo, que não se deixa vencer,

⁶⁴ Cf. Florentino MUNÓZ MUNÓZ, *Presentación de la Encíclica de Benedicto XVI: Deus Caritas Est*, in Manuel Lázaro PULIDO (ed.), *El Amor de Dios que es amor. Reflexiones en torno de la Encíclica de Benedicto XVI Deus Caritas Est*, Ediciones Instituto Teológico “San Pedro de Alcántara”, Cáceres, 2007, 42.

⁶⁵ *Ibidem*, 40.

⁶⁶ *Ibidem*, 40.

nem pelas infidelidades, nem pela ingratidão ou rebeldia. Ele ama apaixonadamente e este amor apaixonado e até ciumento pode ser qualificado como “eros” que é, ao mesmo tempo, ablativo e por isso é “ágape” (n. 9).

Ezequiel e Oseias, os profetas apontados pelo Papa Bento XVI nesta Carta Encíclica como aqueles que nos mostram o amor de Deus pelo Seu povo, em imagens eróticas arrojadas, mostram a relação de Deus com Israel em termos de um amor “de acolhimento, de ternura e bondade, de misericórdia e de perdão”⁶⁷ que se revela como um Deus e não como um homem face ao abandono e ao ‘adultério’:

“Como poderia eu abandonar-te, ó Efraim, ou trair-te, ó Israel? Como poderia eu tratar-te como Adama, ou tornar-te como Seboim? Meu coração se revolve dentro de mim, eu me comovo de dó e compaixão. Não darei curso ao ardor de minha cólera, já não destruirei Efraim, porque sou Deus e não um homem, sou o Santo no meio de ti, e não gosto de destruir” (Os 11,8-9).

Deus é como o amante apaixonado que promete a felicidade à sua noiva”⁶⁸:

“Por isso a atrairei, conduzi-la-ei ao deserto e falar-lhe-ei ao coração. Dar-lhe-ei as suas vinhas e o vale de Acor, como porta de esperança. Aí ela se tornará como no tempo de sua juventude, como nos dias em que subiu da terra do Egito. Naquele dia - diz o Senhor - tu me chamarás: Meu marido, e não mais: Meu Baal (...). Desposar-te-ei para sempre, desposar-te-ei conforme a justiça e o direito, com benevolência e ternura. Desposar-te-ei com fidelidade, e conhecerás o Senhor” (Os 2,16-18.21-22).

Estas e outras imagens que aparecem em Ezequiel (Ez 16,3-16.30-31.38.60-62) Deus mostra o seu amor apaixonado e misericordioso. Mas para além destes dois profetas referidos na Carta Encíclica *Deus Caritas Est*, há outros que mostram o amor que Deus, por exemplo o segundo Isaiás revela-nos Deus como um esposo que perdoa a infidelidade da esposa, que procura ser amado e que sofre por não ser amado (Is 5,4).

Quando se dá o encontro com um Deus de amor apaixonado pela sua criação, a pessoa pode encontrar resposta para o que é.

Vemos que à solidão do primeiro homem, Deus responde-lhe com a criação de uma auxiliar. Esta solidão vem mostrar-nos que o homem é feliz na complementaridade com o outro, diferente de si. Mostra que o “eros” está enraizado na pessoa humana que procura o outro (n.11), representando ambos a humanidade inteira.

⁶⁷ Florentino MUNÓZ MUNÓZ, *Presentación de la Encíclica de Benedicto XVI: Deus Caritas Est*, in Manuel Lázaro PULIDO (ed.), *El Amor de Dios que es amor...*, 42

⁶⁸ *Ibidem*, 42.

Se o ser humano foi criado por Deus à sua imagem⁶⁹ e semelhança e Deus é amor, o homem e a mulher são, também, “um mistério de amor”⁷⁰. Mas este amor de Deus vai ainda mais longe, é ainda mais ousado, revela-se numa pessoa, assume um rosto humano (Jn 14,9), manifesta-se no concreto da vida, desce à natureza humana, encarna-a. Esta é a grande novidade do amor de Deus (n.17).

“Deus não abandonou a pessoa no abismo do pecado e da morte e da condenação eterna, mas sai à sua procura estendendo-lhe a mão para O encontrar quem o procure. E tanto nos amou que quando se cumpriu a plenitude dos tempos nos enviou o Seu Filho para que se realizasse o seu projeto e desígnio de salvação. Na vida e na morte somos do Senhor”⁷¹.

É no encontro do ser humano, com a pessoa de Jesus que a vida muda e encontra o seu sentido, converte-se.⁷² É este encontro com a Pessoa de Jesus que nos chama a uma vida de comunhão com o Pai, a uma opção de vida. “O cristão é aquele que descobre o amor de Deus como um presente imerecido, abre a sua mente e o seu coração para acolhê-lo e vive a sua existência como resposta ao seu dom de amor que cada dia vem ao seu encontro na pessoa de Jesus Cristo”⁷³. Com a sua encarnação uniu-se a todos os seres humanos e manifesta plenamente à pessoa o que ela é, o mistério do ser humano “só no mistério do Verbo encarnado se esclarece verdadeiramente”⁷⁴. E é na encarnação que definitivamente se dá o encontro entre Deus e o ser humano. O Filho de Deus fez-se homem para nos tornar

⁶⁹ “A imagem sempre representa algo, remete para outra coisa que está para além de si mesma, mostra algo que não é em si mesma. O ser-imagem-de-Deus significa, sobretudo, que o homem não pode ficar fechado em si mesmo, e se o faz engana-se. ‘Ser-imagem-de-Deus significa remissão, estar remitido ou entrar em relação. É a dinâmica que põe em movimento o homem a aproximar-se de todos os outros. Significa, pois, *capacidade de relação*; é a capacidade divina do homem. Como consequência o homem torna-se homem num maior grau quando sai de si mesmo, quando chega a ser capaz de dizer a Deus: Tu. Dai que à pergunta o que diferencia concretamente o homem do animal e em que é que consiste a sua máxima novidade se deve responder que o homem é o ser que Deus foi capaz de imaginar, é o ser que pode orar e que está no mais profundo de si mesmo quando encontra a relação com o seu Criador. Por isso, ser-imagem-de-Deus significa também que o homem é um ser da palavra e do amor, um ser em movimento até ao outro, destinado a dar-se ao outro e precisamente nesta entrega de se recupera a si mesmo’. E dar-se a si mesmo é precisamente o amor” in Ramón Piñero MARIÑO, *El amor como relación. Reflexiones sobre el amor en algunos escritos de Joseph Ratzinger*, in Manuel Lázaro PULIDO (ed.), *El Amor de Dios que es amor. Reflexiones en torno de la Encíclica de Benedicto XVI Deus Caritas Est*, 2007, 44

⁷⁰ Florentino MUNÓZ MUNÓZ, *Presentación de la Encíclica de Benedicto XVI: Deus Caritas Est*, in Manuel Lázaro PULIDO (ed.), *El Amor de Dios que es amor...*, 44.

⁷¹ *Ibidem*, 45.

⁷² Conversão: “Pecador que retorna a Deus depois de se ter afastado d’Ele” in Piero PETROSILLO, *O Cristianismo de A a Z. Dicionário da Fé Cristã*, Edições São Paulo, Lisboa, 1996, 72, co.1. Objeto de análise na aula dois subordinada ao tema: *O anúncio do Reino de Deus*.

⁷³ Florentino MUNÓZ MUNÓZ, *Presentación de la Encíclica de Benedicto XVI: Deus Caritas Est*, in Manuel Lázaro PULIDO (ed.), *El Amor de Dios que es amor...*, 46.

⁷⁴ DECRETO PASTORAL *Gaudium et Spes: A Igreja no Mundo Atual*, in CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II, *Documentos conciliares e pontificios*, Editorial Apostolado da Oração, Braga, (1962 -1965), 1992¹¹, n. 22, 359.

filhos e Deus. Embora Deus ninguém o tenha visto, Ele não é de todo invisível. Ele que nos amou primeiro, vem até junto de nós em Jesus tornando visível o Seu amor misericordioso e mostra-nos um amor eterno no alto da cruz. “Em Jesus esta atitude amorosa e perdoadora de Deus no Antigo Testamento, alcança de forma extrema, inaudita e dramática pois Nele, Deus se fez um conosco, nosso irmão e inclusive sacrifica a sua vida por nós”⁷⁵.

Esse amor de Deus revelado em Jesus manifestasse no acolhimento dos pecadores, no encontro com as pessoas (Bom Samaritano, ovelha perdida, dracma⁷⁶). Na Sua morte na cruz⁷⁷ onde se realiza esse pôr-se Deus contra si próprio (n.12) num amor eterno. “Este grande Deus humilhado e crucificado é mais amigo da pessoa do que a própria pessoa.”⁷⁸

A Eucaristia é um sacramento de amor instituída por Cristo antes da sua paixão e morte para se estender a toda a humanidade, a todas as gerações necessitadas de misericórdia e do amor de Deus. Este é um amor ablativo, “ágape”, que se realiza na Eucaristia, que nos une não somente a Cristo mas a toda a humanidade, formando um só corpo com Cristo Jesus (Rm 12,5; 1Cor 10,17). É na Eucaristia em que o amor a Deus e o amor aos irmãos se une e se concretiza.

Segunda dimensão: resposta da pessoa ao amor de Deus⁷⁹.

Perante o amor infinito de Deus, como pode a pessoa humana responder a esse amor?

A pessoa humana pode responder ao amor de Deus porque primeiro foi amada (cf. 1Jn 4,10), e o amor veio ao seu encontro numa iniciativa divina. Não é a pessoa, por si só, que descobre que pode amar a Deus, mas é Deus, que é amor, que vem ao encontro da pessoa num convite, numa aliança, numa Pessoa, Jesus Cristo, a Palavra de amor que se entregou totalmente à pessoa humana.⁸⁰

Jesus vem mostrar como se pode responder⁸¹ ao amor divino de uma forma radical, Ele é o testemunho vivo desse amor a Deus pela Sua criatura vivendo-a no seu dia-a-dia.

⁷⁵ Florentino MUNÓZ MUNÓZ, *Presentación de la Encíclica de Benedicto XVI: Deus Caritas Est*, in Manuel Lázaro PULIDO (ed.), *El Amor de Dios que es amor...*, 49.

⁷⁶ Parábolas abordadas na aula quatro subordinado ao tema: *O amor ao próximo como acesso ao Reino de Deus*.

⁷⁷ Objeto de análise nas aulas seis e sete subordinadas ao tema: *A paixão e morte de Jesus; A Ressurreição*.

⁷⁸ Florentino MUNÓZ MUNÓZ, *Presentación de la Encíclica de Benedicto XVI: Deus Caritas Est*, in Manuel Lázaro PULIDO (ed.), *El Amor de Dios que es amor...*, 50.

⁷⁹ Objeto de análise na nona aula subordinada ao tema: *A resposta da pessoa ao amor de Deus*.

⁸⁰ Cf. René LATOURELLE, *Teologia da Revelação*, Edições Paulinas, São Paulo, 1985³, 425.

⁸¹ “A palavra não se torna realidade senão no *encontro* com esse *tu*. Encontro que pode atingir diversos graus de profundidade. Inicialmente tende a estabelecer o contato. Mas o seu desígnio espontâneo é que a palavra e a resposta cheguem a ser um diálogo autêntico, reciprocidade, comunhão, comprometimento mútuo. A reciprocidade é a condição para o encontro efetivo. Há encontros em que a reciprocidade é compreendida

Jesus encarna a misericórdia de Deus, o amor ablativo, “ágape” capaz de se doar totalmente. Essa doação é também um diálogo de amor entre um *eu* e um *tu*. O *Eu* de Deus e o *tu* humano, entre o qual se estabelece uma comunhão, um diálogo de amor. Assim, através de Jesus Cristo, Deus revela-se à pessoa e a pessoa responde-lhe pela fé.⁸² Quando a “pessoa se abre a Deus que fala, comunga com o Seu pensamento, deixa-se conquistar e dirigir por Ele, Deus e o homem encontram-se e esse caminho torna-se comunhão de vida”⁸³

Quando em S. João refere que, para respondermos ao amor de Deus temos que guardar a Sua palavra e viver como Ele viveu (cf. 1Jo 2,5-6), este encontro com o Amor exige que a pessoa seja testemunho vivo desse Amor, obrigando-a partilhar a sua vida, não apenas com Deus, mas com os irmãos, em obras de amor.

A pessoa humana criada à imagem e semelhança de Deus “pode relacionar-se com Ele e com os seus semelhantes pois também ela é um ser pessoal. Contemplando Deus, o ser humano vem a descobrir o que significa ser pessoa”⁸⁴ e torna-se capaz de relação e de comunhão que pressupõe amor pelo outro, porque embora o ser humano seja um ser individual que se pode fechar ao outro, é um ser voltado para fora e “o facto de ser criado à Sua imagem, significa que a pessoa é um ser pessoal, como Deus o é, e significa, além disso, que um e o outro são chamados a relacionar-se”⁸⁵.

A Carta Encíclica *Deus Caritas Est* põe isso mesmo em evidência, a resposta da pessoa humana ao amor de Deus não passa unicamente por responder ao amor de Deus, mas passa, essencialmente, por se traduzir no amor ao próximo. Essa resposta abarca duas vertentes, por um lado o dever de amar a Deus (Dt 6, 4-5), por outro o dever de amar o próximo (Mt 12,33). Estas duas vertentes ganham uma nova dimensão em Jesus Cristo e o amor deixa de ser apenas um mandamento, mas passa a ser a resposta ao dom do amor com que Deus vem ao nosso encontro (n.1)

“Se alguém disser: Amo a Deus, mas odeia seu irmão, é mentiroso. Porque aquele que não ama seu irmão, a quem vê, é incapaz de amar a Deus, a quem não vê” (1Jn 4,20). Aqui está presente “o nexa individual entre o amor a Deus e o amor ao próximo” (n.16). E no amor a Deus que se torna possível amar quem não agrada ou se não conhece (n.18).

como intercâmbio na igualdade; é porém no encontro de amor que a reciprocidade se completa. Reciprocidade que nasce de uma revelação e de uma doação. Esse encontro que tende a ser um diálogo no amor, encontramos-lo no plano infinitamente mais elevado da revelação e da fé” in LATOURELLE, *Teologia da Revelação*, 432.

⁸² Cf. René LATOURELLE, *Teologia da Revelação*, 432.

⁸³ *Ibidem*, 432.

⁸⁴ Jesus GARCIA ROJO, *Se Deus é Amor o que é o Homem*, in José-Ramán FLECHA (coord), Professores da Universidade Pontifícia de Salamanca, Gráfica de Coimbra, Coimbra, 2007, 139.

⁸⁵ Jesus GARCIA ROJO, *Se Deus é Amor o que é o Homem*, 141.

A amizade com Deus leva-nos amar aqueles a quem Deus ama. Mas esta resposta de amor a Deus não pode ficar só no pessoal, embora possa ser aqui, mas é também de toda a Igreja que deve por em prática o amor (n. 20).

Aquele que não ama o próximo fica separado de Deus, quem não é capaz de amar o próximo não é capaz de amar a Deus. Aquele que ama a Deus não pode amar-Lo de um modo exclusivo, mas ao olhar para Deus como Pai vê que essa paternidade é universal e torna-nos irmãos e irmãs, e toda a humanidade forma uma família que leva a superar os limites sociais, religiosos, nacionais, porque Cristo se deu por todos. Pela encarnação o Filho, o Verbo Divino, fez-se solidário⁸⁶ com toda a humanidade até ao ponto de se entregar num ato expiatório, de assumir o pecado por nós. Jesus assumiu a natureza humana de modo completo e radical, de modo a transformar essa solidariedade em justiça e felicidade no encontro com os mais pobres, os excluídos, os pecadores, acolhendo-os com amor. O mistério divino da morte, da ressurreição é um ato divino de um alcance tal que vai para além da história e que está patente ao longo da história da humanidade, capaz de nos abarcar a todos.⁸⁷ Esta é também uma novidade que contempla o amor de Deus pela humanidade e o amor da humanidade por Deus que se concretiza em reconhecer a dignidade do outro como um irmão, uma irmã, um filho e uma filha também prediletos do mesmo Pai.⁸⁸ O amor de Deus abarca todos os homens e mulheres e

“o sinal visível com o qual o cristão testemunha ao mundo e aos outros, à sua família o amor de Deus é o amor pelos irmãos. O mandamento do amor a Deus e ao próximo é o primeiro não porque está no topo da lista dos mandamentos. Jesus não o coloca no alto, mas no centro, porque é o coração de onde tudo deve partir e para onde tudo deve retornar e ser referência”⁸⁹.

A resposta da pessoa humana ao amor de Deus passa, assim, pelo amor ao próximo⁹⁰.

“No Antigo Testamento a exigência de ser santo, à imagem de Deus que é santo, incluía o dever de cuidar dos mais fracos, como o estrangeiro, o órfão, a viúva (cf. Ex 22,20-26). Jesus cumpre a lei da aliança, Ele une em si mesmo, na sua carne, a divindade e a humanidade, em um único mistério de amor”⁹¹.

⁸⁶ Objeto de análise na nona aula subordinada ao tema: *A resposta da pessoa humana ao amor de Deus*.

⁸⁷ Cf. Bernardo SESBOÜÉ, *Jesus El Único Mediador. Ensayo sobre redención y la salvación*, Ediciones Secretariado Trinitario, Salamanca, 393-403.

⁸⁸ O Bom Samaritano (Lc 10,30-37) é exemplo disso mesmo.

⁸⁹ PAPA FRANCISCO, *Angelus*, Praça de São Pedro, domingo, 26 de Outubro de 2014, (www.vatican.va/phome_po.htm - acedido em 14 -01-2015).

⁹⁰ Objeto de análise na quarta aula subordinada ao tema: *O amor ao próximo como acesso ao Reino de Deus*.

⁹¹ PAPA FRANCISCO, *Angelus*, Praça de São Pedro, domingo, 26 de Outubro de 2014.

2. No Amor, Deus revela-se na pessoa e na criação

Depois de se ter sintetizado e analisado a Carta Encíclica Do Papa Bento XVI, *Deus Caritas Est*, e partindo dela, ter-se-á em consideração, neste segundo ponto, o amor de Deus que se revela à pessoa na criação, na Sagrada Escritura e na história.

1. 1. O amor de Deus na Sagrada Escritura e na criação⁹²

Começamos este ponto explicando o sentido etimológico de revelação. Revelação, “no latim *revelatio* é retirar um véu, manifestar uma coisa oculta, descobrir o escondido, o enigmático e o misterioso, mas é também voltar a ocultar e a encobrir”⁹³. No Bíblia, revelação⁹⁴ é a manifestação de uma verdade, uma promessa, de uma advertência feita por Deus à pessoa humana em que descobre o Seu nome, os Seus desígnios de salvação.⁹⁵

Esta revelação que Deus faz de Si próprio, pode-se perceber de dois modos: através da criação, “como sendo o primeiro passo rumo à Aliança, como o testemunho primeiro e universal do amor Todo-Poderoso de Deus”⁹⁶ pela qual a pessoa humana chega ao Seu conhecimento; e da manifestação sobrenatural que é a revelação do Ser e da vida íntima de Deus feita à pessoa de todos os tempos, fazendo conhecer a Sua bondade e as Suas perfeições, tendo em vista a vida eterna. Esta revelação não pode ser conhecida somente pela razão mas segundo a ajuda da graça e da fé. Esta revelação pode ser feita pelo próprio Deus a alguns escolhidos, ou através desses escolhidos, a quem primeiro Deus se revela, e que atuam como enviados, para desta forma dar conhecer os desígnios de Deus ao seu povo e por conseguinte a toda a humanidade.

No que concerne à revelação feita por Deus ao ser humano, através da criação, percebe-se, pela leitura da Sagrada Escritura, que Israel toma consciência de Deus criador

⁹² Este ponto, apesar de ter sido remodelado, é retirado quase na sua totalidade de um trabalho da autora deste relatório: *O Inferno e a Esperança*, Editora Bubok Publishing, Lisboa, 131-139, 166, 167.

⁹³ Vicente VIDE RODRIGUES, *Em que Deus cremos nós?*, Gráfica de Coimbra, Coimbra, 1999, 58.

⁹⁴ “No cristianismo, revelação designa a auto comunicação que Deus faz de Si mesmo ao homem. Deus revelou-Se ao homem por amor, oferecendo assim uma resposta definitiva às interrogações que o homem faz sobre o sentido da vida e sobre o fim da sua vida. Deus que se revelou ao homem gradualmente, através de acontecimentos e palavras (cf. Hb 1,1-4) revelou-Se plenamente na encarnação do Seu Filho (cf. Hb 1,1-4); Ele é a palavra definitiva do Pai, de modo que depois d’Ele não haverá outra revelação (cf. CIC, ns. 50-73). A revelação de Jesus Cristo foi confiada à Igreja na Tradição apostólica e na Sagrada Escritura (DV, n. 10) para que ela possa penetrá-la cada vez mais profundamente, vivê-la mais plenamente e comunicá-la a todos os homens em ordem à sua salvação (cf. CIC, ns. 74-100)”, in Piero PETROSILLO, *O Cristianismo de A a Z. Dicionário da Fé Cristão*, 252, col. 1, 2.

⁹⁵ Cf. CONSTITUIÇÃO DOGMÁTICA, *Dei Verbum: A Revelação Divina*, in CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II. Documentos Conciliares e Pontifício, n. 2, 221.

⁹⁶ CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, Editora Gráfica de Coimbra, Coimbra, 1999², 288.

depois de ter feito a experiência de Deus na história, passando a história da salvação a ser compreendida como tendo o seu começo com o *fiat* criador de Deus e não com a eleição de Abraão. Assim, a Aliança entre Deus e o seu povo é compreendida à luz do ato criador de Deus e nunca dissociada dele, por isso, o tema da criação aparece ao longo de todo o relato da história de Israel em que Deus se vai manifestando aos poucos, ao longo dos séculos, tornando-se compreensível e apontado para a culminação da Sua revelação que se efetuará na plenitude dos tempos com Jesus Cristo.⁹⁷ A criação é “o tempo da Aliança”⁹⁸, onde se concretiza o plano de amor de Deus para com toda a humanidade. Deus através da criação não só iniciou a obra da salvação⁹⁹, mas continua, através dela, a convidar a pessoa humana a aderir ao Seu plano de amor. Deus criou o universo para acolher a pessoa e poder sobre ela derramar o Seu amor e entrar em diálogo com ela. A criação funciona como o momento de adoração, existe para a glorificação de Deus, é o templo onde a pessoa adora e glorifica o seu criador, é onde se expressa o amor de Deus na criatura humana criada por Ele para amar e ser amada.¹⁰⁰

Deus revela-se, também, de um modo sobrenatural e pessoal. Revelasse como amor que ama apaixonadamente e pessoalmente a pessoa humana. Este amor revelado ama e salva, vai ao encontro do que está caído, ferido. Por isso, revelação, salvação e amor estão intimamente relacionados. Deus revela-se porque ama e porque ama salva.

O amor torna-se assim o motor de toda a história. Deus não é mais visto como alguém distante, mas como alguém que está presente que se implica na história universal da humanidade e na história particular de cada um. Ele ama cada ser desde o seio materno, conhece-o pelo nome e não se esquece dele (Is 49,15-16).

Este diálogo de amor de Deus com a pessoa humana, fruto da Sua própria iniciativa, começa com o Seu amor misericordioso, quando cria a pessoa para que ela entre numa comunhão de amor Consigo. Mesmo depois da queda, Deus não abandona o ser humano, vai até junto dele, revela-lhe a Sua face misericordiosa, com Caim, quando é advertido para que não se deixe seduzir e dominar pelo pecado (Gn 4,6-7) e, mais tarde, para lhe perguntar pelo seu irmão Abel proferindo sobre ele a Sua justiça (Gn 4,9,ss) e com Noé.

Deus, que não perde de vista a sua criatura, vê como é grande a sua corrupção e que “todos os seus pensamentos e desejos tendiam sempre e unicamente para o mal” (Gn 6,5) o Seu coração sofre amarguradamente (Gn 6,6) e decide eliminá-la da face da terra juntamente

⁹⁷ Cf. René LATOURELLE, *Teologia da Revelação*, 439.

⁹⁸ *Ibidem*, 438.

⁹⁹ O livro dos Genesis abre-nos a uma visão da ação criadora de Deus.

¹⁰⁰ Cf. René LATOURELLE, *Teologia da Revelação*, 316.

com todos os animais, mas existia um homem que era agradável ao Senhor (Gn 6,7-8), que entre os do seu tempo era perfeito. Esse homem era Noé para quem Deus olhou com benevolência e dirigiu-se-lhe alertando-o para o fim eminente da humanidade e convida-o a construir uma arca na qual se abrigaria ele e toda a sua família assim como um casal de todos os animais da terra (Gn 6,13,ss). Aqui está patente a preocupação de Deus não só com a pessoa mas com todas as outras criaturas.

Após terminado o dilúvio Deus abençoa Noé os seus filhos como tinha feito a Adão e Eva no Edén (Gn 9,1) e é também o momento em que estabelece com ele uma aliança, que não se confina apenas aquele tempo mas que Barca a descendência futura de Noé e dos outros seres vivos que o rodeiam (Gn 9,8,ss).

Mas depois de mais algumas vicissitudes na história da humanidade, que Deus acompanha, como é o caso da torre de Babel em que os homens “pretendem edificar uma cidade, reunirem-se numa estrutura social, ser fortes e poderosos *sem Deus*”¹⁰¹ em que não só O excluem da sua vida mas também criam a ilusória pretensão de ser como Ele¹⁰², Deus revela-se a Abraão e pede-lhe que deixe a sua terra e a sua família e vá para a terra que lhe indicar pois fará dele um grande povo que abençoará e engrandecerá (Gn 12,1-2). Mais tarde, Deus, numa visão, revela-se-lhe novamente estabelecendo com ele uma promessa e uma aliança (Gn 15).

Depois Deus revela-se a Isaac quando este está resolvido a dirigir-se ao rei Abimélec, rei dos filisteus, porque na sua terra grassa uma grande fome. Nessa altura o Senhor aparece-lhe e aconselha-o a não descer ao Egipto mas a ficar na terra que Ele lhe indicar. Se assim fizer não só o abençoará a si e à sua descendência mas dar-lhe-á, também, uma terra e cumprirá o juramento que tinha feito a Abraão, seu pai (Gn 26,1-5). Revela-se, em sonhos, a Jacob quando se dirige a casa de Labão para escolher uma esposa, mostrando-lhe que era o Seu Deus e dizendo-lhe que lhe dará a terra em que se deitou, que abençoará a sua descendência e a tornará numerosa e que não o abandonará (Gn 28,10,ss).

Deus vai continuando a revelar a Sua vontade a outros patriarcas, lembrando-lhe sempre quem é e o que fará se se mantiverem fiéis e na observância dos Seus preceitos e da Sua vontade.

A revelação dos Seus desígnios salvíficos sobre os seres humanos toma novos contornos em Moisés. A partir deste momento Deus começa a revelar-se através da Lei, e é

¹⁰¹ JOÃO PAULO II, Exortação Apostólica Pós-Sinodal, *Reconciliatio et Paenitentia*, dado a 2 de Dezembro de 1984, (w2.vatican.va/...paul-ii/.../hf_jp-ii_exh_02121984_reconciliatio-et-paeni – acedido 07. 01.2014), n. 14.

¹⁰² Cf. *Ibidem*, n. 14.

essa mesma Lei que O fará comunicar-se, não somente com uma só pessoa mas com todo o Seu povo.

Deus revela-se a Moisés na sarça ardente (Ex 3,1-4) e apresenta-se como o Deus do seu pai, de Abraão, de Isaac e de Jacob (Ex 3,6) e depois revela-lhe porque razão se manifesta, ou seja, pela opressão que o Seu povo está a sofrer nas mãos do Egípto e envia-o como aquele que em Seu nome libertará esse mesmo povo (Ex 3,7-11). Quando Moisés lhe pergunta o que dirá a quem o inquirir sobre quem o mandou, Deus revela o Seu nome: *Yahveh* (Ex 3,13-14). Nesta revelação não só é mostrada a transcendência de Deus relativamente à pessoa humana, mas também a sua imanência na medida em que desce até ele e se lhe torna acessível. Através da revelação do Seu nome reconhecerão o Deus que os libertou do Egípto.

Durante essa libertação, Deus vai revelando o Seu poder que continua a manifestar-se durante a travessia do deserto, que é uma dura provação mas que tem em si um fim pedagógico e educativo, que é o aproximar de Si aquele povo de dura cerviz (Dt 31,27).

É no Sinai que Deus, através de uma teofania (Ex 19,16,ss), se manifesta e chama Moisés para ir até ao cimo da montanha. Ali, dá a Moisés a Lei escrita para a apresentar ao Seu povo, sendo que com ela estabelece uma nova aliança. A partir deste momento a vontade de Deus e a Sua Palavra fica revelada no decálogo e nas normas que regulam a vida de Israel (Ex 22,1,ss; 23,1,ss; 25,1,ss; 31,1,ss; Lv 1,1,ss; 11,1,ss; 15,1,ss; 17,10; Nm 1,1,ss; 2,1,ss) e começa, de facto, o cumprimento das promessas feitas aos patriarcas ao mesmo tempo que se iniciará a preparação do caminho para a definitiva revelação de Deus à humanidade através do Seu Filho Jesus.

Deus, ao manifesta-se a Moisés como O libertador da escravidão egípcia (Ex 6,6), revela-se também como O redentor. Liberta não só da escravidão física, mas também do pecado. Ao sentido da liberdade junta-se-lhe o da redenção. Ao longo da história sagrada, a ideia de redenção vai do coletivo para o pessoal: Deus não só liberta um povo do pecado mas, também, a pessoa em particular. E, apesar de ao longo da história de Israel o povo ter violado a aliança estabelecida com Deus, Este revela o Seu amor infinito perdoando as culpas e as infidelidades (Os 2; 3).

Depois de Moisés Deus continua a comunicar-se com aqueles que estão à frente do povo de Israel. Fala com Josué para lhe confiar a missão de atravessar o rio Jordão com a arca da Aliança (Js 3), para renovar a prática da circuncisão (Js 5,2), quando lhe entrega a cidade de Jericó (Js 6,2- 5); fala a Gedeão, por meio do Seu anjo, quando este estava a limpar o trigo no lagar e o envia para que salve Israel do poder dos madianitas (Jz 6,11ss);

fala à mãe de Sansão, uma mulher estéril, com a promessa de um filho que havia de libertar os israelitas das mãos dos filisteus (Jz 13); fala a Samuel, que é chamado por Deus e revele os seus desígnios (1Sam 3,1-14); fala a David através de Natan (2Sam 7,16); fala a Salomão em sonhos para que ele pedisse o que quisesse sendo que a única coisa que Salomão pediu ao Senhor foi Sabedoria (1Rs 3,5,ss).

Depois, a partir de época monárquica em Israel, Deus revela-se através dos profetas pelo meio dos quais transmite ao seu povo ou a uma pessoa os Seus desígnios de amor (como acontece com o profeta Natan que revela a David o eterno reinado da sua descendência (2Sam 7,4-16), ou a Sua vontade, ou recriminando determinadas ações como aconteceu com o rei Acab (1Rs 21,1,ss).

É através dos profetas que Deus expõe ao povo e aos reis de Israel as suas infidelidades à aliança, o seu pecado e anuncia, ao mesmo tempo a vinda do Messias, a salvação que virá através Dele (exemplo de Isaías), assim como da retribuição depois da morte (exemplo de Daniel), preparando o caminho para a revelação do Novo Testamento.

É-nos mostrado, no livro dos Juízes que o povo prevarica mas, depois, com o coração contrito, recorre a Deus, e Deus compadece-se porque não pode suportar a aflição de Israel. Os Salmos são hinos de súplica humilde e confiante a Deus, apelando a essa misericórdia que durará eternamente.

Por isso, Deus é descrito como “piedoso e compassivo lento para a ira e rico em misericórdia” (Nm 14,18; Sl 86,15; 103, 8; 145,8; Pr 14,29; 15, 18; 16,32; Ne 9,7; Jl 2,13; Jn 4,2; Jr 3,12). Este é um grito de confiança que se converte em hinos e orações: “Porque a sua misericórdia é eterna” (Sl 118; 136). Porque Deus, que é eterno, é, também, essencialmente, misericordioso.

Esta misericórdia de Deus abrange todas as necessidades humanas: nas tribulações (Ex 3,7,ss), nos casos de perigo (Jr 3,14; 30,18), na peste que assolou o povo (2Sm24,16), no regresso dos cativos à sua terra (Is 47, 49,9,ss, Jr 12,15; 39,25). Deus é o remédio do salmista doente (Sl 6,3; 41,11), pobre (Sl 25,16), angustiado (Sl 10,18; 41,11), perseguido (Sl 56,2). Ele é quem perdoa os pecados (Ex 34,7). Também os profetas fazem apelo à misericórdia de Deus quando pregam a necessidade de conversão (Dt 30,2-3; Is 45,22; Jr 3,14.22; 15, 19; Os 14,2).

Um amor ablativo como o da mãe pelos seus filhos, podendo ainda ser maior do que este (Is 49, 15), como o pastor (Sl 94,7; Eclo 18,13; Ez 34,12, 13), como o do vinhateiro que trata da sua vinha com desvelo (Is 27,3), como o do oleiro (Eclo 33,13-14; Is 64, 8), como o do esposo (Is 54,4-6; Jr 31,32), com o do esposo traído (Ez 16,32), mas também com um

amor ciumento, que quer ser amado, o “eros” que ama apaixonadamente como um esposo que não se deixa vencer pelas infidelidades. No livro de Oseias, Deus, mostra o amor incondicional pelo Seu povo, leva o profeta a tomar como esposa uma prostitua (Os 1, 2-3) que o trai. E nessa experiência dolorosa que Oseias tem, Deus fala-lhe da Sua experiência dolorosa e mostra-lhe que o Seu amor misericordioso é maior do que todas infidelidades que o povo cometeu ou possa vir a cometer (Os 2, 1-3.21-22). A Isaías revela que o amor pelo seu povo pode ser comparado ao amor de uma mãe pelos filhos, mas que é ainda maior do que este (Is 49, 15).

Deus revela-se como aquele que ama incondicionalmente e que apesar da Sua ira, a Sua misericórdia é maior que a Sua justiça. Deus logo esquece o pecado e vem em auxílio do filho perdido, da esposa traidora e infiel (Os 2), pronto acolhê-la e a curar as suas feridas. Ama de um modo radical, único ao ponto de se voltar contra Ele mesmo, a Sua misericórdia contra a sua justiça.¹⁰³

Mas é no Novo Testamento que Deus, em Jesus Cristo, e na cruz revela, de um modo radical, definitivo e completo, o Seu amor pela pessoa humana. Jesus Cristo é o sinal vivo da Nova Aliança. Aquele que veio para perdoar, para reconciliar, para salvar. Jesus revela-se “manso e humilde de coração” (Mt 11,29), “misericordioso e compassivo” (Tg 5,11). São Paulo apelida-o de “Pai das misericórdias e Deus de toda a consolação” (2Cor 1,3). Na carta aos Hebreus chama-lhe o “Sumo Sacerdote misericordioso” (Hb 4,14) que veio expiar os pecados do povo (Heb 2,17). É sempre a misericórdia que é apresentada como a ação salvadora de Deus (Tt 2,11; 3,4-5; 1Ped 1,3; 2,10).

O Evangelho de São Lucas é todo ele um hino à misericórdia divina, basta recordar os cânticos do *Magnificat* (Lc 1,46,ss) e do *Benedictus* (Lc 1,67,ss), a preocupação pelos pobres (Lc 4,18; 7,22), pelos pecadores (Lc 5,32; 7-36-49) Mas, é na cruz, que Cristo revela plenamente a misericórdia de Deus: “Aquele que não conhecera o pecado, Deus o tratou por nós como pecado” (2Cor 5,21). “A redenção é a última e definitiva revelação da santidade de Deus, que é a plenitude absoluta da perfeição: plenitude da justiça e do amor”¹⁰⁴.

Com o Novo Testamento dá-se, assim, a culminação da revelação de Deus em Jesus Cristo: “aprouve a Deus, na sua bondade e sabedoria, revelar-se a Si mesmo e dar a

¹⁰³ Cf. BENTO XVI, Carta Encíclica, *Deus Caritas Est*, n.10.

¹⁰⁴ JOÃO PAULO II, Carta Encíclica, *Dives in Misericordia*, dado a 30 de novembro de 1980, (w2.vatican.va/...ii/.../hf_jp-ii_enc_30111980_dives-in-misericordia.htm – acedido em 07.01.2014), n. 7.

conhecer o mistério da sua vontade, segundo a qual os homens, por meio de Cristo, Verbo encarnado, têm acesso ao Pai no Espírito e se tornam participantes da natureza divina”¹⁰⁵.

Esta revelação de Deus aos homens através de Jesus Cristo¹⁰⁶, como diz São Paulo na sua carta aos Gálatas (Gl 4,4) realizou-se “quando chegou à plenitude dos tempos Deus enviou o Seu Filho, nascido de uma mulher” e Ele que já havia sido anunciado como promessa por Isaías (Is 7,14). No momento do cumprimento desta promessa Deus revelasse, por intermédio do Seu anjo Gabriel, a Maria, a eleita para mãe do Salvador (Lc 1,26-38), depois a São José através de um anjo que lhe fala em sonhos (Mt 1,18-24; 2,13-14). Já uns meses antes se tinha revelado a Zacarias anunciando-lhe que teria um filho a quem lhe poria o nome de João e que seria motivo de grande júbilo (Lc 1,5,ss) pois iria ser o precursor do Messias, aquele que viria preparar os seus caminhos, a voz que clamaria no deserto, cumprindo-se a profecia de Isaías (Is 40,3-5). Após o nascimento de Jesus, Deus revela-se aos pastores também através de um anjo (Lc 2,8-14); aos magos por meio de uma estrela (Mt 2,2). Nestas revelações, Deus, dirige-se a pessoas concretas tal como aconteceu no Antigo Testamento.

Mais tarde, Deus revela-se no Rio Jordão, quando Jesus é batizado e sai da água, o céu abre-se e o Espírito Santo desce sobre Ele como uma pomba e ouve-se uma voz: “Este é o meu Filho muito amado, no qual pus o meu enlevo” (Mt 3, 16). Nesta manifestação Deus revela a sua identidade e a natureza de Jesus Cristo que também é revelada por João Batista quando ao ver Jesus exclama: “Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo” (Jo 1,29).

Durante todo o Novo Testamento Deus vai revelando quem é Jesus Cristo a diferentes pessoas e em diferentes circunstâncias, por exemplo, a Pedro (Mt 16,16-17), no monte Tabor (Mc 9,2-10), quando é anunciado, por um anjo a ressurreição de Jesus às mulheres (Mt 28,1-8).

Mas, tirando estas revelações particulares, Jesus revela a sua missão: “O Espírito do Senhor está sobre mim, porque me ungiu; e enviou-me para anunciar a boa nova aos pobres, para curar os contritos de coração, para anunciar aos cativos a redenção, aos cegos a restauração da vista, para pôr em liberdade os cativos, para publicar o ano da graça do Senhor” (Lc 4,18-19) e revela o rosto do Pai às gentes do seu tempo através da sua pregação, percorrendo terras (Mc 1,38; Lc 4,43), ensinando nas sinagogas (Mc 6,2) e no Templo (Lc 19, 47; 20,1).

¹⁰⁵ CONSTITUIÇÃO DOGMÁTICA, *Dei Verbum: A Revelação Divina*, in CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. Documentos Conciliares e Pontifício, n. 2, 221.

¹⁰⁶ Objeto de análise na primeira aula subordinada ao tema: *Jesus, o Messias prometido*.

O centro da sua pregação é o de anunciar que as promessas de Deus se cumpriram e o *Reino de Deus*,¹⁰⁷ está próximo, como sinal Jesus vai curando os enfermos, expulsando os demónios, vai ao encontro dos pecadores, dos mais desprotegidos como é o caso das crianças, órfãos, viúvas e mulheres por isso mesmo é tido como um profeta (Mt 16,14; 21,46; Lc 7,16; 24,19).

Mas Jesus é mais que um profeta, é o Messias esperado que irá revelar as coisas de Deus (Jo, 4,25), é superior a João Batista (Jo 1,21; Lc7,18-23), a Elias (Mt 17, 12; Mc 9,13) e a David (Mc 12,35-37). É ele que inaugura o *Reino de Deus* e o que cumpre as promessas do Pai feitas pelos profetas. É o Messias anunciado por Isaías (Lc 4,18-21; Is 61,1-2). É o Filho do Homem profetizado por Daniel (Mc 12,35-37, Mc 2,10; Lc 6,5).

Ensina com autoridade e dá pleno cumprimento à Lei e propõem, em seu próprio nome, a nova Lei do *Reino de Deus* (Mt 12, 1-12) porque tudo lhe foi entregue pelo Pai (Mt 11,27; Lc 10, 21-22).

Deus revela, através de Jesus Cristo, um amor infinitamente misericordioso pelo seu povo que prevalece sobre as suas infidelidades e sobre as suas traições. Jesus é o Filho de Deus, feito carne que veio resgatar a pessoa do pecado e da morte. É o Verbo de Deus encarnado que manifesta a glória do Pai na sua humanidade revelando o Deus invisível, Ele é a Luz que veio iluminar as trevas (Jo 1).

Esta intimidade com o Pai é revelada por Jesus várias vezes (Jo 10, 30; 14,8-11), dando a conhecer o nome do Pai (Jo 17-6.26) e atribui-se a si mesmo o nome com que Deus se tinha revelado a Moisés: “Eu sou o que sou” (Jo, 8,24; Ex 3, 14).

Esta revelação de Jesus como o filho de Deus não só visa anunciar o *Reino de Deus* mas também cumprir a vontade que o Pai lhe confiou (Jo 4,34; 17,4) que não é senão levar a cabo a salvação universal da humanidade através da redenção e da Sua morte (Jo 19,30) e pela fé Nele (Jo 6,39-40) após a Sua glorificação (Jo 17,5) e do Seu regresso ao Pai (Jo 16,28). Esta compreensão sobre a redenção e revelação faz-se sobre a ação do Espírito Santo aos apóstolos que passam a compreender em profundidade que a Revelação de Deus se tinha feito em e por Jesus Cristo.

Mas a revelação de Deus aos homens continua a fazer-se na história e atualizar-se. Começou pela pregação apostólica e depois pela Igreja que, como enviada por Deus, convida todas as pessoas à conversão é a fé em Jesus Cristo (Mt 28, 17-21), e por todos os instrumentos que Deus escolhe, e foi escolhendo ao longo dos séculos, quer para fazer revelações particulares, quer para alertar a humanidade para determinados desvios.

¹⁰⁷ Objeto de análise na segunda aula subordinada ao tema: *O anúncio do Reino de Deus*.

Jesus é revelação total do Pai (“Deus rico em misericórdia” - Ef 2,4). A perfeição invisível de Deus torna-se visível em Cristo conferindo à misericórdia divina um sentido definitivo que se condeu com o sofrimento da pessoa. Deus é um Pai que está continuamente à espera que respondamos ao seu chamamento e possamos entrar em comunhão com Ele (Lc 15,11-32), por isso Cristo, ao revelar o amor misericordioso do Pai exige, que o ser humano se deixe guiar pelo amor e pela misericórdia.

1.2. *A história humana, lugar de revelação do amor de Deus*

O lugar onde Deus se revela é a história pois é essa a “casa” onde o ser humano habita¹⁰⁸. A história é lugar de revelação em que o passado se faz presente e se projeta para o futuro onde se abre a concretização da promessa de salvação eterna. Por isso, a revelação é, também, uma atualização constante do amor de Deus livre e gratuito que abrange toda a humanidade ao longo dos séculos, abrangendo todas as gerações.

“No ápice da missão messiânica de Jesus, o Espírito Santo aparece-nos, no mistério pascal, em toda a Sua atividade divina, como aquele que deve continuar agora a obra salvífica, radicada no sacrifício da cruz. Esta obra, sem dúvida, foi confiada à pessoa humana: aos Apóstolos e à Igreja. No entanto, nesses homens, e por meio deles, o Espírito santo permanece protagonista transcendente da realização dessa obra, no Espírito da pessoa e na história do mundo”¹⁰⁹

Assim, revelação de Deus continua sob a ação do Espírito Santo que foi mandado e que é o grande protagonista, que a estende universalmente sem limites de espaço e sem limites de tempo¹¹⁰ abarcando a humanidade toda. Mas a Sua ação, no processo da revelação de Deus, vai também, ao concreto da vida de cada pessoa fazendo germinar as semente do Verbo¹¹¹, como um encontro de duas vontades, a de Deus que sai de si mesmo¹¹² e vem ao encontro da pessoa, e da pessoa que se abre ao absoluto num ato de fé, de confiança e de entrega pessoal. Este encontro é o princípio da conversão que orienta a pessoa para Deus, que a interpela, convidando-a para uma comunhão de amor¹¹³. A fé que o permite é também

¹⁰⁸ Francisco José RODRIGUES DE MELO, *Revelação, Salvação e Fé*, Edições Paulinas, Lisboa, 2001,7.

¹⁰⁹ JOÃO PAULO II, Carta Encíclica, *Redemptoris Missio*, n. 21.

¹¹⁰ *Ibidem*, n. 28.

¹¹¹ *Ibidem*, n. 28.

¹¹² Cf. CONSTITUIÇÃO DOGMÁTICA, *Dei Verbum: A Revelação Divina*, in CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II. Documentos Conciliares e Pontifício, n. 2, 221.

¹¹³ Cf. René LATOURELLE, *Teologia da Revelação*, 424.

um dom de Deus, da graça divina que vem descrito na Sagrada Escritura como iluminação interior (1Cr 4,5), união a Deus (Cl 2,6-7), atração divina (Jo 6,44-46), abrir o coração (At 16,14), conversão (At 15,3).

Esta adesão do ser humano a Deus não pode ser olhada como uma conformação à autoridade de Deus, mas como um comprometimento de toda a pessoa que se traduz em obras de caridade e fé. E uma forma da pessoa viver essa adesão a Deus de um modo mais completo e voltada para os outros, é unindo-se a Cristo através da Igreja, Sua esposa, que continua “a professar e a proclamar a misericórdia divina em toda a sua verdade tal como foi transmitida pela revelação”¹¹⁴.

A Igreja não só professa a misericórdia de Deus como, também, a testemunha, vive dela e a procura ensinar, de modo a que faça despertar nos homens e nas mulheres a necessidade de a viver, urgentemente, nas mais diversas sociedades, onde são praticadas tantas injustiças e tantos atentados à vida. Por isso, a missão da Igreja é a de apelar à justiça¹¹⁵ promovendo o ensino e a educação das consciências humanas, e a conversão. E a conversão consiste na descoberta do amor misericordioso de Deus que, em Jesus Cristo, se revelou totalmente, e num abeirar-se do sacramento da penitência ou reconciliação, que leva a pessoa humana a experimentar, de modo inefável, o amor misericordioso de Deus, que é maior do que o pecado. Por isso, a Igreja exorta-nos, continuamente, a usarmos de misericórdia numa sociedade cada vez mais obscurecida pelo egoísmo e pelo individualismo, onde a esperança em Deus e o Seu amor continuam a ser a única forma de salvar o homem da aniquilação. E se Deus nos ama, também nós podemos amar, por isso, a Igreja deve ser testemunho de amor, daquele amor trinitário de Deus que vai ao encontro da pessoa e proporcione a cada uma o encontro com esse mesmo amor trinitário, revelado em Jesus Cristo e manifestado na ação do Espírito Santo.¹¹⁶

Enquanto comunidade, a Igreja, deve também praticar o amor¹¹⁷ abarcando os marginalizados, os excluídos, os pobres, os doentes, os angustiados porque o amor a Deus e ao próximo são inseparáveis. O amor a Deus deve manifestar-se no amor ao próximo, pois a comunhão com Deus leva-nos à comunhão com os irmãos. E o amor de Deus abrange cada um em particular, e aquele que o recebe deve testemunhá-lo aos outros que estão à sua volta, em obras de caridade. Mas isso só é possível se entrar em comunhão com Deus e essa

¹¹⁴ JOÃO PAULO II, Carta Encíclica, *Dives in Misericordia*, n. 13.

¹¹⁵ Cf. BENTO XVI, Carta Encíclica, *Deus Caritas Est*, n. 26.

¹¹⁶ Objeto de análise na nona aula subordinada ao tema: *A resposta da pessoa humana ao amor de Deus*.

¹¹⁷ Cf. BENTO XVI, Carta Encíclica, *Deus Caritas Est*, n. 20.

comunhão realiza-se em Jesus Cristo, na força do Espírito Santo, através da oração¹¹⁸ que nos impele para a Eucaristia que é o cume e o coração de toda a vida cristã¹¹⁹ onde cada um recebe as forças necessárias para continuar a ser fermento do *Reino de Deus* ao serviço do amor.¹²⁰

¹¹⁸ Cf. BENTO XVI, Carta Encíclica, *Deus Caritas Est*, n. 37.

¹¹⁹ Cf. JOÃO PAULO II, Carta Encíclica, *Ecclesia de Eucharistia*, dado a 17 de Abril, 2003, Edições Paulinas, Lisboa, 2003², n. 1.

¹²⁰ Cf. BENTO XVI, Carta Encíclica, *Deus Caritas Est*, n. 42.

CAPÍTULO III – PEDAGOGIA, DIDÁTICA E LECIONAÇÃO DA UNIDADE LETIVA 2 DO 6º ANO DE ESCOLARIDADE DE EDUCAÇÃO MORAL E RELIGIOSA CATÓLICA

Depois de se ter elaborado uma base de conhecimentos que serão os alicerces da leção da unidade letiva 2 do 6º ano de escolaridade do programa de Educação Moral e Religiosa Católica, vai-se refletir sobre as metas de aprendizagem e a sua novidade na leção, e sobre a importância da planificação como instrumento de trabalho imprescindível no quotidiano do professor.

1. Metas de Aprendizagem no ensino de Educação Moral e Religiosa Católica

1.1. Metas Curriculares

O Despacho n.º 10874/2012, publicado no *Diário da República*, 2.ª série, n.º 155, de 10 de agosto de 2012, diz-nos que:

“as Metas Curriculares identificam a aprendizagem essencial a realizar pelos alunos em cada disciplina, por ano de escolaridade ou, quando isso se justifique, por ciclo, realçando o que dos programas deve ser objeto primordial de ensino. Sendo específicas de cada disciplina ou área disciplinar, as Metas Curriculares identificam os desempenhos que traduzem os conhecimentos a adquirir e as capacidades que se querem ver desenvolvidas, respeitando a ordem de progressão da sua aquisição. São meio privilegiado de apoio à planificação e à organização do ensino, incluindo a produção de materiais didáticos, e constituem-se como referencial para a avaliação interna e externa com especial relevância para as provas finais de ciclo e exames nacionais”¹²¹.

No que concerne à disciplina Educação Moral e Religiosa Católica ela apresenta algumas diferenças em relação à transmissão de saber que se pretende com a aprendizagem dos alunos nas outras disciplinas. Enquanto a educação secular está preocupada em transmitir informações, a educação religiosa procura mudar vidas,¹²² sendo que as metas

¹²¹ Despacho n.º 10874/2012, de 10 de agosto de 2012. *Diário da República*, 2.ª série, n.º 155, Ministério da Educação e Ciência, Lisboa.

¹²² Cf. SECRETARIADO NACIONAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Programa de e Educação Moral e Religiosa Católica*, Edição Secretariado Nacional da Educação Cristã, 2014, 1.

poderão trazer um contributo bastante positivo para a concretização das suas finalidades.¹²³

As dezassete metas propostas para esta disciplina incidem sobre três domínios:

- Domínio da Religião e Experiência Religiosa para a qual foram extipuladas quatro metas;
- Domínio da Cultura Cristã e Visão Cristã da Vida, para a qual foram designadas oito metas;
- Domínio da Ética e da Moral que contempla cinco metas.

Apesar de se ter procurado um equilíbrio, o número de metas foi atribuído em maior quantidade ao domínio da *Cultura Cristã e Visão Cristã da Vida* e isso prende-se com o facto de Educação Moral e Religiosa Católica permanecer coerente

“com a constatação que já foi feita em 2006, de que ‘a Educação Moral e Religiosa Católica é oferecida a todos os alunos, independentemente da sua diversidade de crenças e opções religiosas: com fé católica ou outra, em situação de procura, indiferentes ou descrentes. Esta diversidade corresponde à situação das famílias que solicitam apoio a Educação Moral e Religiosa Católica’”¹²⁴.

As metas contribuem para construir um

“Programa sob a decisão de estruturar o agir ético e moral a partir de uma matriz específica, tornando possível que, ao configurar-se a plenitude do humano se esteja, em simultâneo, a configurá-lo com Cristo, pois não há plenitude em Deus contra a plenitude humana, nem ao contrário. A plenitude em Deus terá se ser a máxima realização do humano”¹²⁵.

As metas da disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica foram definidas a partir das finalidades da disciplina “tal como enunciadas pela Conferência Episcopal Portuguesa”¹²⁶. As Finalidades são as seguintes:

- Apreender a dimensão cultural do fenómeno religioso e do cristianismo, em particular;
- Conhecer o conteúdo da mensagem cristã e identificar os valores evangélicos;
- Estabelecer o diálogo entre a cultura e a fé;

¹²³ Cf. SECRETARIADO NACIONAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Programa de e Educação Moral e Religiosa Católica*, 1.

¹²⁴ *Ibidem*, 3.

¹²⁵ *Ibidem*, 4.

¹²⁶ *Ibidem*, 7.

- Adquirir uma visão cristã da vida;
- Entender e protagonizar o diálogo ecumênico e inter-religioso;
- Adquirir um vasto conhecimento sobre Jesus Cristo, a História da Igreja e a Doutrina Católica, nomeadamente nos campos moral e social;
- Aprender o fundamento religioso da moral cristã;
- Conhecer e descobrir o significado do património artístico-religioso e da simbólica cristã;
- Formular uma chave de leitura que clarifique as opções de fé;
- Estruturar as perguntas e encontrar respostas para as dúvidas sobre o sentido da realidade;
- Aprender a posicionar-se, pessoalmente, frente ao fenómeno religioso e agir com responsabilidade e coerência.¹²⁷

Estas finalidades alicerçam-se em domínios, *Domínios de Aprendizagem*, já citados atrás, que agregam os padrões curriculares daquilo que o aluno deve conhecer e o que ele deve fazer¹²⁸, e em objetivos, *Objetivos Pragmáticos*, que “descrevem a intenção do professor em relação ao desenvolvimento e à mudança pretendidos no aluno, são mesuráveis através dos instrumentos de avaliação e organizam-se através das *Metas Curriculares*”¹²⁹.

1.2. Diferenças entre Metas Curriculares e Competências

Neste novo paradigma educacional, o olhar sobre os alunos modificou-se. Enquanto a *Competências* estavam voltadas para a capacidade do aluno em adquirir determinadas conhecimentos que permitiam a mobilização de conhecimentos, comportamentos e valores entre as diferentes áreas disciplinares,¹³⁰ dependendo o seu fracasso ou de sucesso, das suas capacidades, as *Metas*, por sua vez, procuram identificar as aprendizagens essenciais que os alunos devem adquirir e realizar em cada disciplina, e identificar as capacidades que os alunos deverão desenvolver respeitando o progresso de aquisição de conhecimentos de cada aluno. Sendo assim, o fracasso ou o progresso do aluno não se centraliza, de modo mais predominante, nas capacidades cognitivas dos alunos, mas depende, essencialmente, da capacidade do docente em saber identificar problemas ou dificuldades de aprendizagem e estabelecer metas, de acordo com as capacidades de cada aluno, de modo a levá-los atingir níveis de sucesso profícuos.

¹²⁷ SECRETARIADO NACIONAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Programa de e Educação Moral e Religiosa Católica*, 5.

¹²⁸ *Ibidem*, 8.

¹²⁹ Cf. *Ibidem*, 9.

¹³⁰ Cf. SECRETARIADO NACIONAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Programa de e Educação Moral e Religiosa Católica*, Ensino Básico e Secundário, Edições Secretariado Nacional da Educação Cristã, 2007, 15-16.

2. Planificação, um instrumento de trabalho essencial para o docente

Neste ponto ir-se-á olhar para a planificação como um instrumento de trabalho imprescindível no dia-a-dia dos professores. A nível da escola ela contribui para se poder trabalhar com diferentes áreas, quer através da interdisciplinaridade, quer através da transdisciplinaridade. A nível individual, ela permite ao docente gerar um caminho que vai sendo construído a partir de um programa.

A planificação, quando elaborada, deve ter em conta, antes do mais, as metas alcançar e os domínios cognitivos a serem trabalhados assim como os conteúdos e os objetivos atingir, depois far-se-á a escolha de materiais, de recursos, de metodologias, de fichas de trabalho, etc., de modo a levar o aluno atingir as metas propostas. Por isso, a planificação deve ser flexível e sempre aberta a mudança e em constante avaliação.

A planificação contribui, também, para a diminuição da ansiedade do professor, e contribui para a diminuição de comportamentos indisciplinados, interrupções contínuas por parte dos alunos que quebram o ritmo da aula, muitas vezes, por não perceberem o que estão a fazer e porque o fazem. Permite, ainda, dar uma maior confiança ao docente no trabalho que realiza, antecipar necessidades e aumenta a atenção dos alunos.¹³¹

1.1. Planificação

A planificação deve partir de três pressupostos que estão intimamente ligados, currículo, programa e programação.

Assim, “o *currículo* é o conjunto dos pressupostos de partida, das metas que se deseja alcançar e dos passos que se dão para as alcançar; é o conjunto de conhecimentos, habilidades, atitudes, etc. que são considerados importantes para serem trabalhados na escola, ano após ano”¹³². Por sua vez o programa “é o documento oficial de carácter nacional ou autonómico em que é indicado o conjunto de conteúdos, objetivos, etc. a considerar em um determinado nível (...) é um conjunto de prescrições oficiais, relativamente ao ensino, emanado do Poder Central”¹³³. A programação é um “projeto

¹³¹ Miguel ZABALZA, *Planificação e Desenvolvimento Curricular na Escola*, Edições Asa, Porto, 1992, 48-49.

¹³² *Ibidem*, 12.

¹³³ *Ibidem*, 12.

educativo-didático específico desenvolvido pelos professores para um grupo de alunos concreto, numa situação concreta para uma ou várias disciplinas”¹³⁴

Currículo, programa e programação são aspetos que não se excluem. “No desenvolvimento da atividade docente, cada uma destas realidades cumpre a função que lhe é própria, completando-se e fechando o círculo do que constitui o ‘projeto curricular’ a desenvolver na aula”¹³⁵.

Para desenvolver um “projeto curricular” na aula é necessário planificar. Planificar será “converter uma ideia ou propósito num projeto de ação que permita representar, dentro do possível um plano que se pretende executar e deve ser feito de modo claro. Esta ação é um ato mental interno do professor”¹³⁶. Diz-nos Miguel Zabalza, citando Escudero, planificar é “o conjunto de processos psicológicos básicos, através dos quais a pessoa visualiza o futuro, faz um inventário de fins e meios e constrói um marco de referência que guie as suas ações”¹³⁷.

A planificação realiza-se através de “*mediadores de planificação*”¹³⁸, ou seja através de materiais didáticos tais como: guias curriculares, os livros da disciplina em causa ou outros, revistas, experiências (casos ouvidos, vividos ou lidos), materiais comerciais,¹³⁹ ferramentas tecnológicas (*PowerPoint, Webquest, blogs, prezi*), etc.

A tarefa importante da planificação consiste em

“o clarificar *o quê*, *o porquê* e *o como* que se pretende desenvolver o ensino nessa escola e/ou aula concreta e como se pode modificar as previsões em virtude da marcha geral do processo. Nesse espaço de tomada de decisões, que constitui a programação, é onde se cruzam, (...), o discurso pedagógico (que coisas valem a pena, que sentido formativo possuem as diferentes alternativas de trabalho das quais devemos selecionar a mais adequada à formação que nos propomos guiar, como vamos integrar o educativo com o instrutivo, etc.) e o discurso técnico-didático (que aprendizagens, como as organizamos, que materiais, como fazemos para que todo o processo seja integrado, funcional e eficaz, etc.)”¹⁴⁰.

A planificação para além de selecionar os recursos didáticos auxiliares, deve sequencializar os objetivos de ensino e aprendizagem a alcançar e determinar os processos de

¹³⁴ Miguel ZABALZA *Planificação e Desenvolvimento Curricular na Escola*, 12.

¹³⁵ *Ibidem*, 12.

¹³⁶ *Ibidem*, 48.

¹³⁷ *Ibidem*, 48.

¹³⁸ *Ibidem*, 49.

¹³⁹ Cf. *Ibidem*, 49.

¹⁴⁰ *Ibidem*, 51.

avaliação. Ela serve como um mapa condutor para o professor para chegar a um determinado fim.

Deve criar momentos estimulantes de aprendizagem que se possam adequar à diversidade de situações, contexto de turma e alunos de modo a tornar a aprendizagem significativa de alcançar as metas propostas, para isso a planificação deve ser flexível de maneira a interagir com os alunos e a fazê-los sentir que fazem parte de um todo.

A planificação também pode tornar-se num momento de reflexão sobre o uso de métodos, de materiais e de objetivos aplicar e a delinear para aprendizagem dos conteúdos. Em termos temporais, a planificação pode fazer-se a longo, médio e curto prazo. A planificação de longo prazo é elaborada no início do ano letivo abarca os conteúdos que se irão lecionar ao longo dos três períodos pelos quais são distribuídos e selecionados, uma vez que o professor não pode tratar todos os temas em pormenor devido à falta de tempo, segundo o programa da disciplina e tendo em conta, também, o plano curricular da escola. Esta planificação pode ser depois reajustada após conhecer os alunos e as turmas de modo a conseguir atingir as metas delineadas pelo programa e aquelas que o professor deseja que se efetuem.

Temos as planificações a médio prazo, que já será mais cuidadas, que poderão ser realizadas por unidade letiva, em que o professor, de acordo com as metas dos programa vai selecionar os objetivos que procura atingir com as turmas, os conteúdos, as estratégias a usar para trabalhar com os alunos e os meios de avaliação.

A planificação aula a aula será aquela em que o/a professor/a, tendo em conta a planificação anual e de unidade didática, esquematiza os conteúdos específicos que serão lecionados naquela aula, os objetivos desenvolver, as estratégias a aplicar, os domínios a desenvolver e as metas que os alunos devem atingir. Para isso são preparadas fichas de trabalho, exercícios didáticos, *PowerPoint*, *Prezi*, *Webquest*, e outros materiais ou exercícios que o/a docente veja que são pertinentes. Deve, também, ter em conta pormenores práticos como o sumário, a linguagem e os momentos de avaliação.

As planificações visam atingir metas e por isso devem permitir que os alunos adquiram determinados domínios que lhes permitam mobilizar conhecimentos e valores, assim como tomar decisões numa determinada situação, resolver problemas, procurar informação e de a processar, como por exemplo na leitura e interpretação de dados.

1.2. Metodologia utilizada na planificação da Unidade Letiva 2, Jesus, um Homem para os outros, do 6º ano de escolaridade do programa de Educação Moral e Religiosa Católica

Depois de se ter explicitado o que é o currículo, programa, programação e planificação dentro da dinâmica de ensino aprendizagem, expor-se-á os constrangimentos e as linhas de fundo que estiveram na base da planificação da unidade letiva 2, do livro do 6º ano de escolaridade do programa de Educação Moral e Religiosa Católica, que foi proposto lecionar.

A Planificação por mim concebida teve, logo à partida alguns constrangimentos, o facto de este ano letivo ser um ano de transição em que houve implementação das metas curriculares em substituição das competências específicas para a disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica. A remodelação do Programa que abrangeu o primeiro, segundo, terceiro ciclo e secundário, foram eliminadas algumas unidades letivas, outras foram melhoradas, e outras, que eram lecionadas num determinado ano, passaram a ser lecionadas num outro, adquirindo, em alguns casos, um novo título. Exemplo disso foi a unidade letiva 2, *Jesus, um Homem para os outros*, do programa do 6º ano de escolaridade que era lecionada no 5º ano de escolaridade como unidade letiva 3 e com o título *Jesus de Nazaré*.

Para além destes dois constrangimentos associou-se a falta de manuais escolares atualizados que só estarão disponíveis para o próximo ano letivo. Pelo que a planificação da unidade letiva 2 do programa do 6ºano de escolaridade da disciplina Educação Moral e Religiosa Católica que me propus lecionar foi elaborada tendo por base o manual do 5º ano. Associou-se, ainda, a falta de material adequado e por isso houve a necessidade da formulação de materiais novos que permitisse corresponder às exigências que os domínios cognitivos e as metas propostas estipulam de modo a que fossem aprendidos pelos alunos de uma forma perceptível e fácil de ser trabalhada. Pelo que estes constrangimentos iniciais se revelaram muito proficuos na medida em que os alunos aderiram bem aos materiais e mostraram-se agradados com os mesmos e fizeram uma boa aprendizagem dos conteúdos propostos.

Tendo estes constrangimentos em consideração a planificação elaborada para a unidade letiva, já a cima referida, teve, como apoio dois pilares: o tema deste Relatório da Prática de Ensino Supervisionada, “O amor infinito de Deus à luz de carta encíclica do Papa Bento XVI, *Deus Caritas Est*. Contributos para a leção da unidade letiva 2, *Jesus, um*

Homem para os outros, do programa do 6º ano de escolaridade de Educação Moral e Religiosa Católica”, e o programa de Educação Moral e Religiosa Católica proposto pela Conferência Episcopal Portuguesa e aprovado pelo Ministério da Educação e Ciência. Foi com base na articulação destas duas vertentes que foi concebida e delineada toda a planificação, nomeadamente os esquemas de planificação que englobaram os esquemas da unidade letiva de modo geral e os de aula a aula, e a planificação descritiva dos dez tempos a serem lecionados.

Estes dois pilares, sem esquecer os constrangimentos, por sua vez, estiveram assentes numa grande questão de âmbito geral: “Como é que o amor infinito de Deus é revelado à pessoa?” e três de âmbito específico: “Como se revelou o amor de Deus infinito no Antigo Testamento?; Como se revelou o amor infinito de Deus no Novo Testamento?; Como se revela o amor infinito de Deus na história do ser humano?”

A questão de caráter geral e as três de caráter específico procuraram encontrar *luz* a partir da encíclica do Papa Bento XVI, *Deus Caritas Est*, tecendo à volta desta um referencial teórico que permitiu o aprofundamento do tema e a construção de um tecido de conhecimentos capazes de serem transpostos para o contexto de sala de aula. Isto permitiu revelar aos alunos o amor infinito de Deus partindo da revelação que o próprio Deus faz desse amor nas várias etapas históricas, com o culminar da Sua revelação em Jesus Cristo, e na revelação que continua a fazer de Si ao longo da história, e na história de cada ser humano.

Todavia, para que isto se tornasse possível foi necessário transpor esta temática para um contexto concreto que fosse capaz de se tornar entendível e inserir-se dentro do Programa da disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica. Mas, por outro lado, também não era possível construir esta temática sem ser partindo dos conteúdos que o Programa da disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica fornece. Neste encadeamento, houve uma unificação entre o tema proposto para este relatório, já referido acima, e a unidade letiva 2 do 6º ano de escolaridade, do referido programa, intitulado: *Jesus, um Homem para os outros*.

Foram contemplados os três domínios de aprendizagem, ou seja, “as áreas de ensino que a disciplina compreende e que agregam logicamente os padrões curriculares daquilo que o aluno deve conhecer e de que o aluno deve saber fazer”¹⁴¹ proposto pelo Programa de Educação Moral e Religiosa Católica:

- religião e experiência religiosa;

¹⁴¹ SECRETARIADO NACIONAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Programa de e Educação Moral e Religiosa Católica*, 8.

- cultura cristã e visão cristã da vida;
- ética e moral.

Foram também contempladas as quatro metas proposta pelo Programa que definem o que o/a professor/a pretende que os alunos aprendam.¹⁴² As metas:

- **B.** Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história;
- **E.** Identificar o núcleo central do cristianismo e do catolicismo;
- **K.** Reconhecer exemplos relevantes do património artístico criados com um fundamento religioso;
- **M.** Reconhecer a proposta do agir ético cristão.

De igual modo, os cinco objetivos programáticos proposto para a lecionação desta unidade foram contemplados, sendo eles:

- Reconhecer a relação com Jesus de Nazaré, como o centro da identidade cristã;
- Identificar o Deus misericordioso, anunciado por Jesus, com o núcleo central da mensagem cristã;
- Compreender, pela interpretação de textos bíblicos, qual foi a missão de Jesus, o Filho de Deus;
- Reconhecer a Ressurreição de Cristo como vitória da Vida sobre a morte;
- Mobilizar o valor da vida na orientação do comportamento em situações do quotidiano.

No entanto, estes objetivos, de caracter muito abrangente, foram desdobrados em objetivos programáticos mais específicos em cada uma da planificação de aula para serem melhor apreendidos pelos alunos. Os conteúdos propostos para esta unidade letiva pelo programa foram lecionados na íntegra embora um ou outros fosse menos aprofundado para que não se tornasse demasiado extensa a unidade em termos de tempos letivos uma vez que ainda existe mais uma unidade letiva que terá que ser lecionada no terceiro período.

Para que os conteúdos propostos fossem trabalhados foi feita uma seleção, uma sequencialização que embora fosse projetada em função do Programa, teve em conta uma gradualidade que permitisse a assimilação de conhecimentos por parte dos alunos com vista à compreensão de temas mais complexos, e uma organização funcional que permitisse uma

¹⁴² Cf. SECRETARIADO NACIONAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Programa de e Educação Moral e Religiosa Católica*, 7.

articulação dos mesmos ao longo de toda a unidade letiva. Para que isto se tornasse possível foram utilizados *mediadores de planificação*,¹⁴³ ou seja, diversos materiais didáticos que serviram de guias: o livro do aluno do 5º ano de escolaridade da disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica, livros consultados sobre a temática, que estão referidos na bibliografia, Bíblia; o Programa de Educação Moral e Religiosa Católica elaborado pelo Secretariado Nacional de Educação Cristã e estratégias de ensino. Estas contemplaram alguns campos, nomeadamente, os conhecimentos dos sujeitos já adquiridos anteriormente, trabalhos de pares, trabalho de grupo-turma, trabalho individual, a novidade plástica, entrópica, cognoscitiva e operativa,¹⁴⁴ diferentes recursos: diversidade de *PowerPoints*, música, canto, fichas de trabalho, exercícios escritos, crucigramas, completar frases com base na projeção de *PowerPoint* e fichas de avaliação.

A planificação também foi projetada em termos de tempo. Por um lado foi pensado no tempo que possibilitasse lecionar os conteúdos da unidade letiva, e para isso foram estipuladas dez aulas e, por outro lado, foi pensado no tempo letivo de cada aula (45 minutos) de modo a que possibilitasse, dentro deste tempo, a apresentação dos conteúdos, as intervenções dos alunos, a realização de exercícios e a avaliação.

Quer na planificação da unidade letiva, quer na planificação mais específica de aula a aula, foi estipulado itens de avaliação onde foram contempladas a expressão escrita, as intervenções orais, aquisição e aplicação de conhecimentos adquiridos a novas situações; observação direta focada nos critérios de intervenção, expressão oral, capacidade crítica e de interpretação/relacionamento de dados; observação focada na participação e na qualidade das intervenções orais; observação direta dos alunos a nível de empenhamento, autonomia, comportamento, criatividade e cooperação em trabalho de grupo/pares; relacionamento com colegas e docente; capacidade de interajuda e respeito pela opinião do outro; elaboração e correção de exercícios realizados na sala de aula; realização de pequenos exercícios escritos; solidariedade no trabalho de grupo; desenvolvimento da capacidade crítica e autocrítica; capacidade de agir e decidir com autonomia; capacidades comunicativas orais e escritas.

Mas, para além do que ficou planificado, também ficou estipulado, em cada uma das aulas uma autoavaliação da professora, dos aspetos positivos e dos aspetos menos conseguidos (disponibilizada no Dossier de Estágio). Esta avaliação teve em conta o domínio ou domínios a desenvolver, as metas a atingir, os objetivos a alcançar, a adequação dos conteúdos aos alunos e o domínio os conteúdos por parte da professora, as estratégias

¹⁴³ Cf. Miguel ZABALZA, *Planificação e Desenvolvimento Curricular na Escola*, 49.

¹⁴⁴ Cf. *Ibidem*, 158.

utilizadas, as explicações dadas na sala de aula, as atividades proposta como meio de consolidação dos conhecimentos e o tempo previsto.

1.3. Esquema de planificação global da unidade letiva 2

Depois de se ter feito uma reflexão sobre as metas e em que é que se diferenciam das competências propostas pelo anterior programa, da importância da planificação na vida do/a professor/a e da metodologia utilizada para conceber a presente planificação, vai-se, neste ponto, proceder à apresentação do esquema de planificação a nível global da unidade letiva 2 do programa do 6º ano de escolaridade de Educação Moral e Religiosa Católica proposto pelo Programa de Educação Moral e Religiosa Católica emanado do Secretariado Nacional de Educação Cristã.



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
CENTRO REGIONAL DE BRAGA
FACULDADE DE TEOLOGIA
INSTITUTO UNIVERSITÁRIO DE CIÊNCIAS RELIGIOSAS
Mestrado em Ciências Religiosas
Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica
Prática de Ensino Supervisionada



Agrupamento de Escolas
Emídio Garcia de Bragança
Escola Paulo Quintela
Ano letivo 2014/2015

Planificação da Unidade Letiva 2: Jesus, um Homem para os outros

6ºano de escolaridade de Educação Moral e Religiosa Católica

Aulas previstas: 10

Domínios	Metas de aprendizagem	Objetivos atingir	Conteúdos a desenvolver	Estratégias de Ensino	Avaliação Formativa
Cultura cristã e visão cristã da vida	E- Identificar o núcleo central do catolicismo;	- Reconhecer a relação com Jesus de Nazaré como o centro da identidade cristã;	- Quem é Jesus de Nazaré? - Jesus, o Profeta de Deus, o Mestre e o Messias (Cristo), o Filho de Deus; - O anúncio do Reino de Deus: a vitória definitiva do bem, da justiça, da verdade, do amor.	- Fichas de Trabalho, - Caderno Diário; - Computador; - Quadro; - <i>PowerPoint</i> como explicação da aula.	- Aquisição e aplicação de conhecimentos; - Observação direta focada nos critérios de intervenção, expressão oral, capacidade crítica e de interpretação/ relacionamento de dados; - Observação focada na participação e na

	<p>K- Reconhecer exemplos relevantes do Património artístico criados com um fundamento religioso.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Aperceber-se de Jesus como marco histórico na elaboração do calendário do Ocidente; - Interpretar produções culturais que retratam a vida de Jesus como marco histórico; - Apreciar produções estéticas da temática cristológica. 	<ul style="list-style-type: none"> - O nascimento de Jesus marcou a história: <ul style="list-style-type: none"> - A arte celebra o nascimento, vida, morte e ressurreição de Jesus; - O calendário usado entre nós tem como ponto de referência o nascimento de Jesus, dada a sua importância. 	<ul style="list-style-type: none"> - Ficha de Trabalho, - Caderno Diário; - Computador; - Quadro; - Apresentação em <i>PowerPoint</i> com imagens de obras de arte onde são celebrados o nascimento, vida, morte e ressurreição de Jesus 	<p>qualidade das intervenções orais;</p> <ul style="list-style-type: none"> - Observação direta dos alunos a nível de empenhamento, autonomia, comportamento, criatividade e cooperação em trabalho de grupo/pares; - Relacionamento com colegas e docente;
		<ul style="list-style-type: none"> - Identificar o Deus misericordioso, anunciado por Jesus, como o núcleo central da mensagem cristã. 	<ul style="list-style-type: none"> - Jesus lega-nos uma nova maneira de entender Deus, misericórdia pura; - A confiança no Deus bom, que não abandona a pessoa (cf. Lc 12, 22ss); - Contra a exclusão, a inclusão no amor de Deus: inclusão dos marginalizados, dos pobres, dos doentes; 	<ul style="list-style-type: none"> - Fichas de Trabalho; - Computador; - Quadro; - <i>PowerPoint</i>, - Estrato da música de Frei António Cafê, <i>Deus é amor</i>. 	<ul style="list-style-type: none"> - Capacidade de interajuda e respeito pela opinião do outro; - Elaboração e correção de exercícios realizados na sala de aula; - Realização de pequenos exercícios escritos; - Solidariedade no trabalho de grupo;

			<p>- A revolução do coração humano: viver centrado no amor ao próximo (e próximo é todo o que precisa de mim, independentemente da sua origem ou identidade).</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Fichas de Trabalho; - Caderno Diário; - Computador; - Quadro; - <i>PowerPoint</i> 	<ul style="list-style-type: none"> - Desenvolvimento da capacidade crítica e autocrítica; - Capacidade de agir e decidir com autonomia; - Capacidades comunicativas orais e escritas.
			<ul style="list-style-type: none"> - O perdão de Deus e a necessidade do arrependimento; - Uma religião que brota de uma relação com Deus no íntimo do ser e se manifesta na fraternidade, e não uma religião do culto exterior (Lc 18, 9-14). 	<ul style="list-style-type: none"> - Caderno Diário; - Computador; - Quadro; - <i>PowerPoint</i>: Parábola do fariseu e do publicano (Lc 18,9-14) 	

Religião e experiência religiosa	B – Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história.	<ul style="list-style-type: none"> - Compreender, pela interpretação de textos bíblicos, qual foi a missão de Jesus, o Filho de Deus. 	<ul style="list-style-type: none"> – A interpelação aos poderosos: os saduceus, os fariseus, os romanos. – A paixão e morte de Jesus: <ul style="list-style-type: none"> – Mc 14,32-50: Oração no Getsemani e prisão; – Mc 14,53-65: Jesus é julgado e condenado pelo tribunal judaico; – Mc 15,1-15: Jesus é julgado e condenado à morte por Pilatos; – Mc 15,24-37: Crucificação e morte de Jesus na cruz. 	<ul style="list-style-type: none"> - Ficha de Trabalho dada na segunda aula; - Caderno Diário; - Computador; - Quadro; - <i>PowerPoint</i>: Parábola do Fariseu e o Publicano (Lc 18,9-14) - Pequeno filme sobre a paixão, morte e ressurreição de Jesus, - <i>PowerPoint</i> sobre a conversão de Saulo; 	
		<ul style="list-style-type: none"> - Reconhecer a Ressurreição de Cristo como vitória da Vida sobre a morte. 	<ul style="list-style-type: none"> – A ressurreição – Jesus é o Senhor e o Filho de Deus: <ul style="list-style-type: none"> - At 9: Conversão (vocação) de Saulo; - At 10,34-43: Discurso de Pedro em casa de Cornélio; 	<ul style="list-style-type: none"> - Ficha de Trabalho dada na segunda aula; - Fichas Informativas; - Ficha de Trabalho com crucigrama; 	

Ética e Moral.			<p>– Deus quer a vida e não a morte:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Jo 10,10: “Eu vim para que tenham vida”. 	<p>- Fichas de Trabalho dada na segunda aula;</p> <p>- <i>PowerPoint</i> sobre pessoas que deram testemunho do amor de Deus</p> <p>- Preenchimento do crucigrama: <i>Seis palavras mágicas para fazer o outro feliz!</i></p> <p>- Música <i>Vasos de Barro</i>;</p>	
	<p>M – Reconhecer a proposta do agir ético cristão em situações vitais do quotidiano</p>	<p>- Mobilizar o valor da vida na orientação do comportamento em situações do quotidiano</p>	<p>- Que posso fazer para viver cada vez com mais qualidade e dar a vida aos outros?</p> <p>- Devo ser capaz de:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Respeitar; • Cuidar; • Compreender; • Partilhar; • Ama 	<p>- Fichas de Trabalho dada na segunda aula;</p> <p>- Ficha de Avaliação,</p> <p>- <i>PowerPoint</i> com a correção da Ficha de Avaliação;</p>	

1.4. Esquema de planificação aula a aula, da unidade letiva 2

Neste ponto serão apresentados os esquemas da planificação de cada uma das dez aulas em que se desenrola a apresentação, estudo e aprofundamento, da unidade letiva 2 do programa do 6º ano de escolaridade de Educação Moral e Religiosa Católica, tendo por base o esquema da planificação a nível global, com os domínios a serem desenvolvidos, as metas a serem atingidas, os conteúdos a desenvolver, as estratégias de ensino e os instrumentos de avaliação.

Nestes esquemas de planificação é feito um aprofundamento do esquema da planificação global, desdobrando-se os objetivos globais propostos pelo programa, em outros mais específicos, de modo a poderem ser trabalhados os conteúdos propostos de maneira mais concreta. Estes esquemas são, também, uma síntese da planificação descritiva e como a mesma foi desenvolvida ao longo dos dez tempos letivos propostos.



Planificação de Aula: 1/10

Unidade Letiva 2: Jesus, um Homem para os outros

Tema: «*Jesus, o Messias prometido*»

Ano: 6º ano

Tempo previsto: 45 minutos

Domínio	Metas de aprendizagem	Objetivos atingir	Conteúdos a desenvolver	Estratégias de Ensino	Tempo	Recursos	Avaliação Formativa
Cultura cristã e visão cristã da vida.	E - Identificar o núcleo central do catolicismo.	<ul style="list-style-type: none">- Interrogar-se sobre quem é Jesus na sua vida;- Aperceber-se do que os outros pensam de Jesus;- Constatar que as questões colocadas hoje são idênticas às colocadas à dois mil anos, na vida das pessoas;- Descobrir uma resposta pessoal para a pergunta: "Quem é Jesus para mim?"	<ul style="list-style-type: none">- Quem é Jesus de Nazaré?- O título dado a Jesus: o Profeta de Deus, o Mestre e o Messias (Cristo), o Filho de Deus;	<ul style="list-style-type: none">- Acolhimento dos alunos;- Apresentação da unidade letiva;- Elaboração da Ficha de Trabalho;- Leitura e análise das resposta dadas pelos alunos na ficha de trabalho;- Apresentação do PowerPoint com o desenvolvimento da aula.- Análise dos títulos dados a Jesus;	<ul style="list-style-type: none">- 5 m- 3 m- 10m- 14 m-10 m	<ul style="list-style-type: none">- Fichas de Trabalho,- Caderno Diário;- Computador;- Quadro;- <i>PowerPoint</i>	<ul style="list-style-type: none">- Desenvolvimento da capacidade de reflexão crítica e autocrítica;- Capacidade de trabalhar em grupo;- Avaliação formativa e interativa baseada na participação oral dos alunos.

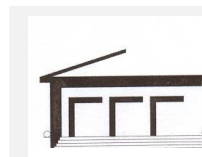
	<ul style="list-style-type: none"> - Compreender o que é um título e porque dos títulos dados a Jesus; - Aperceberem-se do título dado a Jesus na presente unidade letiva. 	<ul style="list-style-type: none"> - Título proposto na unidade letiva 2: <i>Jesus, um Homem para os outros</i>; 	<ul style="list-style-type: none"> - Resumo da aula e transcrição do Sumário para o caderno diário. 	- 3 m		
--	--	---	--	-------	--	--

Sumário:

O que dizem os outros sobre Jesus Cristo? Quem é Jesus Cristo para ti? Jesus, o Profeta de Deus, Mestre, Messias, o Filho de Deus.



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
CENTRO REGIONAL DE BRAGA
FACULDADE DE TEOLOGIA
INSTITUTO UNIVERSITÁRIO DE CIÊNCIAS RELIGIOSAS
Mestrado em Ciências Religiosas
Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica
Prática de Ensino Supervisionada



Agrupamento de Escolas
Emídio Garcia de Bragança
Escola Paulo Quintela
Ano letivo 2014/2015

Planificação de Aula: 2/10

Unidade Letiva 2: Jesus, um Homem para os outros

Tema: «*O anúncio do Reino de Deus*»

Ano: 6º ano

Tempo previsto: 45 minutos

Domínio	Metas de aprendizagem	Objetivos atingir	Conteúdos a desenvolver	Estratégias de Ensino	Tempo	Recursos	Avaliação Formativa
Cultura cristã e visão cristã da vida.	E - Identificar o núcleo central do catolicismo;	<ul style="list-style-type: none"> - Aplicar os conhecimentos adquiridos dos conteúdos lecionados na última aula; - Reconhecer a relação com Jesus de Nazaré como o centro da identidade cristã; - Refletir sobre o que é o <i>Reino de Deus</i>; - Conhecer a Mensagem de Jesus sobre o <i>Reino de Deus</i>; 	<ul style="list-style-type: none"> - Definição de parábola; - Análise das parábolas: o fermento (Mt 13,33) e o semeador (Mc 4,26-29); - Sentindo profundo de “conversão” como fundamento para aceitar o <i>Reino de Deus</i>; 	<ul style="list-style-type: none"> - Acolhimento dos alunos; - Resumo dos conteúdos lecionados na aula anterior; - Conclusão da matéria da aula anterior referente aos títulos dados a Jesus; - Distribuição de uma Ficha de trabalho em branco, apenas com o título da unidade letiva: <i>Jesus, um Homem para os outros</i>, com o objetivo dos alunos a irem completando ao longo das próximas aulas com base nos 	<ul style="list-style-type: none"> - 4 m - 3 m - 5 m - 3m 	<ul style="list-style-type: none"> - Fichas de Trabalho, - Caderno Diário; - Computador; - Quadro; - PowerPoint. 	<ul style="list-style-type: none"> - Observação direta focada nos critérios de intervenção, expressão oral, capacidade crítica e de interpretação/relacionamento de dados; - Capacidade de interajuda e respeito pela opinião do outro;

	<ul style="list-style-type: none"> - (Re)descobrir o significado de conversão; - Refletir sobre os títulos dados a Jesus; - Constatar que <i>o Reino de Deus</i> é uma realidade já atuante no meio de nós. 	<ul style="list-style-type: none"> - Os títulos dados a Jesus; - O anúncio <i>do Reino de Deus</i> como preconizador da vitória definitiva do bem, da justiça, da verdade, do amor. 	<p>conteúdos que forem sendo apresentados;</p> <ul style="list-style-type: none"> - Retomar o título de “Mestre” dado a Jesus. Apresentar o conceito de <i>Reino de Deus</i> como tema central do ensino Deste; - Colocar à questão ao alunos: O que entendem por Reino de Deus? Registrar as respostas no quadro sem nada dizer. Depois distribuir uma ficha de trabalho com duas parábolas do fermento (Mt 13,33) e o semeador (Mc 4,26-29) para leitura e análise. - Definição de parábola; - Após a leitura, questionar, os alunos novamente, com base no que leram: O que entendem por <i>Reino de Deus</i>? Registrar as respostas no quadro e comparar com as dadas anteriormente; - Projeção de um <i>PowerPoint</i> tendo em vista a explicação da Mensagem de Jesus sobre o <i>Reino de Deus</i>, tendo em consideração o conceito profundo de “conversão”, mudança de vida, para aceitação desse <i>Reino</i> que, embora ainda não realizado, já está operante entre nós; 	<p>- 3m</p> <p>- 5 m</p> <p>- 2 m</p> <p>- 5 m</p> <p>- 10m</p>		<ul style="list-style-type: none"> - Capacidades comunicativas orais e escritas.
--	--	---	--	---	--	---

			<ul style="list-style-type: none"> - Com base no que aprenderam na aula escrevem uma frase na ficha que lhe foi distribuída com o título dado a Jesus: <i>Jesus, um Homem para os outros</i> e guardam; - Resumo da aula e transcrição do Sumário para o caderno diário. 	<p>- 2 m</p> <p>- 3m</p>		
<p>Sumário:</p> <p>Títulos de Jesus, conclusão da aula anterior. O anúncio do Reino de Deus. Análise das parábolas do fermento (Mt 13,33) e do semeador (Mc 4,26-29).</p>						



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
CENTRO REGIONAL DE BRAGA
FACULDADE DE TEOLOGIA
INSTITUTO UNIVERSITÁRIO DE CIÊNCIAS RELIGIOSAS
Mestrado em Ciências Religiosas
Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica
Prática de Ensino Supervisionada



Agrupamento de Escolas
Emídio Garcia de Bragança
Escola Paulo Quintela
Ano letivo 2014/2015

Planificação de Aula: 3/10

Unidade Letiva 2: Jesus, um Homem para os outros

Tema: «Jesus um marco na história: a arte celebra a vida de Jesus»

Ano: 6º ano

Tempo previsto: 45 minutos

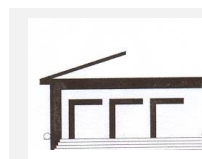
Domínio	Metas de aprendizagem	Objetivos atingir	Conteúdos a desenvolver	Estratégias de Ensino	Tempo	Recursos	Avaliação Formativa
Cultura cristã e visão cristã da vida.	E - Identificar o núcleo central do catolicismo;	<ul style="list-style-type: none"> - Aperceber-se de Jesus como marco na história na elaboração do calendário do Ocidente; - Interpretar produções culturais que retratam a vida de Jesus como marco na história; 	<ul style="list-style-type: none"> - O nascimento de Jesus marcou a história: • A arte celebra o nascimento, vida, morte e ressurreição de Jesus; • 	<ul style="list-style-type: none"> - Acolhimento dos alunos; - Resumo dos conteúdos lecionados na aula anterior; - Distribuição da Ficha de Trabalho para ser preenchida durante a aula; 	<ul style="list-style-type: none"> - 3 m - 3 m - 2 m 	<ul style="list-style-type: none"> - Ficha de Trabalho, - Caderno Diário; - Computador; - Quadro; - PowerPoint. 	<ul style="list-style-type: none"> - Aquisição de conhecimentos; - Aplicação dos conhecimentos adquiridos a novas situações;

<p>K- Reconhecer exemplos relevantes do Património artístico criados com um fundamento religioso.</p>	<p>- Appreciar produções estéticas da temática cristológica.</p>	<ul style="list-style-type: none"> •.O calendário usado entre nós tem como ponto de referência o nascimento de Jesus. 	<ul style="list-style-type: none"> - Realçar a importância de Jesus como marco na história, colocando em evidência a elaboração do calendário Ocidental elaborado a pedido do Papa Gregório XIII, no século XVI; - Apresentação de alguns calendários antigos e atuais; - Apresentação de um friso cronológico aos alunos para eles compreender melhor a divisão dos acontecimentos históricos entre o <i>antes de Cristo ((a.C.)</i> e o <i>depois de Cristo (d.C.)</i>; - Mostrar aos alunos que a importância de Jesus vai ainda mais longe, e manifesta-se na construção Igrejas, lugares de culto (ermidas, santuários), lugares de peregrinações (São Tiago de Compostela, Fátima, por exemplo), esculturas, pinturas, literatura; onde é exalta a figura e a importância de Jesus Cristo; - Visualização de algumas pinturas e esculturas; - Correção da primeira parte da Ficha de Trabalho; - Realização da <i>sopa de palavras</i> e correção da mesma; 	<p>- 5 m</p> <p>- 3 m</p> <p>- 5 m</p> <p>- 3 m</p> <p>- 5 m</p> <p>- 5 m</p> <p>- 5 m</p>		<p>-- Observação direta focada nos critérios de intervenção, expressão oral, capacidade crítica e de interpretação/ relacionamento de dados;</p> <p>Realização de exercícios escritos.</p>
--	--	--	--	--	--	--

			<ul style="list-style-type: none"> - Com base na aula lecionada acrescentar uma explicação ao título dado a Jesus pela presente unidade letiva: <i>Jesus, um Homem para os outros</i>. - Resumo da aula e transcrição do Sumário para o caderno diário. 	- 3m - 3 m		
<p>Sumário: Jesus, um marco na história. A arte celebra a vida de Jesus. Formação do calendário do Ocidente. Elaboração de uma Ficha de Trabalho.</p>						



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
CENTRO REGIONAL DE BRAGA
FACULDADE DE TEOLOGIA
INSTITUTO UNIVERSITÁRIO DE CIÊNCIAS RELIGIOSAS
Mestrado em Ciências Religiosas
Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica
Prática de Ensino Supervisionada



Agrupamento de Escolas
Emídio Garcia de Bragança
Escola Paulo Quintela
Ano letivo 2014/2015

Planificação de Aula: 4/10

Unidade Letiva 2: Jesus, um Homem para os outros
Tema: «Jesus leva-nos a conhecer o amor infinito de Deus»

Ano: 6º ano
Tempo previsto: 45 minutos

Domínio	Metas de aprendizagem	Objetivos atingir	Conteúdos a desenvolver	Estratégias de Ensino	Tempo	Recursos	Avaliação Formativa
Cultura cristã e visão cristã da vida.	E - Identificar o núcleo central do catolicismo;	<ul style="list-style-type: none"> -- Identificar o Deus misericordioso, anunciado por Jesus, com o núcleo central da mensagem cristã; - Descobrir que o Amor de Deus é um amor voltado para o outro; - Aperceber-se que só conseguimos chegar até Deus através do caminho do amor. 	<ul style="list-style-type: none"> - Jesus lega-nos uma nova maneira de entender Deus, misericórdia pura; - A confiança no Deus bom, que não abandona a pessoa (cf. Lc 12, 22ss); 	<ul style="list-style-type: none"> - Acolhimento dos alunos; - Resumo dos conteúdos lecionados na aula anterior; - Correção da Ficha de Trabalho realizada na aula anterior; - Tomando por fio condutor as obras de arte feitas por grandes artistas que nos revelam a momentos da vida de Jesus, também hoje a professora quer revelar uma <i>grande verdade</i>, o centro da Boa 	<ul style="list-style-type: none"> - 3 m - 3 m - 7m - 12m 	<ul style="list-style-type: none"> - Fichas de Trabalho; - Caderno Diário; - Computador; - Quadro; - PowerPoint; - Estrato da música de Frei Café: <i>Deus é amor.</i> 	<ul style="list-style-type: none"> - Aquisição de conhecimentos; - Aplicação dos conhecimentos adquiridos a novas situações;

		<p>- Contra a exclusão, a inclusão no amor de Deus: inclusão dos marginalizados, dos pobres, dos doentes (Parábola da ovelha perdida - Lc 15, 4-7); Parábola da dracma perdida -Lc 15,8-10).</p>	<p>Nova trazida por Jesus: Deus é amor (1Jo 4,16) e ama-nos apaixonadamente; Mostra que Jesus é o <i>rostro</i> de Deus Pai. Em Jesus, Deus Altíssimo, torna-se Deus conosco – Emanuel; E há pergunta: como é que Deus infinito se pode revelar num homem mortal, limitado? É mostrado que Deus é um dom que se dá gratuitamente e se manifesta Naquele que se dá inteiramente se abandona ao Pai e cumpre a sua vontade; É posto em evidência que esse amor de Deus também se revelou antes, no Antigo Testamento. Para melhor compreender o que é o Antigo e o Novo Testamento, a professora mostra uma Bíblia e faz algumas questões. Põem em evidência que a Bíblia é o livro Sagrado dos cristãos que contam a história do Povo de Deus, de Jesus e dos apóstolos; Depois, é retomado o tema e posto em evidência que Deus já se tinha manifestado ao Povo Hebreu antes de se revelar de modo definitivo em Jesus Cristo. São dados alguns exemplos;</p>			<p>- Observação direta focada nos critérios de intervenção, expressão oral, capacidade crítica e de interpretação/ relacionamento de dados;</p> <p>- Realização de exercícios escritos.</p>
--	--	--	---	--	--	---

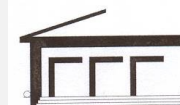
			<p>É posto em evidência o amor ablativo de Deus pela humanidade de modo radical em Jesus; A professora refere a Carta Encíclica do Papa Bento XVI como um documento que fala expressamente desse amor. É dado o conceito de encíclica; Jesus vem mostrar que o Amor é dirigido a todos especialmente aos marginalizados;</p> <p>- São apresentadas duas parábolas para analisar, a da ovelha perdida (Lc 15,4-7) e a da dracma perdida (Lc 15,8-10);</p> <p>- Apresentação do estrato da música Frei António Cafê, <i>Deus é amor</i></p> <p>- Com base na aula lecionada acrescentar uma explicação ao título dado a Jesus pela presente unidade letiva: <i>Jesus, um homem para os outros.</i></p> <p>- Resumo da aula e transcrição do Sumário para o caderno diário.</p>	- 10m		
				- 4m		
				- 3m		
				- 3m		

Sumário:

Correção da Ficha de Trabalho elaborada na aula anterior. Jesus leva-nos a conhecer o amor infinito de Deus.



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
CENTRO REGIONAL DE BRAGA
FACULDADE DE TEOLOGIA
INSTITUTO UNIVERSITÁRIO DE CIÊNCIAS RELIGIOSAS
Mestrado em Ciências Religiosas
Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica
Prática de Ensino Supervisionada



Agrupamento de Escolas

Emídio Garcia de Bragança

Escola Paulo Quintela

Ano letivo 2014/2015

Planificação de Aula. 5/10

Unidade Letiva 2: Jesus, um Homem para os outros

Tema: “O amor ao próximo como acesso ao Reino de Deus”

Ano: 6º ano

Tempo previsto: 45 minutos

Domínio	Metas de aprendizagem	Objetivos atingir	Conteúdos a desenvolver	Estratégias de Ensino	Tempo	Recursos	Avaliação Formativa
E. Cultura cristã e visão cristã da vida.	<ul style="list-style-type: none"> - Identificar o núcleo central do catolicismo; 	<ul style="list-style-type: none"> - Identificar o Deus misericordioso, anunciado por Jesus, como o núcleo central da mensagem cristã; - Compreender a misericórdia de Deus através da vida de Jesus; - Aperceber-se que só se ama verdadeiramente a Deus quando se ama o próximo; 	<ul style="list-style-type: none"> - Jesus lega-nos uma nova maneira de entender Deus, misericórdia pura; - A revolução do coração humano: viver centrado no amor ao próximo (e próximo é todo o que precisa de mim, independentemente da sua origem ou identidade). 	<ul style="list-style-type: none"> - Acolhimento dos alunos; - Resumo dos conteúdos lecionados na aula anterior; - Análise das parábolas: a ovelha perdida e a dracma perdida (Lc 15,4-7; Lc 15,8-10), tendo em conta o amor incondicional e apaixonado de Deus pela pessoa que <i>caída</i>; 	<ul style="list-style-type: none"> - 3 m - 3 m - 15m 	<ul style="list-style-type: none"> - Ficha de Trabalho dada na última aula; - Caderno Diário; - Computador; - Quadro; - PowerPoint; 	<ul style="list-style-type: none"> - Aquisição de conhecimentos; - Aplicação dos conhecimentos adquiridos a novas situações;

	<ul style="list-style-type: none"> - Entender quem é o nosso próximo. 	<ul style="list-style-type: none"> - O amor ao próximo como meio de alcançar o <i>Reino de Deus</i>; - Análise das parábolas: ovelha perdida (Lc 15,4-7), dracma perdida (Lc 15,8-10) e do Bom Samaritano (Lc 10,30-37). 	<ul style="list-style-type: none"> - Dar-se conta que cada um de nós é chamado amar incondicionalmente o outro, aquele que nos é próximo, e ser próximo é todo o que necessita de mim; - Visualização do PowerPoint da parábola do Bom Samaritano (Lc 10,30-37) para compreender a dimensão do amor do amor ao <i>outro</i>, como adesão ao amor de Deus, e como amor a Deus; - O amor ao próximo como acesso ao <i>Reino de Deus</i>; - Com base na aula lecionada acrescentar uma explicação ao título dado a Jesus pela presente unidade letiva: <i>Jesus, um Homem para os outros</i>; - Dar resposta às duas perguntas apresentadas na ficha de trabalho dada na última aula; - Resumo da aula e transcrição do Sumário para o caderno diário. 	<ul style="list-style-type: none"> - 5m - 10m - 5m - 4m 		<ul style="list-style-type: none"> - Observação direta focada nos critérios de intervenção, expressão oral, capacidade crítica e de interpretação/ relacionamento de dados; - Realização de exercícios escritos.
<p>Sumário: Jesus mostra-nos o amor infinito de Deus (Lc 15,4-7; Lc 15,8-10). No amor ao próximo amamos a Deus (Lc 10,30-37).</p>						



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
CENTRO REGIONAL DE BRAGA
FACULDADE DE TEOLOGIA
INSTITUTO UNIVERSITÁRIO DE CIÊNCIAS RELIGIOSAS
Mestrado em Ciências Religiosas
Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica
Prática de Ensino Supervisionada



Agrupamento de Escolas
Emídio Garcia de Bragança
Escola Paulo Quintela
Ano letivo 2014/2015

Planificação de Aula: 6/10

Unidade Letiva 2: Jesus, um Homem para os outros
Tema: “Perdão e arrependimento”

Ano: 6º ano
Tempo previsto: 45 minutos

Domínio	Metas de aprendizagem	Objetivos atingir	Conteúdos a desenvolver	Estratégias de Ensino	Tempo	Recursos	Avaliação Formativa
E. Cultura cristã e visão cristã da vida.	<ul style="list-style-type: none"> - Identificar o núcleo central do catolicismo; 	<ul style="list-style-type: none"> - Identificar o Deus misericordioso, anunciado por Jesus, como o núcleo central da mensagem cristã; - Aperceber-se que para entrar em intimidade com Deus é necessário uma atitude de humildade; - Compreender que para amar a Deus é necessário, também, olhar para o outro com amor. 	<ul style="list-style-type: none"> - O perdão de Deus e a necessidade do arrependimento; - Uma religião que brota de uma relação com Deus no íntimo do ser e se manifesta na fraternidade, e não uma religião do culto exterior; - Análise da parábola do Fariseu e do Publicano (Lc 18, 9-14). 	<ul style="list-style-type: none"> - Acolhimento dos alunos; - Resumo dos conteúdos lecionados na aula anterior; - Dar-se conta que cada um de nós é chamado a amar a Deus incondicionalmente e que nesse amor a Deus tem que estar contemplado o amor ao outro; - Deus é aquele que vai ao encontro da pessoa, que não desiste dela até a encontrar, mas que não vai forçar a sua liberdade, mas vai propor a salvação; 	<ul style="list-style-type: none"> - 3m - 3m - 3m - 7m 	<ul style="list-style-type: none"> - Ficha de Trabalho dada na segunda aula; - Caderno Diário; - Computador; - Quadro; 	<ul style="list-style-type: none"> - Aplicação dos conhecimentos adquiridos a novas situações; - Observação direta focada nos critérios de intervenção, expressão oral, capacidade crítica e de interpretação/ relacionamento de dados;

			<ul style="list-style-type: none"> - A professora coloca a hipótese dos alunos se perderem e pergunta que atitudes tomariam perante essa situação. São ouvidos os alunos e analisadas as suas posições; - A professora coloca de novo outra hipótese, e se eles fugissem de casa por ter praticado alguma ação má ou porque não queriam obedecer aos pais, que atitude tomariam se quisessem regressar a casa? Novamente, ouve os alunos e é debatido as suas posições; - De seguida a professora adverte que esse regresso a casa poderia ser ou por arrependimento ou por interesse próprio e pergunta se, na opinião deles, o acolhimento por parte dos pais seria igual. Ouve novamente os alunos e debatem-se opiniões com a turma em atitude de respeito - Aperceber-se que Deus, assim como os nossos pais, nunca vai cansar-se de nos procurar mas respeitará sempre a nossa liberdade; - Apresentação da parábola em <i>PowerPoint</i> do Fariseu e o o Publicano (Lc 18, 9-14) e reflexão sobre a mesma; 	<ul style="list-style-type: none"> - 7m - 5m - 7m - 4 m 	<ul style="list-style-type: none"> - <i>PowerPoint</i>: Parábola do Fariseu e o Publicano (Lc 18,9-14) 	<ul style="list-style-type: none"> - Capacidade de agir e decidir com autonomia; - Capacidade de interajuda e respeito pela opinião do outro; - Realização de exercícios escritos
--	--	--	---	---	---	--

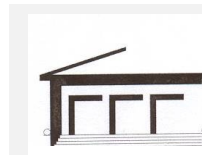
			<ul style="list-style-type: none"> - Com base na aula lecionada acrescentar uma explicação ao título dado a Jesus pela presente unidade letiva: <i>Jesus, um homem para os outros</i>: - Resumo da aula e transcrição do Sumário para o caderno diário. 	<p>- 3m</p> <p>3m</p>		
--	--	--	---	-----------------------	--	--

Sumário:

O amor infinito de Deus revela-se no Seu perdão àquele que vem ao seu encontro arrependido e olha para o próximo com amor. Análise de parábola do Fariseu e do Publicano (Lc 18,9-14).



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
CENTRO REGIONAL DE BRAGA
FACULDADE DE TEOLOGIA
INSTITUTO UNIVERSITÁRIO DE CIÊNCIAS RELIGIOSAS
Mestrado em Ciências Religiosas
Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica
Prática de Ensino Supervisionada



Agrupamento de Escolas
Emídio Garcia de Bragança
Escola Paulo Quintela
Ano letivo 2014/2015

Planificação de Aula: 7/10

Unidade Letiva 2: Jesus, um Homem para os outros

Tema: “A paixão e morte de Jesus”

Ano: 6º ano

Tempo previsto: 45 minutos

Domínio	Metas de aprendizagem	Objetivos atingir	Conteúdos a desenvolver	Estratégias de Ensino	Tempo	Recursos	Avaliação Formativa
Religião e experiência religiosa.	<p>B - Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Conhecer os três principais grupos de poderosos (Saduceus, Fariseus e Sacerdotes) que exerciam a poder na Palestina; - Aperceberem-se das razões que levaram a prender e a condenar Jesus; 	<ul style="list-style-type: none"> - Conhecimentos dos grupos: dos Saduceus, dos Fariseus e dos Sacerdotes. - A paixão e morte de Jesus: <ul style="list-style-type: none"> - Mc 14,32-50: Oração no Getsémani e prisão; 	<ul style="list-style-type: none"> - Acolhimento dos alunos; - Resumo dos conteúdos lecionados na aula anterior; - Dar-se conta que apesar de Jesus amar a todos muitos não gostavam dele, entre esses, os grupos de poderosos da Palestina; - Os alunos, através de uma Ficha Informativa, ficam a conhecer o grupo dos Saduceus, dos Fariseus e dos Sacerdotes, e as suas funções; 	<ul style="list-style-type: none"> - 3 m - 3 m - 3m - 8m 	<ul style="list-style-type: none"> - Ficha de Trabalho dada na segunda aula; - Fichas - Informativas (em anexo); - Ficha de Trabalho com crucigrama; 	<ul style="list-style-type: none"> - Aplicação dos conhecimentos adquiridos a novas situações; - Observação direta focada nos critérios de intervenção, expressão oral, capacidade crítica e de interpretação/relacionamento de dados;

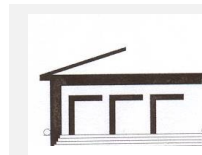
	<ul style="list-style-type: none"> - Compreender, pela leitura interpretação de um texto bíblico (Mt 14,61-64), a decisão da morte de Jesus; - Elaborar exercícios escritos para a aplicação de conhecimentos. 	<ul style="list-style-type: none"> - Mc 14,53-65: Jesus é julgado e condenado pelo tribunal judaico 	<ul style="list-style-type: none"> - Os alunos tomam conhecimento das razões que levaram à prisão e condenação de Jesus; - Tomada de conhecimento do ambiente em que decorreu a prisão de Jesus; - Leitura e análise da última pergunta feita a Jesus pelo Sumo-sacerdote e da resposta dada por Jesus; - Elaboração de um crucigrama para aplicação dos conhecimentos apreendidos durante a aula; - Com base no que foi lecionado durante a acrescentar uma explicação ao título dado a Jesus pela presente unidade letiva: <i>Jesus, um Homem para os outros</i>; - Resumo da aula e transcrição do Sumário para o caderno diário. 	<ul style="list-style-type: none"> -4m - 3m - 5m - 10m - 3m - 3 m 	<ul style="list-style-type: none"> - Caderno Diário; - Computador; - Quadro. 	<ul style="list-style-type: none"> - Capacidade de agir e decidir com autonomia; - Capacidade de interajuda e respeito pela opinião do outro; - Realização de exercícios escritos
--	--	--	--	---	---	--

Sumário:

Conflito de Jesus com o poder instalado. Prisão e condenação de Jesus. Realização de uma crucigrama.



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
CENTRO REGIONAL DE BRAGA
FACULDADE DE TEOLOGIA
INSTITUTO UNIVERSITÁRIO DE CIÊNCIAS RELIGIOSAS
Mestrado em Ciências Religiosas
Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica
Prática de Ensino Supervisionada



Agrupamento de Escolas
Emídio Garcia de Bragança
Escola Paulo Quintela
Ano letivo 2014/2015

Planificação de Aula: 8/10

Unidade Letiva 2: Jesus, um Homem para os outros
Tema: “A Ressurreição”

Ano: 6º ano
Tempo previsto: 45 minutos

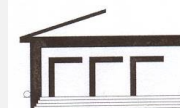
Domínio	Metas de aprendizagem	Objetivos atingir	Conteúdos a desenvolver	Estratégias de Ensino	Tempo	Recursos	Avaliação Formativa
Religião e experiência religiosa	<p>B - Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história.</p>	<ul style="list-style-type: none"> -- Conhecer factos históricos do tempo de Jesus; - Reconhecer a Ressurreição de Cristo como vitória da Vida sobre a morte; - Conhecer pessoas que ao deram e dão testemunho da ressurreição de Jesus. 	<ul style="list-style-type: none"> - A paixão e morte de Jesus: <ul style="list-style-type: none"> - Mc 15,1-15: Jesus é julgado e condenado à morte por Pilatos; - Mc 15,24-37: Crucificação e morte de Jesus na cruz.; 	<ul style="list-style-type: none"> - Acolhimento dos alunos; - Resumo dos conteúdos lecionados na aula anterior; - A professora retoma o tema começado na aula anterior sobre a condenação de Jesus, informando que os chefes religiosos não poderiam dar a morte a Jesus e que o mesmo foi levado ao perfeito de Jerusalém, Pôncio Pilatos; 	<ul style="list-style-type: none"> - 3 m - 3 m - 3m 	<ul style="list-style-type: none"> - Ficha de Trabalho dada na segunda aula; - Pequeno filme sobre a paixão, morte e ressurreição de Jesus, 	<ul style="list-style-type: none"> - Aplicação dos conhecimentos adquiridos a novas situações;

		<ul style="list-style-type: none"> - A ressurreição – Jesus é o Senhor e o Filho de Deus; - At 9: Conversão (vocação) de Saulo; - Jo 10,10: “Eu vim para que tenham vida. 	<ul style="list-style-type: none"> - A professora dá, ainda conhecimento, sobre alguns os procedimentos que decorriam durante os julgamentos; - Visualização de um pequeno filme sobre a crucificação, morte e ressurreição de Jesus; - Reflexão sobre o tema; - Conhecer amigos de Jesus que morreram por proclamar o seu nome e outros que se tornaram seus amigos, como Saulo ; - Visualização de um <i>PowerPoint</i> sobre a conversão de Paulo; - Tomar conhecimento de pessoas que deram e dão testemunho do amor de Deus; - Aperceberem-se que há muitas pessoas anónimas que continua a entregar a sua vida a Deus no amor ao próximo; - Com base no que foi lecionado durante a acrescentar uma explicação ao título dado a Jesus pela presente unidade letiva: <i>Jesus, um homem para os outros:</i> 	<ul style="list-style-type: none"> - 3m - 10 m - 5m - 3m - 5m - 2m - 2m - 3m 	<ul style="list-style-type: none"> - <i>PowerPoint</i> sobre a conversão de Saulo; - <i>PowerPoint</i> mostrando pessoas que tem seguido Jesus; - Caderno Diário; - Computador; - Quadro. 	<ul style="list-style-type: none"> - Observação direta focada nos critérios de intervenção, expressão oral, capacidade crítica e de interpretação/relacionamento de dados; - Capacidade de agir e decidir com autonomia; - Capacidade de interajuda e respeito pela opinião do outro;- Realização de exercícios escritos.
--	--	--	--	--	--	--

			- Resumo da aula e transcrição do Sumário para o caderno diário.	-2 m		
--	--	--	--	------	--	--

Sumário:

A morte e a ressurreição de Jesus. O *Reino de Deus* continua operante na história da humanidade.



Planificação de Aula: 9/10

Unidade Letiva 2: Jesus, um Homem para os outros

Tema: “A resposta da pessoa ao amor de Deus”

Ano: 6º ano

Tempo previsto: 45 minutos

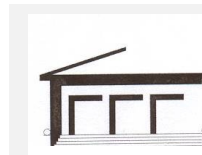
Domínio	Metas de aprendizagem	Objetivos atingir	Conteúdos a desenvolver	Estratégias de Ensino	Tempo	Recursos	Avaliação Formativa
Ética e Moral.	M. Reconhecer a resposta do agir ético cristão em situações vitais do quotidiano	-- Mobilizar o valor da vida na orientação do comportamento em situações do quotidiano; - Reconhecer pessoas que ao longo dos séculos e atualmente seguem a Jesus no amor aos outros e a Deus;	- Que posso fazer para viver cada vez com mais qualidade e dar a vida aos outros? - Devo ser capaz de: <ul style="list-style-type: none"> • Respeitar; • Cuidar; • Compreender; • Partilhar; • Amar 	- Acolhimento dos alunos; - Resumo dos conteúdos lecionados na aula anterior; - Dar a vida por Jesus é dar a vida pelos irmãos seja de modo radical seja ao seu serviço como São Francisco de Assis e Madre Teresa de Calcutá e como o são tantas pessoas ao nosso redor;	- 3 m - 3 m - 3m - 3m	- Fichas de Trabalho dada na segunda aula; - <i>PowerPoint</i> pessoas que dão testemunho do amor de Deus - Preenchimento do crucigrama: <i>Seis gestos de amor para fazer o outro feliz!</i>	- Aplicação dos conhecimentos adquiridos a novas situações; - Observação direta focada nos critérios de intervenção, expressão oral, capacidade crítica e de interpretação/relacionamento de dados;

	<ul style="list-style-type: none"> - Aperceber-se do significado profundo que a solidariedade adquire quando Jesus se torna solidário com a humanidade; - Compreender o significado de caridade como amor ablativo. 		<ul style="list-style-type: none"> - Jesus foi solidário com a humanidade através da sua gratuidade e da sua opção pelos mais pobres, os pecadores e os excluídos; - Jesus chama-nos a ser solidários com os nossos irmãos; - Há pessoas que conhecemos e outras que não conhecemos que de um modo anónimo também são solidárias com os irmãos no seu dia-a-dia (bombeiros, enfermeiras, colegas...); - Os alunos apercebem-se de formas de sermos solidários com os outros no nosso quotidiano: respeitar; cuidar; compreender partilhar; Amar - Preenchimento de um crucigrama: <i>Seis palavras mágicas para fazer o outro feliz!!</i> - Ouvir e cantar a música <i>Vasos de Barro</i>; 	<p>-3m</p> <p>- 3m</p> <p>- 4 m</p> <p>- 4m</p> <p>- 2m</p> <p>- 3m</p> <p>- 8 m</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Música <i>Vasos de Barro</i>; - Computador; - Quadro. 	<ul style="list-style-type: none"> - Capacidade de interajuda e respeito pela opinião do outro; - Realização de exercícios escritos
--	---	--	--	--	---	---

			<ul style="list-style-type: none"> - Com base no que foi lecionado durante a acrescentar uma explicação ao título dado a Jesus pela presente unidade letiva: <i>Jesus, um Homem para os outros;</i> - Resumo da aula e transcrição do Sumário para o caderno diário. 	<ul style="list-style-type: none"> - 3m - 3 m 		
--	--	--	--	---	--	--

Sumário:

Amar a Deus e aos irmãos. Preenchimento do crucigrama: *Seis palavras mágicas para fazer o outro feliz.* Canção: Vasos de Barro.



Planificação de Aula. 10/10

Unidade Letiva 2: Jesus, um Homem para os outros

Tema: “Jesus, um homem para os outros”

Ano: 6º ano

Tempo previsto: 45 minutos

Domínio	Metas de aprendizagem	Objetivos atingir	Conteúdos a desenvolver	Estratégias de Ensino	Tempo	Recursos	Avaliação Formativa
Ética e Moral	<p>M. Reconhecer a resposta do agir ético cristão em situações vitais do quotidiano.</p>	<ul style="list-style-type: none"> -- Reconhecer que Jesus foi um homem para os outros sempre até ao fim da sua vida; - Reconhecer situações de dádiva total na vida de Jesus: crucificação e morte; - Avaliar os conhecimentos adquiridos sobre a Unidade Letiva 2: <i>Jesus um Homem para os outros.</i>; 	<ul style="list-style-type: none"> - Jesus, um Homem para os outros; - Compreender o significado de caridade (<i>ágape</i>) como amor ablativo; - Realização de uma Ficha de Avaliação e correção da mesma. 	<ul style="list-style-type: none"> - Acolhimento dos alunos; - Síntese dos conteúdos lecionados na aula anterior; - A professora começa por aludir ao facto de durante toda a sua vida Jesus ter sido um Homem para os outros que se verificou no acolhimento dos mais fracos, explorados, pecadores. Juntamente com os alunos recorda alguns dos acontecimentos que mostram isso mesmo aos longo das aulas lecionadas; 	<ul style="list-style-type: none"> - 3 m - 3 m - 15 m 	<ul style="list-style-type: none"> - Ficha de Trabalho dada na segunda aula; - Ficha de Avaliação, PowerPoint com a correção da Ficha de Avaliação; - Caderno Diário; 	<ul style="list-style-type: none"> - Aplicação dos conhecimentos adquiridos a novas situações; - Observação direta focada nos critérios de intervenção, expressão oral, capacidade crítica e de interpretação/relacionamento de dados;

			<p>Depois pede aos alunos que peguem na Ficha de Trabalho que deu na segunda onde acrescentarem, aula a aula, uma explicação, ao título dado a Jesus nesta unidade letiva: <i>Jesus, um Homem para os outros</i>, e cada um leia o que escreveu. A professora vai tomando anotações no quadro sobre o mais importante para depois serem analisadas. Após todos lerem faz-se um pequeno debate onde cada um exprime a sua opinião;</p> <p>- Os alunos elaboram uma Ficha de Avaliação para testar os conhecimentos adquiridos ao longo das aulas e que depois será corrigida na aula.</p> <p>- Resumo da aula e transcrição do Sumário para o caderno diário.</p>	<p>-21 m</p> <p>-</p> <p>- 3 m</p>	<p>- Computador;</p> <p>- Quadro.</p>	<p>- Capacidade de interagida e respeito pela opinião do outro;</p> <p>- Realização de exercícios escritos</p>
--	--	--	--	------------------------------------	---------------------------------------	--

Sumário:

Leitura e debate sobre das reflexões feitas pelos alunos ao título da Unidade Letiva 2, “*Jesus, um Homem para os outros*”. Realização de uma Ficha de Avaliação.

1.5. Planificação descritiva de cada uma das dez aulas da unidade letiva 2

Depois de ter apresentado o esquema de planificação da unidade letiva de modo global, e o esquema da planificação dos dez tempos letivos, neste ponto, proceder-se-á à apresentação da planificação descritiva das dez aulas estipuladas para trabalhar os conteúdos da unidade letiva 2 do 6º ano do programa de Educação Moral e Religiosa Católica.

1.5.1.Tema: Jesus, o Messias prometido

Aula: 1

Domínio:

Cultura cristã e visão cristã da vida.

Metas de aprendizagem:

E- Identificar o núcleo central do catolicismo.

Objetivos a atingir:

- Interrogar-se sobre quem é Jesus na sua vida;
- Aperceber-se do que os outros pensam de Jesus;
- Constatar que as questões colocadas hoje são idênticas às colocadas há dois mil anos, na vida das pessoas;
- Descobrir uma resposta pessoal para a pergunta: “Quem é Jesus para mim?”
- Compreender o que é um título e porque dos títulos dados a Jesus;
- Aperceber-se do título dado a Jesus na presente unidade letiva.

Conteúdos a desenvolver:

- Quem é Jesus de Nazaré?
- Os títulos dados a Jesus: O Profeta de Deus; o Mestre e o Messias (Cristo); o Filho de Deus;
- Título proposto na unidade letiva 2: *Jesus, um Homem para os outros.*

Estratégias de Ensino:

A aula inicia-se com o acolhimento dos alunos e apresentação da unidade letiva. Depois a professora distribui duas pequenas Ficha de Trabalho (em anexo), cada uma com uma pergunta. A primeira pergunta (Para ti, quem sou eu?) é feita por cada aluno

individualmente, a segunda pergunta (“Que dizem os outros sobre mim?”) é realizada a dois (par de mesa). É dado um espaço de tempo aos alunos, entre 8 a 10 minutos para a elaboração da mesma. Quando a professora se aperceber que o exercício está concluído, pede a cada um dos alunos para ler o que é Jesus para ele/a, ao mesmo tempo que vai escrevendo no quadro as ideias principais. Depois, de terem sido lidas todas as respostas, faz um pequeno resumo de todas as ideias expostas, analisando com os alunos o resultado. Pede de seguida que seja lido a segunda parte do exercício. A professora procede da mesma forma, anotando no quadro as ideias principais. Faz também um breve resumo e, conjuntamente com os alunos faz uma análise dos resultados das suas colunas. Deixa ficar no quadro, as ideias exposta quer da primeira parte do exercício, quer da segunda. Seguidamente projeta o *PowerPoint*, e a professora vai mostrar que um dia Jesus também quis saber, pelos seus amigos, o que é que as pessoas pensavam dele. A professora mostra a pergunta feita por Jesus e a resposta, pedindo a um aluno para a ler (Lc 9,19-20).

A professora indaga os alunos sobre se Jesus teria ou não uma ideia do que pensavam dele. Depois de ouvir, aleatoriamente, um dos alunos, projeta a resposta que está em Mt 11,19. Perante as duas respostas a professora pede aos alunos que as analise para verificarem se são posições antagónicas ou não e que pessoas teriam essas opiniões sobre Jesus. Se isso for oportuno, poder-se-á comparar essas posições com aquilo que os alunos escreveram sobre o que pensam as pessoas hoje sobre Jesus, estabelecendo paralelos.

Depois de analisar estas duas posições, passa-se à pergunta que Jesus dirige aos seus amigos: “E vós quem dizeis que eu sou?” (Lc 9-20). Deixa um pouco em suspense e dirige a pergunta para um aluno em particular: Na tua opinião, o que é que os amigos de Jesus terão respondido?

Depois de ouvir o aluno e mais algum que se queira pronunciar, projeta a resposta e pede a um outro para ler (Lc 9,20). Depois disto, faz um pequeno silêncio e repete novamente a resposta de Pedro e pede aos alunos que façam uma comparação entre as suas respostas e aquela que é dada pelo amigo de Jesus, Pedro. Pergunta, ainda aos alunos se essa é uma pergunta para aquele grupo específico ou se continua a ser uma pergunta para todos os que tem um encontro com Jesus. Depois de ouvir dois ou três alunos, a professora explica que esta pergunta, não foi só feita para aqueles homens, mas uma pergunta que remete para uma decisão pessoal dos que ouvem ou dos que leem. Esta pergunta é, por assim dizer, o coração do evangelho, pois é na resposta que cada um de nós encontra que lhe permite aderir a Jesus e que se manifesta em conversão. Esta conversão leva-nos a dar a Jesus títulos,

designações, que também é dado por aqueles que nele acreditam ou que o seguem e que transparecem uma ou mais das facetas captadas de Jesus pelos outros.

Temos então vários títulos que vão parecendo ao longo do Novo Testamento. A professora apresenta apenas quatro: o Profeta de Deus, Mestre, Messias (Cristo, Ungido), o Filho de Deus.

Consoante vai falado a professora apresenta um a um, os títulos, acima referidos, pelos quais Jesus é designado perguntando a um aluno, depois outro consoante vai apresentado os quatro títulos, e se sabe alguma coisa sobre seu significado, ou se lhe diz alguma coisa, depois explica e projeta a explicação de cada título de modo sucinto pedindo aos alunos que os vão passando para o caderno. Projeta, também, o título dado à presente unidade letiva: *Jesus, um Homem para os outros*. E leva-os a aperceber-se que ainda hoje são dados títulos a Jesus. Pede que interiorizem este título mas que não se manifestem.

No fim do exercício, a professora pede a um ou dois alunos que façam o resumo da aula, completando alguma aspeto. Seguidamente, pede que escrevam o sumário que projeta no quadro.

Recursos:

Fichas de Trabalho, Caderno Diário; Computador; Quadro; *PowerPoint*.

Avaliação Formativa:

- Desenvolvimento da capacidade de reflexão crítica e autocrítica;
- Capacidade de trabalhar em grupo;
- Avaliação formativa e interativa baseada na participação oral dos alunos.

Sumário:

O que dizem os outros sobre Jesus Cristo? Quem é Jesus Cristo para ti? Jesus, o Profeta de Deus, Mestre, Messias (Cristo, Ungido), o Filho de Deus.

1.5.2.Tema: O anúncio do Reino de Deus

Aula: 2

Domínio:

Cultura cristã e visão cristã da vida.

E. Metas de aprendizagem:

- Identificar o núcleo central do catolicismo.

Objetivos a atingir:

- Aplicar os conhecimentos adquiridos dos conteúdos lecionados na última aula;
- Reconhecer a relação com Jesus de Nazaré como o centro da identidade cristã;
- Refletir sobre o que é o *Reino de Deus*;
- Conhecer a mensagem de Jesus sobre o *Reino de Deus*;
- (Re)descobrir o significado de conversão;
- Refletir sobre os títulos dados a Jesus;
- Constatar que o *Reino de Deus* é uma realidade já atuante no meio de nós.

Conteúdos a desenvolver:

- Definição de parábola;
- Análise das parábolas: o fermento (Mt 13,33) e o semeador (Mc 4,26-29);
- Sentindo profundo de “conversão” como fundamento para aceitar o *Reino de Deus*;
- Os títulos dados a Jesus;
- O anúncio do *Reino de Deus* como preconizador da vitória definitiva do bem, da justiça, da verdade, do amor.

Estratégias de Ensino:

A aula inicia-se com o acolhimento dos alunos. A professora pede, aleatoriamente, a um aluno, que, sinteticamente, faça um resumo da aula anterior, se algum outro tiver algo acrescentar deixa que o faça, e se for pertinente, realça algum aspeto que ficou por dizer. Depois a professora retoma os títulos que foram dados a Jesus na sua época, uma vez que na última aula não foi possível concluir o tema. Projeta, também, o título dado a Jesus, que designa a unidade letiva que se está a lecionar, *Jesus, um Homem para os outros*. E leva-os a aperceber-se que ainda hoje são dados títulos a Jesus. Pede que interiorizem este título mas que não se manifestem. Distribui uma ficha de trabalho que contém apenas o título projetado dado à presente unidade letiva, e pede que, ao longo, das próximas aulas, e no final de cada uma, com base no que aprenderam e segundo o seu ponto de vista, escrevam nela uma pequena frase que, explique o título dado a Jesus para esta unidade letiva.

Após este momento, a professora retoma o título de “Mestre” atribuído a Jesus e lembra que foi dito que o tema central do seu ensino era o *Reino de Deus*, deste modo vai conduzindo o diálogo para o tema da aula de hoje, *o anúncio do Reino de Deus*. Pergunta a dois ou três alunos, o que entendem por *Reino de Deus*?

Depois de os ouvir, regista no quadro as suas ideias e deixa-as ali expostas sem nada comentar, distribuindo uma ficha de trabalho com duas parábolas sobre o *Reino de Deus*: a

do semeador e a do fermento (em anexo). Pergunta se sabem o que é uma parábola. Ouve os alunos e depois clarifica o termo dizendo que as parábolas são histórias ou narrativas curtas que têm por finalidade ensinar, e transmitir uma mensagem que facilmente é memorizada. Nela são utilizadas comparações entre factos reais e quotidianos comuns entre as pessoas daquele tempo para fazer compreender uma realidade difícil de abarcar e, deste modo, a tornar compreensível, como é o caso do *Reino de Deus*.

Posteriormente, pede a dois alunos, cada um por sua vez, que leiam cada um uma das parábolas, e no fim pede que reflitam sobre o que foi lido. E, partindo dessa reflexão, escrevam uma definição de *Reino de Deus*. Depois de uns 3 minutos pede aos alunos que leiam as suas conclusões. A professora regista no quadro e deixa que os alunos comparem entre o que foi dito antes e o que é dito depois de lerem as parábolas.

A professora, se possível, pega numa definição dada por um aluno ou aluna de *Reino de Deus* e projeta um *Powerpoint*. Começa por lembrar aos alunos que Jesus trouxe uma *Boa Nova* (evangelho) (Lc 4,18-21) e que essa *Boa Nova* é o *Reino de Deus*, que não é mais do que uma convite a sair de si e a doar-se ao outro. Todas as parábolas de Jesus vão ao encontro deste anúncio e deste desafio: o de se voltar para o outro através da caridade e do amor, o da mudança de vida, da conversão. “É o que significa converter-se?” - pergunta a professora. Depois de ouvir dois ou três alunos, a professora com base no que os alunos disseram e para melhor compreenderem toma um exemplo prático, a de um condutor. Um condutor vai a conduzir e decide mudar de direção, essa manobra tem o nome de “conversão”, a partir do momento em que ele muda de direção, deixa ficar para trás a antiga estrada e vai por uma outra, vendo novas paisagens, novas casas. Na vida de uma pessoa é exatamente a mesma coisa, conversão é mudar de direção, seguindo aquela que Deus nos dá e nos leva a uma vida melhor e de encontro com Ele e com os irmãos.

A mensagem que Jesus vem anunciar não é totalmente nova, João Batista (Mt 3,2), e, também, séculos antes, na época dos profetas, já era anunciado o *Reino de Deus* que se projetava num tempo futuro (Is 65, 17-19, que não visava somente o plano celeste, mas a transformação de todos os povos em consequência da sua conversão a Deus que é necessária para acolher o *Reino de Deus*. No tempo de Jesus, o *Reino de Deus*, era entendido como um tempo em que Israel predominaria sobre as outras nações e os libreria dos invasores, neste caso os romanos. A mensagem de Jesus, apesar de estar dentro deste tema, não tem por objetivo exercer nacionalismo religioso, nem tão pouco a vingança. O *Reino de Deus* que anuncia vai para além da história e toma uma dimensão universal que visa a vitória definitiva do bem, da justiça, da verdade, do amor.

Ao falar de que o tempo se aproxima (Mc 1,15; Mt 4,17), Jesus fala de um tempo espiritual, mais do que temporal. Esse tempo que se aproxima, está no horizonte de cada pessoa e de quem dele se aproxima (Mt 21,31; 21,43; Mc 10,14.15; Lc 12, 31...)

Embora o *Reino de Deus* ainda não esteja entre nós de forma definitiva, pois Jesus, virá de novo instaurar esse *Reino*, ele opera já na história (Lc 17,21) e nos corações e é aí que Jesus o compara a uma semente, ao fermento... Este tipo de linguagem simples, desmistifica a vinda do *Reino* e mostra que ele é um futuro familiar. Fica um único alerta, é o de estarmos vigilantes para acolher esse *Reino*.

Seguidamente pede aos alunos que, escrevam uma frase na ficha que lhe foi dada com o título dado a Jesus: *Jesus, um Homem para os outros*, com base no que apreenderam desta aula e a guardem. Para finalizar, pede a um aluno que numa frase faça o resumo da aula e pede que escrevam o sumário que será projetado no quadro.

Recursos:

Fichas de Trabalho, Caderno Diário; Computador; Quadro; *PowerPoint*.

Avaliação Formativa:

- Observação direta focada nos critérios de intervenção, expressão oral, capacidade crítica e de interpretação/relacionamento de dados;
- Capacidade de interajuda e respeito pela opinião do outro;
- Capacidades comunicativas orais e escritas.

Sumário:

Títulos de Jesus, conclusão da aula anterior. O anúncio do Reino de Deus. Análise das parábolas do fermento (Mt 13,33) e do semeador (Mc 4,26-29).

1.5.3. Tema: Jesus um marco na história: a arte celebra a vida de Jesus

Aula: 3

Domínio:

Cultura cristã e visão cristã da vida.

Metas de aprendizagem:

E - Identificar o núcleo central do catolicismo;

K - Reconhecer exemplos relevantes do Património artístico criados com um fundamento religioso.

Objetivos a atingir:

- Aperceber-se de Jesus como marco na história na elaboração do calendário do Ocidente;
- Interpretar produções culturais que retratam a vida de Jesus como marco na história;
- Apreciar produções estéticas da temática cristológica.

Conteúdos a desenvolver:

- O nascimento de Jesus marcou a história:
 - A arte celebra o nascimento, vida, morte e ressurreição de Jesus;
 - O calendário usado entre nós tem como ponto de referência o nascimento de Jesus.

Estratégias de Ensino:

A aula inicia-se com o acolhimento dos alunos. A professora pede, a um aluno, que resumidamente sintetize a aula anterior. Pode pedir depois, a outro aluno, se algum pormenor tiver sido deixado por frisar, que acrescente mais algum conteúdo, de forma a que todos possam relembrar o ponto em que se ficou e que terá continuidade na presente aula.

Seguidamente, a professora retoma o *PowerPoint* da aula anterior, uma vez que não foi devidamente aprofundado e, com base nas parábolas analisadas, procura tornar o tema do *Reino de Deus*, nos ensinamentos de Jesus, mais compreensível, de modo a que os alunos consigam apropriarem-se do seu conceito aplicando-o à sua vida.

Após isto, informa aos alunos que vai entregar uma ficha de trabalho (em anexo no dossier) a cada um para preencherem à medida que vai decorrendo a aula com as informações que vão obtendo, quer a partir do que ouvem, quer do que é apresentado no *PowerPoint*. Depois de distribuída, pede que a leiam para se inteirarem da tarefa proposta. Depois desta interrupção, a professora retoma o tema sobre o *Reino de Deus*, e realça a importância de Jesus na vida das pessoas da sua época e na de todas as lhas sucederam, com os seus ensinamentos, e sobretudo com o exemplo da sua vida, que foi um exemplo de amor para com os outros. Foi tanta a importância que Jesus vai tornar-se um marco na história, que aos poucos alcança uma dimensão Universal. Num mundo em que o cristianismo se expande, o Papa Gregório XIII vai reunir um grupo de especialistas e ao fim de cinco anos de estudos elaboram um calendário que foi promulgado em 24 de Fevereiro de 1582 e que foi aos poucos sendo implementado até se tornar o mais universal. Ainda hoje existem outros calendários como o islâmico, mas aquele sobre o qual tudo gravita é o calendário que tem como figura central Jesus Cristo. Assim, os acontecimentos históricos que aconteceram antes de Cristo denominam-se *antes de Cristo (a.C.)* e os que aconteceram após, *depois de*

Cristo (d.C). A professora mostra um friso cronológico para que os alunos compreendam melhor a divisão destes acontecimentos históricos.

Muitos povos que não são cristão aludem a este calendário como antes e depois da Era Comum.

A professora refere que não foi apenas neste ponto que o Jesus Cristo teve grande importância, por todo o lado, onde o cristianismo passou ou passa, deixa marcas: Igrejas, lugar de culto (ermidas, santuários); lugares de peregrinações (São Tiago de Compostela, Fátima, por exemplo); esculturas, pinturas, literatura; música que exalta a figura de Jesus Cristo. As obras de arte transformam-se em catecismos, em livros abertos onde podemos apreciar a vida de Jesus, desde o Seu nascimento até à morte. Não esquecer que também nessas obras de arte está representado o Antigo Testamento. Depois desta explicação, a professora, continua a projetar o *PowerPoint*, dizendo aos alunos que, devido à imensidade de obras, apenas selecionou algumas que eles verão e ao examiná-las poderão continuar a preencher a ficha de trabalho. Este *PowerPoint* contempla a *Pietà*, do escultor José Rodrigues, que se encontra na Catedral de Bragança.

No final da apresentação do *PowerPoint* a professora pergunta se todos conseguiram preencher a ficha. Pede a um aluno que leia as perguntas e a outro que leia as respostas. Por cada resposta, pergunta à turma se está correto, se não estiver, faz-se a correção. Concluído este exercício, a professora pede aos alunos que encontrem na *sopa de letras* nomes que correspondam ao que foi lecionado e que estão referidos por baixo do quadro da *sopa de letras*. Depois concluído este exercício, vai pedido a cada um dos alunos que diga uma das palavras que encontrou referentes aos conteúdos lecionados.

Posteriormente, a professora pede aos alunos que retomem a ficha de trabalho dada na aula anterior com o título: *Jesus, um Homem para os outros*, designação dada à presente unidade letiva e acrescentem uma explicação a esse ao título dado a Jesus com base no que aprenderam no decorrer da aula.

No final pede a um aluno ou aluna que, numa frase faça o resumo da aula, e pede que escrevam o sumário que será projetado no quadro.

Recursos:

Fichas de Trabalho, Caderno Diário; Computador; Quadro; *PowerPoint*.

Avaliação Formativa:

- Aquisição de conhecimentos;
- Aplicação dos conhecimentos adquiridos a novas situações;

- Observação direta focada nos critérios de intervenção, expressão oral, capacidade crítica e de interpretação/relacionamento de dados;
- Realização de exercícios escritos.

Sumário:

Jesus, um marco na história. A arte celebra a vida de Jesus. Formação do calendário do Ocidente. Elaboração de uma Ficha de Trabalho.

1.5.4.Tema: Jesus leva-nos a conhecer o amor infinito de Deus

Aula: 4

Domínios:

E. Cultura cristã e visão cristã da vida.

Metas de aprendizagem:

- Identificar o núcleo central do catolicismo;

Objetivos a atingir:

- Identificar o Deus misericordioso, anunciado por Jesus, com o núcleo central da mensagem cristã;
- Descobrir que o Amor de Deus é um amor voltado para o outro;
- Aperceber-se que só conseguimos chegar até Deus através do caminho do amor.

Conteúdos a desenvolver:

- Jesus lega-nos uma nova maneira de entender Deus, misericórdia pura;
- A confiança no Deus bom, que não abandona a pessoa (cf. Lc 12, 22ss);
- Contra a exclusão, a inclusão no amor de Deus: inclusão dos marginalizados, dos pobres, dos doentes (Parábola da ovelha perdida – Lc 15, 4-7; Parábola da dracma perdida – Lc 15,8-10).

Estratégias de Ensino:

A aula inicia-se com o acolhimento dos alunos. A professora pede, a um aluno, que resumidamente, sintetize a aula anterior e deixa que algum outro possa completar, se isso for necessário. Seguidamente passa à correção da ficha de trabalho da aula anterior.

Após a correção a professora retoma o tema da *arte como celebração da vida de Jesus*, e põem em evidência que ao longo dos séculos, pintores, escultores e outros artista deixaram-se fascinar pela figura de Jesus e foram-nos revelando, através das sua capacidade

expressiva, pedaços da Sua vida, da Sua história pessoal, não apenas uma vida situada num tempo e num local, mas de um acontecimento que vai para além da história, e vai para além do tempo. A professora diz que também hoje lhes quer revelar uma *grande verdade*, e uma grande novidade, não através de pinturas, nem de esculturas, mas uma verdade que está presente na *Boa Nova* que Jesus anunciou, e que está presente na Bíblia, no Novo Testamento. A professora pergunta aos alunos se ainda se lembram qual foi a *Boa Nova* que Jesus anunciou e sobre a qual ensinou. Os alunos chegam à evidência que a *Boa Nova* anunciada é a chegada do *Reino de Deus*. Esta *Boa Nova*, a chegada do *Reino de Deus*, é boa notícia sempre atual em todos os tempos. Mas na *Boa Nova* do *Reino de Deus* há uma revelação magnífica que também não era nova mas que é sempre uma novidade. A professora pergunta se são capazes de adivinhar qual será? Ouve alguns alunos. Depois de uns segundos, que servem para criar um pouco de suspense, a professora declara com alegria que essa revelação magnífica é a de que *Deus é Amor* (1Jo 4,16) e ama-nos apaixonadamente. Repete uma segunda vez em tom mais baixo para evidenciar a grandiosidade desta *Boa Nova* trazida por Jesus. E como sabemos que é assim? A professora deixa que os alunos se pronunciem, cada um por sua vez. Com base no que os alunos disserem, ou tomando como fio condutor alguma achega pertinente dita por algum um aluno, diz que sabemos isso porque Jesus é o portador dessa *Boa Nova*, Jesus é o revelador do Amor do Pai, e mais do que isso, Jesus revela o *rosto* do Pai. Em Jesus o Deus Altíssimo, inacessível, torna-se Deus conosco – Emanuel.

Podemos perguntar, como é que Deus infinito se pode revelar num homem mortal, limitado? A verdade é que, quando pensamos em Deus imaginamo-lo, reduzimo-lo a um conceito, mas Deus está para além das nossas conceções. Deus não é uma ideia do ser humano, Deus é um dom que se dá gratuitamente Naquele que inteiramente se abandona ao Pai e cumpre a Sua vontade e que terá que ser recebido, por todos, com a simplicidade do coração¹⁴⁵ para ser compreendido através da fé. Em Jesus, Deus revela-se ao ser humano de uma maneira inimaginável, surpreendente. Deus já se tinha revelado antes...

A professora faz um pequeno parentese na sua explicação, pega na Bíblia e pergunta se conhecem aquele livro. Deixa que os alunos se pronunciem. Depois diz que é o livro Sagrado dos cristãos e que estes acreditam que ele contém a Palavra Viva de Deus Vivo. Depois pergunta a um aluno se sabe em quantas partes está dividida, e a outro aluno pergunta, quantos livros tem? Depois de os ouvir refere que tem duas partes: uma chamada

¹⁴⁵ Cf. José-Ramán FLECHA (coord.), Professores da Universidade Pontifícia de Salamanca, *Deus é amor. Comentários à Encíclica de Bento XVI, Deus Caritas Est*, Editora Gráfica de Coimbra, Coimbra, 2007¹, 120.

Antigo Testamento, que fala da manifestação de Deus a um povo, o povo Hebreu, e da aliança que estabelece com esse povo; e outra designada pelo Novo Testamento (que designa a nova aliança que Deus faz com a humanidade através do Jesus Cristo) em que apresenta quatro evangelhos que falam da vida Jesus, os Atos dos Apóstolos, algumas cartas e o livro do Apocalipse. Ao todo 73 livros, 46 do Antigo Testamento do a e 27 do Novo Testamento.

A professora retoma o assunto, dizendo: Como estava a dizer, Deus já se tinha revelado antes, todo o Antigo Testamento nos mostra a revelação de Deus à humanidade, Ele entra em comunicação com o homem, revela-lhe o Seu amor (como esposo - Is 54,4-6; Jr 31,32; como o vinhateiro que trata com dedicação a Sua vinha - Is 27,3; o pastor que cuida das Suas ovelhas - Sl 94,7; Eclo 18,13; Ez 34,12, 13). E mostra-se sempre apaixonado e misericordioso, o Seu amor é maior do que todas infidelidades que o povo cometeu ou possa vir a cometer (Os 2,1-3.21-22). Ao profeta Isaías Deus revela que o amor pelo Seu povo pode ser comparado ao amor de uma mãe pelos filhos, mas que é ainda maior do que este (Is 49,15).¹⁴⁶ Mas não é apenas na história da humanidade que Deus se manifesta, Deus manifesta-se na criação, Deus ama a Sua criação, mas é em Jesus que a Sua manifestação é plena, não só revela o *rostro* de Deus, mas revê-la o Seu Amor, um amor surpreendente que vai até ao ponto de se aniquilar por nós. Em Jesus o Deus supremo desce à mais profunda das misérias (*descendit ad inferos*) e salva o que está caído,¹⁴⁷ o que está ferido pela morte e pelo pecado entregando a Sua vida. E haverá amor maior do que aquele que dá a vida pelos amigos? (Jo 15,13). É nesse amor *maior* onde Deus se revela, num amor ablativo que dá importância ao outro. E esse *outro* é o mais miserável, o mais necessitado, e por isso Jesus se aproxima dos mais pobres, dos excluídos, dos doentes, das mulheres, e daqueles que são considerados pagãos. Porque Deus ama a todos e a todos oferece o Seu amor.

E cada um de nós só pode conhecer verdadeiramente a Deus se amar. É no Amor ablativo, na caridade (*agape*), que nós possamos ter para com os outros que podemos conhecer o amor de Deus e deixar Deus habitar dentro de nós.

A professora informa os alunos que há um documento do Magistério da Igreja que fala sobre o amor de Deus, e mostra-lhes a Carta Encíclica do Papa Bento XVI, *Deus Caritas Est* e entrega a um alunos para eles pegarem, verem e passarem colega do lado.

Depois, pergunta se sabem o que é uma carta encíclica. Se os alunos souberem completa, se não souberem explica que uma carta encíclica é um documento pontifício,

¹⁴⁶ Cf. Fernanda MOREIRA, *Formação de Catequistas, Curso Intensivo*, Editora Bubok Publishing 2012, 242.

¹⁴⁷ Cf. Josep Maria ROVIERA BELOSO, *La Humanidad De Dios*, Ediciones Secretariado Trinitário, Salamanca, España, 1986, 126.

dado, promulgado pelo Papa, dirigido aos bispos de todo o mundo e, por meio deles, a todos os fiéis.

Seguidamente a professora continua: Jesus vai ser questionado por se aproximar dos pecadores dos publicanos (Mt 9,11), mas Jesus mostra que veio para os que estavam doentes e não para os que estavam sãos (Mt 9,12-13). E mostra isso mesmo através de parábolas.

A professora entrega aos alunos uma ficha de trabalho (em anexo no dossier) com duas parábolas (Lc 15,4-7 e Lc 15,8-10) e pede que as leiam e analisem, uma de cada vez. Para melhor compreensão das mesmas projeta um *PowerPoint* com as duas parábolas.

Após este exercício e se sobrar uns minutinhos, propõe aos alunos ouvirem um estrato de uma música (*Deus é amor* de Frei António Café – em anexo no dossier) e depois poderem cantá-la.

Quase no final a professora pede aos alunos que retomem a ficha de trabalho dada na segunda aula com o título: *Jesus, um Homem para os outros*, e acrescentem uma explicação a esse ao título dado a Jesus com base no que aprenderam no decorrer da aula.

No final a professora pede a um aluno/a que faça o resumo da aula numa frase e escrevem o sumário que a professora escreverá no quadro.

Recursos:

Fichas de Trabalho, Caderno Diário; Computador; Quadro; *PowerPoint*, estrato da música de Frei António Café: *Deus é amor*.

Avaliação Formativa:

- Aquisição de conhecimentos;
- Aplicação dos conhecimentos adquiridos a novas situações;
- Observação direta focada nos critérios de intervenção, expressão oral, capacidade crítica e de interpretação/relacionamento de dados;
- Realização de exercícios escritos.

Sumário:

Correção da Ficha de Trabalho elaborada na aula anterior. Jesus leva-nos a conhecer o amor infinito de Deus.

1.5.5.Tema: O amor ao próximo como acesso ao Reino de Deus

Aula: 5

Domínios:

Cultura cristã e visão cristã da vida.

Metas de aprendizagem:

E. Identificar o núcleo central do catolicismo.

Objetivos a atingir:

- Identificar o Deus misericordioso, anunciado por Jesus, como o núcleo central da mensagem cristã;
- Compreender misericórdia de Deus através da vida de Jesus;
- Aperceber-se que só se ama verdadeiramente a Deus quando se ama o próximo;
- Entender quem é o nosso próximo.

Conteúdos a desenvolver:

- Jesus lega-nos uma nova maneira de entender Deus, misericórdia pura;
- A revolução do coração humano: viver centrado no amor ao próximo (e próximo é todo o que precisa de mim, independentemente da sua origem ou identidade);
- O amor ao próximo como meio de alcançar o *Reino de Deus*;
- Análise das parábolas: ovelha perdida (Lc 15,4-7), dracma perdida (Lc 15,8-10) e do Bom Samaritano (Lc 10,30-37).

Estratégias de Ensino:

A aula inicia-se com o acolhimento dos alunos. A professora pede, a um aluno ou aluna, que faça o resumo da aula anterior e deixa que algum outro possa completar, se isso for necessário. Depois, escreve-se o sumário da aula anterior, na medida em que não houve tempo para o fazer.

Seguidamente a professora pede aos alunos que peguem na ficha da aula anterior e pede a um aluno que leia novamente (uma vez que já tinha sido lida na aula anterior) a parábola da ovelha perdida (Lc 15,4-7). Projeta o *PowerPoint*, desta mesma parábola de modo a poder analisá-la mais profundamente e dar resposta às duas questões que aí foram colocadas.

A professora começa por perguntar qual teria sido a revelação magnífica trazida por Jesus. Deixa os alunos falarem até chegarem à evidência que essa grande revelação é que

Deus é Amor e nos ama com um amor apaixonado ao ponto de enviar o Seu Filho para vir habitar connosco (Emanuel). Depois a professora pergunta se esta parábola revela esse amor apaixonado e de que modo. Deixa que os alunos falem. Após ouvir as suas intervenções a professora transcreve no quadro algumas respostas dadas pelos alunos para que todos as possam aprofundar.

Depois, passa a explicar: Jesus é criticado pelos fariseus e pelos escribas por acompanhar com pessoas de vida duvidosa, com pecadores. Jesus propõe esta parábola e começa por uma pergunta: “Qual é o homem, dentre vós que, possuindo cem ovelhas e tendo perdido uma delas, não deixa as noventa e nove no deserto e vai em busca da que se havia perdido, até a encontrar?” (Lc 15,4). Esta pergunta é uma provocação. Porque todos os pastores que realmente se importam com as suas ovelhas ficam inquietos com a perda de uma e vão à procura dela. Então, este pastor sai à procura dela, sem hesitar. Deixa as outras no rebanho e sai. Só o pastor conhece os caminhos que poderia tomar a ovelha porque conhece todo o território. Ele não hesita, procura-a, talvez nos lugares mais inóspitos, mais perigosos. Não tem medo. Ele sabe que a ovelha, sozinha, está agora desprotegida, fácil de ser uma presa. Quando a encontra fica contente. A ovelha não foge, deixa-se tocar pelo pastor, que talvez ferida se deixa pegar aos ombros. A alegria é tanta que não se consola em apenas a colocar no rebanho. Não. Vai chamar os amigos e os vizinhos e pede que se alegrem com ele (“Alegrai-vos comigo, porque achei a minha ovelha perdida (Lc 15,6)), não uma alegria somente pela ovelha, mas para se alegrarem na sua alegria por ter encontrado a ovelha que estava perdida.

E Jesus conclui a parábola que “haverá mais alegria no céu por um só pecador que se arrepende do que por noventa e nove justos que não necessitam de arrependimento” (Lc 15,7).

A professora indaga os alunos sobre o que quererá dizer isto? Deixa que os alunos falem e aponta no quadro uma ou duas achegas que lhe pareçam mais oportunas. Diz-lhes que não comentará essas respostas porque a parábola da “dracma perdida” termina de forma semelhante e que aí aprofundarão essas afirmações de Jesus.

Seguidamente pede a outro/a aluno/a que leia a parábola da dracma perdida (Lc 15,8-10). A professora volta a perguntar: E esta parábola, revela o amor apaixonado de Deus, como?

Deixa que os alunos falem. Aponta no quadro algumas ideias. Depois passa à explicação: como vimos na aula anterior, uma dracma tinha muito valor, correspondia a um dia de salário. Esta mulher fica preocupada, acende a candeia. Reparem nesta expressão:

“acende a candeia”, isto permite dar-nos conta que o que está perdido precisa de luz para ser encontrado. Barre a casa, e não descansa enquanto não a encontra e depois, quando a encontra convoca as amigas e as vizinhas para que se alegrem na sua alegria. E novamente Jesus diz que haverá mais alegria entre os anjos de Deus por um só pecador que se arrepende.

Estes/as amigos/as e vizinhos/as podemos dizer que é a humanidade, e quando um, dentre nós, se volta para Deus e recebe o Seu amor, a humanidade fica mais santa. Deus fica alegre porque encontrou o que estava perdido e aquele que estava perdido deixou-se tocar pela graça do Senhor e receber a Sua misericórdia.

E Deus, a quem é comparado nestas parábolas? Deixa que os alunos falem. Depois toma a imagem do pastor. Jesus apresenta-se como o Pastor, Ele é o *Deus-Pastor* no meio do seu rebanho. “A figura do ‘Bom-Pastor’, que já vem desde o Antigo Testamento (Sl 78,70-72; Is 40,11; Ez 34,15.23-27; 37,24) é talvez a imagem mais bela do Deus da Bíblia revelada em Jesus Cristo, porque manifesta o amor infatigável de Deus pelo seu povo”¹⁴⁸. Não um pastor qualquer, porque os pastores habituais têm as ovelhas para tirem lucro com elas ou para delas se alimentarem. Jesus apresenta-se como o Pastor que vem alimentar as Suas ovelhas (Jo 10,1-18), é a porta das ovelhas (Jo 10,7-10), o que dá a vida pelas Suas ovelhas, o que as conhece, e ainda tem outras que não são deste redil, mas que hão-de ouvir a Sua voz e formaram um só rebanho com um só Pastor (Jo 10,11-16).

Jesus convida-nos também a este amor, a um amor misericordioso que deve estar centrado no outro, no nosso próximo. E “próximo” é todo aquele que necessita da minha ajuda, da minha compreensão. E devemo-lo amar porque Deus o quer e porque ama toda a humanidade e por isso devemos amar o nosso próximo com o mesmo amor com que Ele nos amou em Cristo¹⁴⁹. Além disso, “se alguém disser: Amo a Deus, mas odeia seu irmão, é mentiroso. Porque aquele que não ama seu irmão, a quem vê, é incapaz de amar a Deus, a quem não vê” (1Jo 4,20).

A professora apresenta o *PowerPoint* da parábola do Bom Samaritano (Lc 10,30-37), para ilustrar o amor misericordioso que se deve ter para com o próximo. E quem é o nosso próximo? - perguntará a professora. Depois de ouvir os alunos e dando continuidade ao que os alunos disseram ou para completar algum raciocínio, diz que o “próximo” é todo aquele que pratica misericórdia para com o seu irmão (Lc 10,37). E Jesus diz a cada um de nós, no final da parábola: “Vai, e faz tu o mesmo” (Lc 10,37). Ao olhar para o outro com amor,

¹⁴⁸ Herculano ALVES, *Símbolos na Bíblia*, Editora Difusora Bíblica, Fátima, 2006², 282.

¹⁴⁹ Cf. Joseph MOINGT, *L'homme qui venait de Dieu*, Les Éditions Du Cerf, Paris, 2010, 480.

olhamos para Deus, o outro torna-se *igual* a Deus.¹⁵⁰ O amor ao próximo é um meio de ter acesso ao *Reino de Deus*. Pois o amor transforma-nos em fermento, em semeadores, em auxiliares, em guardas dos nossos irmãos.

A professora convida cada um a pegar na ficha de trabalho que deu na segunda aula e acrescentar mais uma explicação, com base no que foi estudado nesta aula, ao título dado a Jesus nesta unidade letiva: *Jesus, um Homem para os outros*.

Depois pede a um aluno que sintetize aula e projeta o sumário para que os alunos o transcrevam.

Recursos:

Fichas de Trabalho, Caderno Diário; Computador; Quadro; *PowerPoint*.

Avaliação Formativa:

- Aquisição de conhecimentos;
- Aplicação dos conhecimentos adquiridos a novas situações;
- Observação direta focada nos critérios de intervenção, expressão oral, capacidade crítica e de interpretação/relacionamento de dados;
- Realização de exercícios escritos.

Sumário:

Jesus mostra-nos o amor infinito de Deus (Lc 15,4-7; Lc 15,8-10). No amor ao próximo amamos a Deus (Lc 10,30-37).

1.5.6.Tema: Perdão e arrependimento

Aula: 6

Domínios:

Cultura cristã e visão cristã da vida.

Metas de aprendizagem:

E. - Identificar o núcleo central do catolicismo.

Objetivos a atingir:

- Identificar o Deus misericordioso, anunciado por Jesus, como o núcleo central da mensagem cristã;

¹⁵⁰ Cf. Joseph MOINGT, *L'homme qui venait de Dieu*, Les Éditions Du Cerf, Paris, 2010, 483.

- Aperceber-se que para entrar em intimidade com Deus é necessário uma atitude de humildade;
- Compreender que para amar a Deus é necessário, também, olhar para o outro com amor.

Conteúdos a desenvolver:

- O perdão de Deus e a necessidade do arrependimento;
- Uma religião que brota de uma relação com Deus no íntimo do ser e se manifesta na fraternidade, e não uma religião do culto exterior;
- Análise da parábola do Fariseu e do Publicano (Lc 18, 9-14).

Estratégias de Ensino

A aula inicia-se com o acolhimento dos alunos. A professora pede, a um aluno ou aluna, que faça o resumo da aula anterior e deixa que algum outro possa completar, se isso for necessário. Com base no que os alunos disserem retoma o amor misericordioso de Deus pela pessoa e o convite que Ele nos faz a amar o próximo como Ele também nos ama. Assim como Ele vai ao encontro daquele que está perdido e não desiste até o encontrar e o reconduzir, como fez o pastor com a ovelha perdida (Lc 15,4-7), ou a mulher com a dracma (Lc 15,8-10), também quer que nós estendamos o nosso olhar para com o outro, para com aquele que precisa, para com aquele que anda perdido.

Mas Deus, que vai ao encontro da pessoa, não vai forçar a sua liberdade mas vai propor a salvação...

A professora faz uma pausa e depois faz uma pergunta: - Imaginem que vocês se perdessem, que fossem por caminhos que não conhecessem. O que fariam se quisessem ser encontrados? A professora escuta os alunos. E se não quisessem ser encontrados o que fariam? A professora escuta novamente os alunos e se for pertinente escreve algumas das respostas no quadro para serem aprofundadas.

No entanto, seja qual for a vossa escolha, os vossos pais, de certeza que não vão deixar de vos procurar, não é assim? A professora ouve novamente os alunos.

Partindo do que os alunos disseram e, depois de comentar algumas das suas respostas, a professora poderá referir que certamente quando os pais os encontrarem e devido à sua pouca idade, mesmo que eles não queiram ir para casa, eles poderão começar por vos tentar convencer, mas depois, se continuarem a não quererem ir, certamente, vos obrigarão. Com Deus não é bem assim. Apesar de nos amar imenso, Deus deixou-nos livres. Como foi referido antes, Deus vai ao encontro da pessoa, não se cansa, não desiste dela, mas não força a sua liberdade, por isso aquele por quem Deus procura necessita de se deixar encontrar,

necessita de pedir ajuda, de gritar por socorro, como vocês referiram (partindo do princípio que quando a professora perguntou se eles se perdessem o que fariam para ser encontrados, os alunos referissem que gritariam ou telefonariam...) e depois, quando chega a ajuda, certamente não fogem, mas deixam-se levar, e se necessitarem, deixam que cuidem de vocês, e certamente, se forem os vossos pais a encontrar-vos abraçar-se-ão a eles e até choraram de alegria, não é verdade? Ouve os alunos. Mas se não quiserem ser encontrados, não pedirão ajuda e se ajuda chegar e vocês a sentirem perto, fugirão e esconder-se-ão para que não vos encontre mesmo que estejais infelizes.

Deus também não se cansa de nos procurar, nunca desiste, mas ao contrário dos vossos pais que, contando com a vossa pouca idade, poderão começar por tentar convencer-vos a voltar para casa, mas se não o conseguirem por essa via, vos obrigarão a regressar a casa, com Deus isso não acontece, Ele derrama a Sua graça sobre nós mas não nos obrigará aceitá-lo. Apesar d'Ele nunca desistir de nenhum de nós e de sempre nos procurar, Ele não vai forçar a nossa liberdade, vai deixar que a última escolha seja sempre a nossa.

Mas imaginem agora que fugiam de casa porque fizeram alguma coisa má, ou não queriam mais obedecer aos vossos pais. Vocês acreditam que mesmo assim os vossos pais vos iriam procurar, não é assim? Ouvir os alunos e comentar, ou trazer para discussão algumas das suas opiniões.

Retomando alguma das achegas dos alunos continua: com Deus também acontece assim, Ele nunca desiste de nenhum de nós, nunca!

Agora imaginem que vocês queriam voltar para casa dos vossos pais, o que fariam? Deixa que os alunos se expressem e deem a sua opinião. Depois continua: até poderíamos apontar dois motivos para voltar para casa: um porque estavam arrependidos, outro porque experimentaram a dureza da vida e se deram conta que em casa estavam melhores. A vossa atitude seria a mesma nas duas situações se quisessem voltar para casa? Deixar os alunos expressarem-se.

A professora procurara encaminhar os alunos de modo a que eles se apercebam que, nesta situação, para regressarem a casa, necessitariam de se arrependerem e pedir perdão aos pais para novamente serem aceites. E que, no primeiro motivo apontado, para regressarem a casa, necessitavam de mostrarem arrependimento, seguramente que os pais iriam ter uma atitude de acolhimento e de perdão, mas que, perante o segundo motivo, os pais poderiam acolher o filho mas fá-lo-iam com reservas e certamente a vida do filho daí para a frente não iria ser da mesma forma se os pais notassem que o filho voltou, não por estar arrependido

mas por interesse próprio. Além disso, por vezes, até nos podemos achar demasiados bons, ou com a razão toda para não termos uma atitude de humildade.

A professora, seguindo este raciocínio, pergunta: - O que é ser humilde? Deixa que os alunos falem e depois diz que humildade é a capacidade de cada um reconhecer os seus erros e as suas próprias limitações (Fl 2,2-5).

Nós necessitamos de ser humildes perante Deus e a nossa relação com Ele deve ser sincera, acolhendo-O no mais profundo de nós mesmos, deixando que *Reino de Deus* cresça em nós, de modo a podermos manifestar esse amor para com Ele no amor para com o próximo.

A professora propõe que se veja a parábola do Fariseu e o Publicano (Lc 18,9-14), projetada em *PowerPoint* e pede a um aluno que vá lendo o texto à medida que vai sendo projetado.

Depois pede aos alunos que o cometem e a que conclusões chegaram. A professora deixa que os alunos falem, retoma algum comentário mais pertinente de modo a levá-los a compreender que Deus quer que o amor para com Ele se expresse na humildade e na entrega sincera de si mesmo, mas para além disso, que esse amor se estenda aos outros, pois eles também são amados por Deus de modo igual. A religião tem que se manifestar na fraternidade e não apenas se restringir a um culto exterior e vazio.

Seguidamente a professora deixa que os alunos possam fazer algumas perguntas ou estabeleçam algum comentário. Apôs isso convida-os a pegar na ficha de trabalho que deu na segunda aula e acrescentar mais uma explicação, com base no que foi abordado nesta aula, ao título dados a Jesus nesta unidade letiva: *Jesus, um Homem para os outros*.

Depois pede a um aluno que sintetize aula e projeta o sumário para que os alunos o transcrevam.

Recursos:

Ficha de Trabalho dada na segunda aula; Caderno Diário; Computador; Quadro; *PowerPoint*: Parábola do Fariseu e o Publicano (Lc 18,9-14).

Avaliação Formativa:

- Aplicação dos conhecimentos adquiridos a novas situações;
- Observação direta focada nos critérios de intervenção, expressão oral, capacidade crítica e de interpretação/relacionamento de dados;
- Capacidade de agir e decidir com autonomia;
- Capacidade de interajuda e respeito pela opinião do outro;

- Realização de exercícios escritos.

Sumário:

O amor infinito de Deus revela-se no Seu perdão àquele que vem ao Seu encontro arrependido e olha para o próximo com amor. Análise de parábola do Fariseu e do Publicano (Lc 18,9-14).

1.5.7. Tema: A paixão e morte de Jesus

Aula: 7

Domínios:

- Religião e experiência religiosa.

Metas de aprendizagem:

B. Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história.

Objetivos a atingir

- Conhecer os três principais grupos de poderosos (Saduceus, Fariseus e Sacerdotes) que exerciam a poder na Palestina;
- Aperceberem-se das razões que levaram a prender e a condenar Jesus;
- Compreender, pela leitura interpretação de um texto bíblico (Mt 14,61-64), a decisão da morte de Jesus;
- Elaborar exercícios escritos para a aplicação de conhecimentos.

Conteúdos a desenvolver:

- Conhecimentos dos grupos: dos Saduceus, dos Fariseus e dos Sacerdotes;
- A paixão e morte de Jesus:
 - Mc 14,32-50: Oração no Getsémani e prisão;
 - Mc 14,53-65: Jesus é julgado e condenado pelo tribunal judaico.

Estratégias de Ensino

A aula inicia-se com o acolhimento dos alunos. A professora pede, a um aluno ou aluna, que faça um resumo da aula anterior e deixa que algum outro possa completar, se isso for necessário.

A professora retoma o tema de *Deus de Amor* que vai à procura, um amor que se estende a todos e que necessita de humildade daquele que O acolhe na sua vida. Mas nem

todos compreendem este tipo de amor, nem todos o querem aceitar. Hoje em dia, à vossa volta, vêm-se muitas pessoas que recusam o amor de Deus, por não o compreendem ou por indiferença. Também, há pessoas que seguem o amor que Deus lhe oferece deixando-se interpelar por Ele. Por vezes até são ridicularizadas. No tempo de Jesus isso também aconteceu. Apesar da mensagem de amor que Ele trazia nem todos gostavam Dele e até lhe desejavam a morte.

A professora entrega a cada aluno, a fotocópia de uma ficha informativa com três pequenos textos ilustrados (em anexo) onde se apresentam os grupos que exerciam poder no tempo de Jesus. Pede que estejam muito atentos pois na parte final do termo aula irão preencher um crucigrama com alguns dos dados patentes nesta ficha. Pede a três alunos para que cada um leia, por sua vez, um dos textos. Depois de os terem lido os alunos ficam a conhecer os grupos: o dos Saduceus, o dos Fariseus e dos Sacerdotes.

A professora informa os alunos que estes três grupos não gostavam de ver que tantas pessoas seguissem Jesus e, principalmente, não gostavam que Ele falassem de um *Reino*... A professora interrompe, e pergunta aos alunos se ainda se recordam que *Reino* é esse. Deixa que os alunos falem. Depois de aludirem ao *Reino de Deus*, que é a presença do amor de Deus no coração de cada pessoa, a professora continua: estes grupos estavam convencidos que esse *Reino*, de que Jesus falava, se tratava de um reino de poder, mas Jesus não queria o poder deles, Ele queria ajudar as pessoas as serem boas, a mudarem os seus corações. Para além disto, Jesus também criticava o modo como eles vivam a religião e os seus ritos sagrados. A religião destes estava voltada para o culto exterior e para rituais que estavam prescritos na lei.

A professora faz uma pausa e remete para a aula anterior onde puderam ver que Jesus quer um culto e uma religião que não seja exteriores mas que saiam do coração da pessoa, onde se possa falar Deus como se fosse um amigo, prestar-lhe homenagem, dar-lhe glória por reconhecer que Ele nos dá a vida, e esta maneira de amar a Deus não pode estar separada do amor aos outros, de os ver e acolher como irmãos¹⁵¹.

A pregação de Jesus e o seu modo de agir, começou a fazer crescer o desejo da Sua morte, entre muitos poderosos e um dia, perto da Páscoa dos Judeus, depois de ter jantado – Última Ceia – com os seus amigos foi para o monte das oliveiras, um local chamado Getsémani, Jesus foi rezar e pediu aos seus amigos para poderem rezar também. Nessa oração Ele anteviu tudo que lhe iria acontecer, foi um dos momentos mais dolorosos da vida

¹⁵¹ Cf. José Augusto PAULO PEREIRA (coord.), Caminhos de Encontro. Educação Moral e Religiosa Católica, 5ºano. Manual do Professor, Edição Fundação do Secretariado Nacional de Educação Cristã, 107.

de Jesus. Entretanto, soldados vieram à sua procura, acompanhados por Judas, um dos amigos de Jesus que também O traiu, esse foi outro dos momentos doloroso na vida de Jesus. Quando chegaram, Judas beijou-o e nesse beijo entregou-O. Os outros discípulos fugiram. Jesus foi levado à presença do chefe dos sacerdotes, Caifás. Fizeram-lhe um julgamento mas não encontraram razões para O condenar. Jesus nunca respondeu às suas perguntas, a não ser à última...

A professora distribui uma fotocópia com o texto (em anexo no dossier) com a última pergunta do chefe dos sacerdotes e a resposta que Jesus deu. Depois pede a um aluno que leia. No final, a professora pede aos alunos que comente o que acabaram de ler. Depois de os ouvir, dará explicações, que forem pertinentes, e continua, dizendo que esta resposta de Jesus foi decisiva para a Sua condenação. Como é que um homem poderia dizer tais coisas? Tinha cometido o pior crime que alguém poderia cometer.¹⁵²

Mas os chefes religiosos não poderiam condenar ninguém à morte, porque a Palestina estava sobre o domínio dos romanos e só o perfeito romano poderia tomar tal decisão.

A professora informa os alunos que continuarão a falar deste tema na próxima aula e convida-os a fazer um crucigrama (em anexo no dossier) onde poderão aplicar conhecimentos que adquiram nesta aula, para isso distribui uma fotocópia com o exercício, a cada um. Deixa que, individualmente os alunos o façam. No fim é corrigido e projetada no quadro a sua correção para que alguma aluno menos atento possa corrigir o seu exercício.

Após a correção convida os alunos a pegar na ficha de trabalho que deu na segunda aula e acrescentar mais uma explicação, com base no que foi abordado nesta aula, ao título dados a Jesus nesta unidade letiva: *Jesus, um Homem para os outros*.

Depois pede a um aluno que sintetize aula e escreve o sumário no quadro para que os alunos o transcrevam.

Recursos:

Ficha de Trabalho dada na segunda aula; Fichas Informativas (em anexo no dossier); Ficha de Trabalho com crucigrama; Caderno Diário; Computador; Quadro

Avaliação Formativa:

- Aplicação dos conhecimentos adquiridos a novas situações;
- Observação direta focada nos critérios de intervenção, expressão oral, capacidade crítica e de interpretação/relacionamento de dados;

¹⁵² Cf. José Augusto PAULO PEREIRA (coord.), Caminhos de Encontro. Educação Moral e Religiosa Católica, 5ºano. Manual do Professor, Edição Fundação do Secretariado Nacional de Educação Cristã, Lisboa, 109.

- Capacidade de agir e decidir com autonomia;
- Capacidade de interajuda e respeito pela opinião do outro;
- Realização de exercícios escritos.

Sumário:

Conflito de Jesus com o poder instalado. Prisão e condenação de Jesus. Realização de uma crucigrama.

1.5.8.Tema: A Ressurreição

Aula: 8

Domínios:

- Religião e experiência religiosa.

Metas de aprendizagem:

B. Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história.

Objetivos a atingir

- Conhecer factos históricos do tempo de Jesus;
- Reconhecer a Ressurreição de Cristo como vitória da Vida sobre a morte;
- Conhecer pessoas que ao longo dos séculos deram testemunha da ressurreição de Jesus.

Conteúdos a desenvolver:

- A paixão e morte de Jesus:
 - Mc 15,1-15: Jesus é julgado e condenado à morte por Pilatos;
 - Mc 15,24-37: Crucificação e morte de Jesus na cruz.
- A ressurreição – Jesus é o Senhor e o Filho de Deus:
 - At 9: Conversão (vocação) de Saulo;
 - Jo 10,10: “Eu vim para que tenham vida”.

Estratégias de Ensino:

A aula inicia-se com o acolhimento dos alunos. A professora pede, a um aluno ou aluna, que faça um resumo da aula anterior e deixa que algum outro possa completar, se isso for necessário.

A professora retoma o tema da aula anterior. Como os chefes religiosos não poderiam dar a morte a Jesus porque a Palestina estava sob o domínio dos romanos, Jesus foi levado ao perfeito de Jerusalém, que era Pôncio Pilatos.

Naquela época do ano era normal que muitos peregrinos fossem até Jerusalém para celebrar a Páscoa, por isso, devido à grande afluência de pessoas, havia mais soldados a vigiar a cidade. O perfeito quando ia a Jerusalém, instalava-se no palácio de Herodes, que era a sua residência oficial, talvez tenha sido aí onde se realizou o julgamento de Jesus. A professora informa que:

“para a realização do julgamento, era necessária a presença de testemunhas e a pessoa acusada tinha o direito de examinar, por duas vezes, os seus depoimentos. Ao acusado, eram ainda dadas três oportunidades de se defender e de recusar a acusação. Caso se recusasse a fazê-lo, era considerado culpado. Jesus, durante o seu julgamento, não quis exercer o seu direito de defesa. No tempo de Jesus, os julgamentos romanos decorriam, em geral, ao ar livre. Uma vez que os julgamentos eram públicos, normalmente, eram assistidos por uma multidão de espectadores que expressavam a sua opinião. Na acusação de Jesus também participaram os príncipes dos sacerdotes e os anciãos”¹⁵³.

Como sabiam que Pilatos não se interessava com questões religiosas, para o conseguirem convencer disseram-lhe que Jesus se intitulava rei e que era uma ameaça para o imperador. Pilatos mandou flagelar Jesus, mas não ficaram contentes e conseguiram fazer pressões para levar Pilatos a determinar a morte de Jesus.

A professora informa os alunos que vai apresentar um pequeno filme de, aproximadamente, 10 minutos que mostra esta última parte da vida de Jesus. Apesar de ser um filme em desenhos animados, avisa que tem algumas partes mais violentas.

Depois de apresentar o filme a professora pergunta aos alunos se querem fazer algum comentário. Depois de os ouvirem, procura conduzir os alunos a fixarem-se nos últimos segundos do filme que mostram que Jesus está vivo. Que aquele *Reino* que Ele tinha vindo inaugurar não tinha terminado, mais vai continuar crescer como a farinha onde é colocado o fermento (remete para a parábola do fermento (Mt 13,33) analisada na segunda aula).

Jesus com a Sua ressurreição veio-nos mostrar que é verdadeiramente O Senhor, o Filho de Deus. E os seus amigos, naquela altura puderam vê-lo ressuscitado, puderam testemunhar a vitória da vida sobre a morte, pois Ele veio para que todos tenham vida (Jo 10,10). E por vê-lo ressuscitado poderão dar a vida por Ele, sem medo, e de o testemunhar a

¹⁵³ José Augusto PAULO PEREIRA (coord.), Caminhos de Encontro. Educação Moral e Religiosa Católica, 5ºano. Manual do Professor, 110.

muito outros. A professora dá exemplos de Estevão (At 7,57-60) o primeiro apóstolo apedrejado e Pedro que foi crucificado. E houve outros que se converteram, e foram grandes seguidores de Jesus como por exemplo Paulo. A professora mostra um *PowerPoint* que conta a conversão de Saulo, que se reflete na mudança de nome de Saul para Paulo.

Depois da morte e ressurreição de Jesus houve muitas pessoas assim como Paulo que seguiram Jesus com um amor apaixonado. A professora pergunta aos alunos se conhecem alguns nomes deixa-os falar e aponta-os no quadro para depois se falarem sobre eles. Se for pertinente professora pode aludir a dois nomes, São Francisco de Assis (século XII) e Madre Teresa de Calcutá (século XX). Refere que entre um e outro à uma distância de oito séculos. São Francisco de Assis procurou identificar-se com os seus semelhantes, principalmente com os pobres a quem se dedicou, mas também com Jesus. Admirou a bondade e as maravilhas de Deus na criação chamando a todas as criaturas de irmãos. Madre Teresa de Calcutá dedicou a sua vida, também, aos mais pobres e aos excluídos da sociedade. Os dois marcaram uma época e a história da humanidade, deixando o mundo mais rico e sendo para nós uma referência. A professora pergunta, ainda, se conhecem alguém próximo, algum vizinho, amigo... que também é um exemplo de ternura e amor e que torna a vida deles, ou dos colegas, mais feliz.

Deixa que os alunos falem e toma nota de alguns testemunhos no quadro. Depois continua a projetar o *PowerPoint* apresentado a figura do bombeiro, da enfermeira, da auxiliar de ação educativa de uma escola, do colega ou da colega que partilha o seu saber, um sorriso... de modo a que os alunos cheguem à conclusão que todas estas pessoas são testemunho do amor vivo de Deus, que enchem os nossos dias e os tornam mais felizes.

Nos sinais dos tempos, através da história e no nosso dia-a-dia, constatamos, em pequenos gestos, que Jesus está vivo, e vive, que Ele impulsiona e enche o coração de milhares de pessoas que os seguem e lutam pelo amor, pela paz pela fraternidade.

Seguidamente convida os alunos a pegar na ficha de trabalho que deu na segunda aula e acrescentar mais uma explicação, com base no que foi abordado nesta aula, ao título dados a Jesus nesta unidade letiva: *Jesus, um Homem para os outros*.

Depois pede a um aluno que sintetize a aula e escreva o sumário no quadro para que os alunos o transcrevam.

Recursos:

Ficha de Trabalho dada na segunda aula; pequeno filme sobre a paixão, morte e ressurreição de Jesus, *PowerPoint* sobre a conversão de Saulo; *PowerPoint* mostrando pessoas que são testemunho do amor de Deus na nossa vida diária; Caderno Diário; Computador; Quadro.

Avaliação Formativa:

- Aplicação dos conhecimentos adquiridos a novas situações;
- Observação direta focada nos critérios de intervenção, expressão oral, capacidade crítica e de interpretação/relacionamento de dados;
- Capacidade de agir e decidir com autonomia;
- Capacidade de interajuda e respeito pela opinião do outro;
- Realização de exercícios escritos.

Sumário:

A morte e a ressurreição de Jesus. O *Reino de Deus* continua operante na história da humanidade e na história de cada pessoa.

1.5.9. Tema: A resposta da pessoa ao amor de Deus

Aula: 9**Domínios:**

- Ética e Moral.

Metas de aprendizagem:

M. Reconhecer a resposta do agir ético cristão em situações vitais do quotidiano.

Objetivos a atingir:

- Mobilizar o valor da vida na orientação do comportamento em situações do quotidiano;
- Reconhecer pessoas que ao longo dos séculos e atualmente seguem a Jesus no amor aos outros e a Deus;
- Aperceber-se do significado profundo que a solidariedade adquire quando Jesus se torna solidário com a humanidade;
- Compreender o significado de caridade como amor ablativo.

Conteúdos a desenvolver:

- Que posso fazer para viver cada vez com mais qualidade e dar a vida aos outros?
- Devo ser capaz de:
 - Respeitar;
 - Cuidar;
 - Compreender;
 - Partilhar;

- Amar

Estratégias de Ensino:

A aula inicia-se com o acolhimento dos alunos. A professora pede, a um aluno ou aluna, que faça um resumo da aula anterior. Tomado como ponto de partida alguma referência mais pertinente de algum aluno, recorda as pessoas que deram e dão testemunho do amor de Deus, algumas delas sendo capazes de dar a sua vida por Ele ao dar a vida pelos outros como por exemplo o bombeiro. E para tornar a aula mais apelativa projeta a figura do bombeiro. A professora pergunta aos alunos que nome se poderá a essa entrega. Deixa que os alunos falem e conduz a diálogo de modo que eles sintam que é um ato de amor ablativo, de entrega, que na Bíblia, nomeadamente no Novo Testamento, se chama caridade. A professora explica que caridade é uma palavra cristã que significa amor para com o outro, um amor sem interesse, um ato de solidariedade (e escreve no quadro a palavra *caridade* e *solidariedade*). Uma solidariedade que não é apenas um mero ato de piedade, mas onde há a envolvência da pessoa toda, com o sofrimento do seu semelhante ao ponto de entregar a vida no lugar do outro ou entregar a vida ao serviço do outro como é o caso dos nossos pais quando cuidam de nós. Consoante vai falando, projeta a imagens de uns pais e escreve no quadro a palavra *cuidar*.

A professora refere que Jesus quis ser esse exemplo vivo de amor e que a sua encarnação é um ato de amor imenso (a professora projeta uma imagem de Jesus alusiva ao que foi dito). A solidariedade de Jesus, não é apenas um ato de piedade, mas de uma entrega total que visa a salvação.

Pela encarnação o Filho, o Verbo Divino, fez-se solidário com toda humanidade até ao ponto de se entregar num ato expiatório, de assumir o pecado por nós. Jesus assumiu a natureza humana de modo completo e radical, de modo a transformar essa solidariedade em justiça e felicidade no encontro com os mais pobres, os excluídos, os pecadores, acolhendo-os com amor. O mistério divino da morte, da ressurreição é um ato divino de um alcance tal que vai para além da história e que está patente ao longo da história da humanidade, capaz de nos abarcar a todos.¹⁵⁴

O amor a Deus e o amor ao próximo funde-se num só, e nesse amor sou capaz de amar a pessoa que não me agrada ou que nem sequer conheço. Há pessoas anónimas que ninguém conhece e que atualmente e diariamente dão a vida pelos outros e ao seu serviço. A professora pergunta aos alunos se se recordam dos exemplos dados na aula anterior e se,

¹⁵⁴ Cf. Bernardo SESBOÜÉ, *Jesus El Único Mediador. Ensayo sobre redención y la salvación*, Ediciones Secretariado Trinitario, Salamanca, 1990, 393-403.

para além desses exemplos conhecem algumas pessoas que se colocam ao serviço das outras. Deixa-os falar, aponta os exemplos que derem, no quadro. Se alguns desses exemplos, dados pelos alunos, forem idênticos àqueles que a professora tem como modelo no *PowerPoint* salienta-os, se não, diz que ainda há alguns outros que podem ser tidos também em consideração. E à medida que os vai enumerando esses exemplos projeta uma imagem: missionários, médicos que vão para os países pobres, nomeadamente África; pessoas que fazem voluntariado em hospitais, lares de terceira idade, pessoas que, por amor, visitam pessoas sozinhas, angustiadas e sem esperança; meninos e meninas, jovens que partilham coisas tão simples como o seu lanche com aqueles que não têm ou acolhem o colega que chegou de novo (a professora escreve no quadro a palavra *partilhar*) ou convivem com aquele ou aquela colega com quem todos gozam, respeitando-o (a professora escreve na quadro a palavra *respeitar*), ou são capazes de denunciar situações de agressões, ou de compreender a tristeza ou as dificuldades dos colegas (a professora escreve no quadro a palavra *compreender*).

Tudo isto é solidariedade, é caridade, no sentido pleno do amor cristão. Caridade é o amor ablativo, o amor que é capaz de sofrer e de se alegrar com o outro, de o respeitar. É nesse amor que conseguimos realmente amar a Deus. O próprio Jesus diz que tudo aquilo que fizerdes aos pequeninos é a Ele que o fazeis (Mt 25,40). Recordem o Bom Samaritano (Lc 10,30-37). Ele nos julgará pela capacidade que tivemos de amar o nosso próximo (Mt 5,12; Mt 25, 34-45)!

Dar é dar-se!

A professora dá uma ficha de trabalho com um crucigrama a cada aluno, onde está um crucigrama, intitulado: *Seis palavras mágicas para fazer o outro feliz!* (em anexo no dossier). E pede para preencherem o crucigrama, que se encontra dentro do cartão, com as palavras que foram escritas no quadro.

Depois da elaboração e correção do exercício a professora dá uma cópia a cada aluno da letra da música *Vasos de Barro*, coloca a música a tocar no computador para que os alunos captem o tom e depois coloca-a uma segunda vez para que todos cantem.

Nos momentos finais da aula convida os alunos a pegar na ficha de trabalho que deu na segunda aula e acrescentarem mais uma explicação, com base no que foi abordado nesta aula, ao título dado a Jesus nesta unidade letiva: *Jesus, um Homem para os outros*.

Depois a professora pede a um aluno que sintetize aula e escreve o sumário no quadro para que os alunos o transcrevam.

Recursos:

Ficha de Trabalho dada na segunda aula; *PowerPoint* pessoas que dão testemunho do amor de Deus; Preencher um crucigrama; *Seis palavras mágicas para fazer o outro feliz!*; Ouvir e cantar a música *Vasos de Barro*; Caderno Diário; Computador; Quadro.

Avaliação Formativa:

- Aplicação dos conhecimentos adquiridos a novas situações;
- Observação direta focada nos critérios de intervenção, expressão oral, capacidade crítica e de interpretação/relacionamento de dados;
- Capacidade de interajuda e respeito pela opinião do outro;
- Realização de exercícios escritos.

Sumário:

Amar a Deus e aos irmãos. Preenchimento do crucigrama: *Seis palavras mágicas para fazer o outro feliz*. Canção: *Vasos de Barro*.

1.6.1. Tema: Jesus, um homem para os outros

Aula: 10

Domínios:

- Ética e Moral.

Metas de aprendizagem:

M. Reconhecer a resposta do agir ético cristão em situações vitais do quotidiano.

Objetivos a atingir

- Reconhecer que Jesus foi um homem para os outros sempre até ao fim da sua vida;
- Reconhecer situações de dádiva total na vida de Jesus: crucificação e morte;
- Avaliar os conhecimentos adquiridos sobre a unidade letiva 2: *Jesus um Homem para os outros*.

Conteúdos a desenvolver:

- Jesus, um Homem para os outros;
- Compreender o significado de caridade (*ágape*) como amor ablativo;
- Realização de uma Ficha de Avaliação.

Estratégias de Ensino:

A aula inicia-se com o acolhimento dos alunos. A professora pede, a um aluno ou aluna, que faça um resumo da aula anterior.

A professora, dando continuidade ao que os alunos disseram, começa por mostrar que Jesus, ao longo de toda a sua vida foi um homem para os outros. Como se manifestou-o essa dádiva de si aos outros? O que podemos dizer sobre isso baseado nas nove aulas que foram lecionada?- pergunta a professora aos alunos e deixa-os falar.

Ouve-os e vai tomando nota no quadro de algumas respostas para aprofundá-las em conjunto. Se houver aspetos que os alunos não se recordem a professora fá-lo apontado os momentos mais importantes onde se manifestou essa dádiva de Jesus, no acolhimento dos desprotegidos, dos pecadores, na parábola da ovelha perdida (Lc 15,4-7), por exemplo, e principalmente na sua paixão e morte na cruz.

Depois pede aos alunos que peguem na ficha de trabalho, que deu na segunda aula, e onde, em cada aula, procuraram dar uma explicação, ao título dado a Jesus nesta unidade letiva: *Jesus, um Homem para os outros*, e cada um leia o que escreveu. A professora vai tomando anotações no quadro sobre o mais importante que cada um refere para depois ser analisado. Após todos lerem faz-se um pequeno debate onde cada um exprime a sua opinião. Mediante o que for dito a professora vai acrescentando, ou explicando algum conceito ou recordando passagem abordadas ao longo das aulas onde se verifica que a vida de Jesus foi toda voltada para os outros.

Seguidamente distribui uma ficha de avaliação que os alunos preencherão. No final da sua realização, a professora faz a correção oral, projetando em *PowerPoint* essa mesma correção para que possa ser corrigida.

Próximo do final, a professora pede a um aluno que sintetize aula e escreva o sumário no quadro para que os alunos o transcrevam.

Recursos:

Ficha de Trabalho dada na segunda aula; Ficha de Avaliação, *PowerPoint* com a correção da Ficha de Avaliação; Caderno Diário; Computador; Quadro

Avaliação Formativa:

- Aplicação dos conhecimentos adquiridos a novas situações;
- Observação direta focada nos critérios de intervenção, expressão oral, capacidade crítica e de interpretação/relacionamento de dados;
- Capacidade de interajuda e respeito pela opinião do outro;

- Realização de uma Ficha de Avaliação.

Sumário:

Leitura e debate sobre das reflexões feitas pelos alunos ao título da unidade letiva 2, *Jesus, um Homem para os outros*. Realização e correção de uma Ficha de Avaliação sobre os conteúdos lecionados.

3. Caracterização da Turma

A escola onde foi desenvolvida a Prática Supervisionada denomina-se EB2 Paulo de Quintela que se situa num dos pontos mais altos da cidade de Bragança, entre a Avenida General Humberto Delgado e a Rua Bragança Paulista. Esta leciona apenas os quintos e sextos anos de escolaridade e faz parte do Agrupamento de Escolas Emídio Garcia.

A prática pedagógica supervisionada concretizou-se no 6º ano, turma E, que é composta por 25 alunos, sendo que apenas catorze, sete meninas e sete meninos, com idades compreendidas entre os onze e os doze anos, frequentam a aulas de Educação Moral Religiosa Católica. Os mesmos foram sempre assíduos e pontuais e revelaram um comportamento excelente, praticamente em todas as aulas.

Segundo a Teoria cognitiva de Piaget¹⁵⁵ dos seus cinco estádios de desenvolvimentos, estes alunos situam-se no quarto estádio, o estádio lógico concreto (7-12 anos), embora alguns apresentem características já do quinto estádio, estádio lógico formal (11-15 anos).

Pode, então, verificar-se nestes alunos uma boa capacidade de raciocínio, capaz de organizarem informação conseguindo um bom equilíbrio entre a assimilação de conhecimentos e a acomodação dos mesmos. Demonstraram uma grande capacidade de refletir sobre os temas que foram sendo propostos ao longo da unidade letiva 2 do programa do 6º ano de escolaridade de Educação Moral e Religiosa Católica. No entanto, para uma melhor compreensão dos mesmos, foram-lhe propostos exemplos concretos que permitiram, a uma grande parte destes alunos evidenciar capacidades de distanciarem-se da realidade apresentada e raciocinar sobre a mesma questionando e tirando ilações muito pertinentes. Estas capacidades evidenciadas tornaram as aulas mais dinâmicas permitindo

¹⁵⁵ Cf. INSTITUTO SUPERIOR DE CIÊNCIAS RELIGIOSAS A DISTANCIA SAN AGUSTIN, *Psicología Evolutiva. Ciências religiosas*, Editorial Alcalá, Madrid, 1995, 73-88.

uma maior atenção por parte dos alunos que estivessem sempre ativos, realizando sempre tarefas que iam da observação à realização de exercício, ao debate, e à descoberta.

A metodologia seguida, as várias dinâmicas, as estratégias e o material utilizado nas aulas por parte da professora permitiram que os conteúdos se tornassem significativos para os alunos os quais demonstraram interesse por acontecimentos, lugares e realidades que não conheciam diretamente. Manifestaram, ainda, capacidade de terem presentes as diferentes vertentes da aprendizagem que foram adquirindo ao longo das aulas conseguindo uma extrapolação entre conceitos e recordando outros que tinham adquirido conseguindo aplicá-los a novas situações. Demonstraram, também, uma boa capacidade de se relacionarem com os colegas, de escutar a opinião deles e até de partir da opinião daqueles para formularem novos discursos.

Cerca de cinco alunos destacaram-se pela capacidade de atingir um raciocínio mais abstrato formulando novas hipóteses, capazes de generalizar as experiências apreendidas em salas de aulas para realidades concretas do quotidiano (já do quinto estágio, estágio lógico-formal).

Acompanhar estas características cognitivas, a turma, em si, revela um comportamento muito maduro e muito responsável capaz do silêncio permitindo ouvir e ser ouvido, o que permitiu ler e interpretar, questionar e propor soluções, dar resposta e encontrar razões de crer e de aprofundar os conhecimentos do tema da unidade letiva já acima referida: *Jesus, um Homem para os outros*.

4. Avaliação Geral da Unidade Letiva 2 do programa de 6º ano de Educação Moral e Religiosa Católica

Após ter conhecimento da turma, para a qual iria ser lecionada a unidade letiva 2 do programa do 6ºano de escolaridade de Educação Moral e Religiosa Católica, foi feita uma planificação com base nos pressupostos teóricos que já tinham sido aprofundados, tendo em conta os domínios, as metas atingir e os objetivos a alcançar. A planificação teve, ainda, em consideração a flexibilidade e o rigor científico na preparação de cada aula, assim como o ritmo de aprendizagem dos alunos, que eram objeto da leção, a sua especificidade e o contexto social onde se inseriam.

Esta unidade letiva foi projetada para dez aulas de modo a poder ser lecionados os conteúdos proposto pela mesma. A sua extensão foi possível porque o programa atual do 6º ano de escolaridade da disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica, está estruturado

em apenas três unidades letivas: A Pessoa Humana; Jesus, um Homem para os outros e a Partilha do Pão. Sendo que o número de aulas, por ano escolar, atinge uma média entre trinta a trinta e duas, ficando, também, cerca de dez tempos letivos para cada uma das outras unidades letivas.

Esta unidade, devido à sua extensão, foi partilhada com outro mestrando do grupo, que, de igual modo, apesar de termos trocado impressões, planificou esta unidade letiva e lhe deu continuidade, dado que fui eu quem lecionou as primeiras cinco aulas.

A primeira aula, lecionada por mim, e por assim dizer, o primeiro contacto direto com os alunos enquanto professora, foi de grande empatia. Tanto da parte dos alunos para com a professora como da professora para com os alunos, o que criou, logo desde início um clima muito propício para o ensino-aprendizagem. Mesmo sendo uma aula que ocorria ao final da manhã, entre as 12.45 e as 13.30 horas, os alunos mantiveram-se atentos, curiosos, participativos elaborando, sem dificuldade as atividades propostas.

As fichas de trabalhos, embora simples, foram apelativas, diversificadas, procurando criar no aluno o interesse através da surpresa, assim como os *PowerPoints* projetados

Na primeira aula em algumas frases do *PowerPoint* as letras não se apresentaram com a devida nitidez, apesar disso não frustrou a atenção dos alunos. Esta falha foi corrigida pela professora e não voltou a verificar-se nos *PowerPoints* apresentados nas aulas posteriores.

Nos *PowerPoints* apresentados, as técnicas usadas para os conceber foram pautadas sempre pela surpresa e pela diversificação. Imagens com qualidade, com fundos musicados por música suave e baixa escolhida de acordo com o tema e de modo a proporcionar interesse pelos conteúdos. Um desse *PowerPoints*, o da aula cinco, foi gravado pela professora para dar mais impacto, infelizmente a acústica da sala não possibilitou a boa audição da mesma, sendo que a professora leu a mensagem, resolvendo assim o problema. Também nestes foram utilizados, por vezes, *gifs* para dar mais realismo, assim como animações na transação dos vários diapositivos. Foram elaborados crucigramas, os alunos puderam contactar com a Bíblia trazida para a aula e também conhecer e folhear a Encíclica do Papa Bento XVI, *Deus Caritas Est*. Na aula quatro, aula dedicada de modo bastante intenso ao amor de Deus, os alunos puderam cantar *Deus é Amor* de Frei Café. Durante as aulas houve espaço para o debate, para ouvir a opinião dos alunos, e para dar resposta às suas dúvidas procurando sempre a simplicidade e a clareza da linguagem e dos conceitos. Houve, ainda, a preocupação de durante as aulas não haver momentos “mortos”, o que foi conseguido.

Houve uma ou outra aula em que a planificação não foi cumprida, porque foi necessário dar espaço para as questões dos alunos e para os ouvir sobre o tema que se estava a lecionar, como aconteceu na primeira e terceira aula.

É de destacar uma ficha de trabalho que acompanhou todo o percurso da unidade letiva e que foi distribuída na segunda aula quando se falou sobre os títulos de Jesus. Depois de explicar os títulos de Jesus, a professora apresentou o título que dá vida à unidade letiva 2: *Jesus, um Homem para os outros*. O desafio prendia-se com a capacidade de cada aluno, em cada aula, acrescentar, de acordo com o que tinha aprendido e com a sua própria visão, uma explicação para este título dado à unidade letiva 2, para ser lida e debatida nos primeiros 15 minutos da última aula. Este pequeno exercício contribuía, essencialmente, para que os alunos procurassem estar mais atentos.

Para esta última aula da unidade letiva, foi, também, concebida uma ficha de avaliação para ser realizadas nos últimos 20 minutos da aula. A mesma tem, como grandes objetivos, a consolidação e a revisão de conhecimentos por parte dos alunos, e a verificação, por parte da docente, do que estes conseguiram, ou não, apreenderem os conteúdos lecionados ao longo das aulas, atingindo as metas estipulas pelo programa de Educação Moral e Religiosa Católica.

Constatou-se que estes alunos, alvo da prática pedagógica supervisionada, aderiram facilmente ao tema proposto, apresentaram uma grande maturidade intelectual, uma curiosidade enorme pelo saber que os levou, com relativa facilidade, a aplicar conhecimentos adquiridos a novas situações. Fora capazes, ainda, de tirar ilações muito pertinentes e conceber raciocínios com fundamentos lógicos baseados num saber que foram apreendendo ao longo das aulas. Sendo que, os constrangimentos encontrados, aos quais já fiz referência no início deste terceiro capítulo, na preparação da leção desta unidade letiva foram superados e as estratégias encontradas mostraram-se capazes de conduzir os alunos ao encontro com Deus descobrindo o imenso amor que Ele tem por nós, ao encontro com a cultura, com a história e com a arte.

CONCLUSÃO

Quando se chega ao fim de um trabalho, fazemos uma avaliação dele, é um momento de pausa e de introspeção, e demo-nos conta do quanto ele está inacabado! Em cada palavra escrita há um pouco de nós que fala de um esforço pessoal intenso que, apesar disso, não foi o suficiente para atingir a perfeição desejada, e o aprofundamento necessário, pois havia sempre algo mais para dizer e uma correção a ser feita. Ficasse contente e ao mesmo tempo triste, porque ficou aquém daquela beleza que se idealizou e se queria transpor para o papel.

A trajetória iniciada foi um desafio acompanhado por momentos de desânimo e de cansaço. Há a consciência que junto ao meu esforço humano esteve sempre a ação do Espírito Santo agindo, confortando e incentivado. Sem ajuda d'Ele, da Senhora Professora Doutora Isabel Varanda, do Senhor Professor Dr. Alberto Pais, e de todo o apoio da minha mãe e amigos, que estiveram sempre comigo, não teria sido possível chegar ao fim.

A planificação das aulas seguiu as metas propostas pelo programa e houve fortes indícios de que os alunos conseguiram construir uma chave de leitura da pessoa e vida de Jesus, e da história de si próprios à luz da vida e da história de Jesus. Conseguiram também identificar o núcleo central do cristianismo e do catolicismo; reconheceram exemplos relevantes do património religioso e acolheram a proposta do agir ético cristão. Neste caminho de desenvolvimento intelectual, colocaram questões, reapropriaram-se de conhecimentos e criaram outros novos que foram sendo traduzidos em raciocínios expostos em pequenos debates e em pequenos exercícios escritos realizados entre pares ou individualmente.

Mas antes deste trabalho realizado com os discentes na sala de aula houve a construção de uma estrutura de conhecimentos capazes de fundamentar e permitir a construção de toda uma base pedagógica que possibilitou trabalhar conceitos e aprofundá-los de um modo simples e concreto. Para isso, houve necessidade de, logo no início deste Relatório, fazer a distinção entre educação, ensino e aprendizagem, perceber o lugar que ocupa a disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica no Sistema de Ensino, contemplado as bases legislativas e históricas, mas também o lugar desta disciplina na vida dos adolescentes e jovens. Para que isso se tornasse possível, houve a preocupação de descer até ao mundo deles e traçar algumas linhas sobre esse mundo que habitam e os contributos que a Educação Moral e Religiosa Católica pode fornecer sem descorar o perfil do professor.

No segundo capítulo, à luz da Carta Encíclica *Deus Caritas Est*, construiu-se a estrutura de conhecimentos que iria permitir trabalhar em sala de aula a unidade letiva 2 do

programa do 6º ano. Neste capítulo procurou fazer-se um estudo da Carta Encíclica de modo a fazer-nos compreender o Amor infinito de Deus, por isso, e havendo tantos pontos importantes a trabalhar nela, foram apenas contempladas duas das suas dimensões: a novidade do amor de Deus, e resposta da pessoa ao amor de Deus. Foram também estas, as dimensões mais trabalhadas em sala de aula.

Ainda, neste capítulo, e tendo consciência que de um modo muito redutor, foi dado um panorama sobre a revelação do amor de Deus na criação e ao longo da história da humanidade, nomeadamente, na história do povo hebreu, relatada no Antigo Testamento e, depois, na revelação plena de Deus em Jesus Cristo, no Novo Testamento e, finalmente, de um modo muito sucinto, na história da humanidade sob a ação do Espírito Santo.

Depois de realizada essa tarefa partiu-se para o terceiro capítulo. Neste é descrito a preocupação de conhecer os alunos e fazer uma caracterização da turma partindo, depois, para o estudo do que são as metas de aprendizagem e do que pretendem alcançar no âmbito Educação Moral e Religiosa Católica, quais as novidades que trazem e em que se diferenciam das competências anteriormente propostas. Finalizado este ponto, foi possível, assente em bibliografia, a aprofundar o conceito de planificação e, posteriormente, conceber a mesma para a unidade letiva 2 proposta para lecionação da prática supervisionada e já acima referida.

Esta mesma unidade foi trabalhada de um modo muito simples, prática, sem descurar a profundidade dos conceitos transmitidos. Partiu do desenvolvimento cognitivo dos alunos, dos seus conhecimentos experienciados, quer na sua vida quotidiana, quer em outras disciplinas, como História e Geografia de Portugal, Português e Matemática, e daqueles novos que lhe iam sendo fornecidos na sala de aula e dos quais os alunos se iam apropriando.

Há a realçar que, a vida dos brigantinos¹⁵⁶, está ainda muito ligada à terra e por isso foi muito fácil perceberem as parábolas do sobre o *Reino de Deus*, nomeadamente as parábolas do *fermento* e do *semeador*, apresentadas na aula dois, e da *ovelha perdida*, apresentada na quarta aula, quando se falou do Amor de Deus. Os próprios alunos falaram das suas experiências pessoais nestas áreas, o que tornou estas aulas muito fecundas.

Há, ainda, a salientar que nas dez aulas propostas, foi procurado um equilíbrio entre os três domínios de aprendizagem: a religião e a experiência religiosa, cultura cristã e visão cristã da vida e a ética e moral, que estavam indicados no programa e foram desenvolvidos e trabalhados, em todas as aulas havendo fortes indicações da sua aprendizagem. Quanto às quatro metas que contemplava esta unidade as mesmas foram referidas e trabalhadas no

¹⁵⁶ Brigantinos, habitantes de Bragança.

capítulo três. A meta **K** (reconhecer exemplos relevantes do património artístico com um fundamento religioso) foi a menos trabalhada, apesar disso, a aula três foi inteiramente a ela dedicada, parecendo-me que foi o suficiente para os alunos se aperceberem da importância cultural e doutrinal do património cristão, nas diferentes áreas: música, pintura, escultura e arquitetura.

Os recursos utilizados e concebidos para desenvolver e apresentar os conteúdos e, por sua vez, atingir os objetivos propostos em cada aula, deram evidências de ter sido significativos no processo de ensino aprendizagem dos alunos que se mantiveram sempre motivados, vencendo, em determinados momentos, algum cansaço que uma aula ao final da manhã e perto da hora do almoço, acarreta.

Estas evidências levam a crer que as três questões de base às quais este Relatório da Prática de Ensino Supervisionada procurou responder, enunciadas na Introdução, conseguiram ser respondidas pela professora e apreendidas pelos alunos que também encontraram respostas.

Apesar das constatações sobre o trabalho efetuado parecerem ter sido profícuas, há a consciência que o mesmo peca por alguma pobreza, pois falar de Deus que é Amor e do amor de Deus, merecia um maior aprofundamento e o uso de leque mais vasto de bibliografia. Todavia isso não foi possível devido à exiguidade do tempo para completar tão árdua tarefa.

Apesar das imperfeições foi traçado um caminho ainda com muito para explorar. No fim de um trabalho fica aquela certeza que ainda há muita estrada para andar.

BIBLIOGRAFIA

SAGRADA ESCRITURA

NOVA BÍBLIA DOS CAPUCHINHOS, Editora Difusora Bíblica, Lisboa, 1998.

DOCUMENTOS DO MAGISTÉRIO DA IGREJA

BENTO XVI, Carta Encíclica *Deus Caritas Est*, dado em 25 de Dezembro de 2005, Editorial Apostolado da Oração, Braga, 2013².

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, Editora Gráfica de Coimbra, Coimbra, 1999².

CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II, *Documentos conciliares e pontifícios*, Editorial Apostolado da Oração, Braga, (1962 -1965), 1992¹¹.

JOÃO PAULO II, Carta Encíclica, *Ecclesia de Eucharistia*, dado a 17 de Abril, 2003, Edições Paulinas, Lisboa, 2003².

LEGISLAÇÃO

Decreto-Lei nº 49/2005 de 30 de agosto. Lei de Bases do Sistema Educativo, Diário da República nº 166, I Série A, Assembleia da República, Lisboa.

Decreto-Lei nº 16/2001 de 22 de junho. Lei da Liberdade Religiosa. Diário da República nº 143, I Série A, Assembleia da República, Lisboa.

Decreto-Lei nº 70/2013, de 23 de maio. Diário da República nº 99, I Série, Ministério da Educação e Ciência, Lisboa.

Despacho n.º 10874/2012, de 10 de agosto de 2012. *Diário da República*, 2.ª série, n.º 155, Ministério da Educação e Ciência, Lisboa.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

ALVES, Herculano, *Símbolos na Bíblia*, Editora Difusora Bíblica, Fátima, 2006².

BORGHESI, Massimo, *Secularización y Nihilismo. Cristianismo y cultura contemporánea*, Ediciones Encuentro, Madrid, 2007¹.

CORREIA, José Alberto, MATOS, Manuel, *Solidões e Solidariedades nos Quotidiano dos Professores*, Edições Asa, Porto, 2001.

CONSELHO INTER-RELIGIOSO DE EDUCAÇÃO ÉTICA PARA AS CRIANÇAS, *Prender a Viver Juntos. Um Programa intercultural e Inter-Religioso para a Educação Ética*, Editora Fundação Arigatou, Genebra, 2009.

DA ROCHA FILHO, João Bernardes, *Transdisciplinaridade: A natureza íntima da Educação Científica*, Editora Edipucrs, Porto Alegre, 2007.

FLECHA, José-Ramán (coord.), Professores da Universidade Pontificia de Salamanca, *Deus é amor, Comentários à encíclica de Bento XVI, Deus Caritas Est*, Editora Gráfica de Coimbra, 2007.

FORUM DO ENSINO RELIGIOSO EM PORTUGAL, *Pessoa Cultura e Fé. O Ensino Religioso Escolar*, Editora Fundação Caloust Gulbenkian, Lisboa 1997.

GALIMBERTI, Umberto, *L'ospite inquietant, il nichilismo e i giovani*, Giangiacomo Feltrinelli Editore, Milano, 2007.

GAMEIRO, José, *Os Meus, os Teus e os Nosso. Novas formas de família*, Editora Terramar, Lisboa, 1997.

GEORGE, Peter Robert, *Choque de Ortodoxias. Direito, Religião e Moral em Crise*, Edições Tenacitas, 2008.

INSTITUTO SUPERIOR DE CIENCIAS RELIGIOSAS A DISTANCIA SAN AGUSTIN, *Psicología Evolutiva. Ciências religiosas*, Editorial Alcalá, Madrid, 1995.

JARES, Xesús, *Educar para a Verdade e a Esperança*, Edições Asa, Porto, 2006.

JACQUES RAMOS, Maria Beatriz, FARIA, Elaine Turk, *Aprender e Ensinar, Diferentes olhares e práticas*, Editora Edipucrs, Porto Alegre, 2011.

KLOSINSKI, Gunther, *A Adolescência Hoje. Situações, conflitos e desafios*, Editora Vozes, Petrópolis, 2005.

LATOURELLE, René, *Teologia da Revelação*, Edições Paulinas, São Paulo, 1985³.

MATTEO, Armando, *A Primeira Geração Incrédula, a difícil l relação entre os jovens e a fé*, Paulinas Editora, Prior o Velho, 2013.

- MOINGT, Joseph, *L'homme qui venait de Dieu*, Les Éditions Du Cerf, Paris, 2010.
- MOREIRA, Fernanda, *Formação de Catequistas. Curso intensivo*, Editora Bubok Publishing, Lisboa, 2012.
- MOREIRA, Fernanda, *O Inferno e a Esperança Cristã*, Editora Bubok Publishing, Lisboa, 2012.
- MORIN, Edgar, *O Paradigma Perdido. A natureza humana*, Editora Publicações Europa-América, Mem Martins, 1973³.
- PAULO PEREIRA, José Augusto (coord.), *Caminhos de Encontro. Educação Moral e Religiosa Católica, 5ºano. Manual do Professor*, Edição Fundação do Secretariado Nacional de Educação Cristã, 2009.
- PETROSILLO, Piero, *O Cristianismo de A a Z. Dicionário da Fé Cristã*, Edições São Paulo, Lisboa, 1996.
- PULIDO, Manuel Lázaro (ed.), *El Amor de Dios que es amor. Reflexiones en torno de la Encíclica de Benedicto XVI Deus Caritas Est*, Editora Instituto Teológico “San Pedro de Alcántara”, Cáceres, 2007.
- RAVIRA BELOSO, Josep Maria, *La Humanidade de Dios*, Editora Secretariado Trinitário, Salamanca, 1986.
- REALE, Giovanni, ANTISERI, Dario, *História da Filosofia. De Freud à atualidade*, vol. 7 – 20, Paulus Editora, 2006.
- RIO CARDOSO, Jorge, *O professor do Futuro*, Editores Guerra e Paz, Lisboa, 2013¹.
- DA COSTA, Manuel , *Secularização*, in CABRAL Roque (dir.), *Logos*, Enciclopédia Luso-Brasileira de Filosofia, Editorial Verbo, 1992.
- SACRISTÁN, Gimeno, *Educar e Conviver na Cultura Global*, Asa Editores, Porto, 2003.
- SARTRE, Jean-Paul, *L'Existentialisme et un Humanisme*, Les Éditions Nagel, Paris, 1970.
- SECRETARIADO NACIONAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica, Ensino Básico e Secundário*, Edição Secretariado Nacional da Educação Cristã, Moscavide, 2007.
- SECRETARIADO NACIONAL DE EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, Edição Secretariado Nacional da Educação Cristã, Moscavide, 2014.

SESBOÛÉ, Bernard, *Jesus El Único Mediador. Ensayo sobre redención y la salvación*, Ediciones Secretariado Trinitario, Salamanca, 1990.

SAMPAIO, Daniel, *Inventem-se novos pais*, Editorial Caminho, Lisboa, 2002¹⁴.

SAMPAIO, Daniel, *Vozes e Ruídos. Diálogo com adolescentes*, Editorial Caminho, Lisboa, 2001¹³.

VELASCO, Juan Martín, *Metamorfose do sagrado e futuro do Cristianismo*, Editora Gráfica de Coimbra, Coimbra, 2004.

VIDE RODRIGUES, Vicente, *Em que Deus cremos nós?*, Editora Gráfica de Coimbra, 1999.

VILAR CORREIA, José, *Espiritualidades e Culturas Juvenis, Proposta de Trabalho*, Universidade Católica, Faculdade de Teologia, Braga, 2014.

ZABALZA, Miguel, *Planificação e Desenvolvimento Curricular na Escola*, Edições Asa, Porto, 1992.

WEBGRAFIA

DOCUMENTOSO MAGISTÉRIO DA IGREJA

JOÃO PAULO II, Carta Encíclica, *Evangelium Vitae*, dado 25 de Março de 1995, (w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/index.html - *acedido em 01.12.2013*).

JOÃO PAULO II, Carta Encíclica, *Dives in Misericordia*, dado a 30 de Novembro de 1980, (w2.vatican.va/...ii/.../hf_jp-ii_enc_30111980_dives-in-misericordia.htm – *acedido em 07.01.2014*).

JOÃO PAULO II, Exortação Apostólica Pós-Sinodal, *Reconciliatio et paenitentia*, dado a 2 de Dezembro de 1984, (w2.vatican.va/...paul-ii/.../hf_jp-ii_exh_02121984_reconciliatio-et-paeni – *acedido 7. 01.2014*).

DOCUMENTOS DA CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA

CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, Carta Pastoral Sobre a Educação, *Direito e Dever, Missão Nobre ao Serviço de Todos*, 2002 (www.educris.com – *acedido em 13.12.2014*).

CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *Carta Pastoral Sobre a Educação: Direito e Dever - Missão Nobre ao Serviço de Todos*, (www.agencia.ecclesia.pt/.../educacao-direito-e-dever-missao-nobre-ao-se - acedido em 10.12.2014).

CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *A Educação Moral e Religiosa Católica: um valioso contributo para a formação da personalidade*, (www.agencia.ecclesia.pt/noticias/documentos/2270/ - acedido em 13-12-2014).

WEBGRAFIA COMPLEMENTAR

ASAMBLEA DE LOS OBISPOS DE QUÉBEC, *Propener hoy la fé a los jóvenes: una fuerza para vivir*, Documento de orientación, Março de 2000, (www.iglesiaenlarioja.org/juventud/quebec.pdf - acedido em 23.01.2015).

BENTO XVI, *Discurso aos participantes no encontro promovido pelo Pontifício Conselho Cor Unum, 23 de Janeiro de 2006*, (http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/index_po.htm - acedido em 08.03.2015).

Concordata entre a Santa Sé e a República Portuguesa, de 18 de Maio de 2004, (www.publico.pt/pptfiles/img_superdestaque/Concordata.VAnotada.pdf - acedido em 12.12.2014).

CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA PORTUGUESA, VII Revisão Constitucional, 2015, Assembleia da República, Lisboa, (www.parlamento.pt › Página Inicial › Legislação - acedido em 12.12.2014).

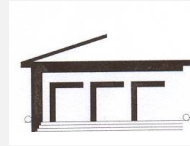
PAPA FRANCISCO, *Angelus*, Praça de São Pedro, domingo, 26 de Outubro de 2014, (www.vatican.va/phome_po.htm - acedido em 14 -01-2015).

ANEXOS

Apresenta-se, de seguida, alguns recursos didáticos e pedagógicos utilizados na lecionação da unidade letiva 2. Fazem parte de um conjunto mais vasto disponibilizado integralmente no Dossier de Estágio.



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
CENTRO REGIONAL DE BRAGA
FACULDADE DE TEOLOGIA
INSTITUTO UNIVERSITÁRIO DE
CIÊNCIAS RELIGIOSAS
Mestrado em Ciências Religiosas
Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica
Prática de Ensino Supervisionada



Emídio Garcia de Bragança
Escola Paulo Quintela
Ano letivo 2014/2015

Ficha de Trabalho



Para ti, quem sou eu?



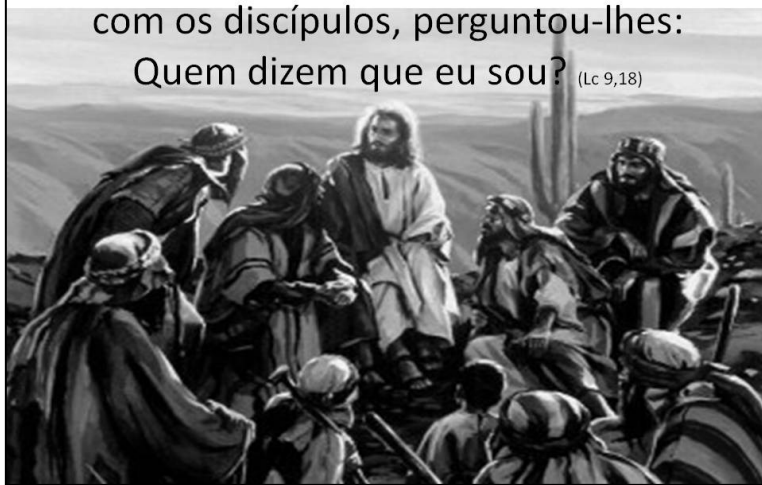
Para ti, quem sou eu?

PowerPoint: Quem é Jesus?

QUEM É JESUS?



Num dia em que ele estava a orar a sós
com os discípulos, perguntou-lhes:
Quem dizem que eu sou? (Lc 9,18)



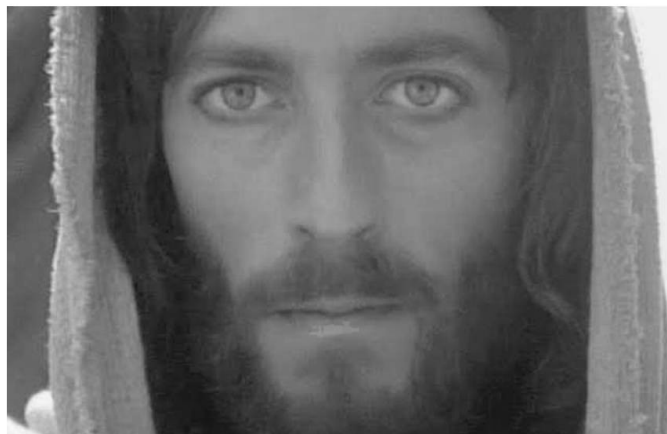
Responderam-lhe: Uns dizem que és João Batista;
outros, Elias; outros pensam que ressuscitou algum
dos antigos profetas. (Lc 9, 19)



O Filho do Homem vem, come e bebe, e
dizem: É um comilão e beberrão, amigo dos
publicanos e dos devassos. (Mt 11,19; 7 Lc 7,34)



Perguntou-lhes, então: E vós, quem
dizeis que eu sou? (Lc 9, 20)



Pedro respondeu: O Messias de Deus.

(Lc 9,20)



Títulos dados a Jesus

O que é um título?

É uma qualidade que é observada por uma ou mais pessoas e começa a referir o local por essa qualidade que observou e que mais tarde passa ao nome por que é conhecido.

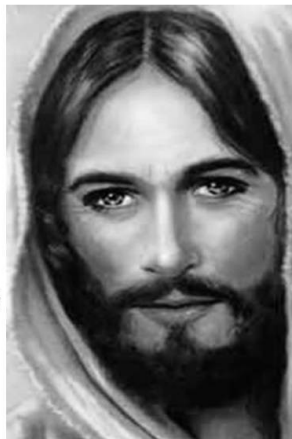
Ex: Ilha das Flores

O mesmo acontece às pessoas quando as outras identificam uma determinada pessoa por uma característica que as destaca. Exemplo

- Um rapaz inteligente: “o enciclopédia”;

- Na história de Portugal por exemplo D. Fernando teve título de “*O Formoso*” pela gentileza do seu porte.

Também aconteceu isso com Jesus. Cada um dos Títulos que lhe são atribuídos foram percebidos pelos seus contemporâneos depois de terem tido com Jesus determinadas experiências de vida:



O Profeta de Deus

Jesus empresta a sua voz ao querer de Deus. Prega e diz e qual a vontade de Deus e a sua vida é um compromisso com aquilo que anuncia em nome de Deus.

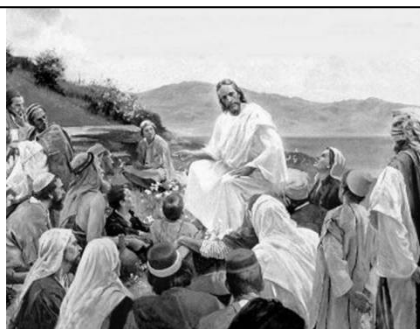


Mestre (ou rabi)

Jesus dedicou uma grande parte da sua

missão a ensinar o respeito pela lei, o relacionamento entre as pessoas, sobre o amor...

O tema central do seu ensino foi o Reino de Deus.



Messias (Cristo)

Palavra hebraica que significa o ungido e tem o mesmo significado do termo grego, Cristo.



O Messias é o que vem em nome e da parte de Deus salvar o Seu Povo para cumprir os seus desígnios (projetos) de justiça e de amor.



O Filho de Deus

Jesus é chamado Filho de Deus porque Ele revela o rosto Deus em forma humana.

(Eu e o Pai somos um – Jo 10,30
Há tanto tempo que estou convosco e não me conheceste,
Filipe! – Jo, 14, 9s)

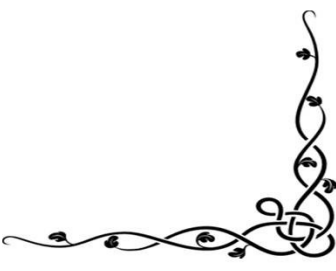
Diapositivo projetado aos alunos com a apresentação do título da unidade letiva que está a ser lecionada, com o intuito de os levar a reflexão e à constatação que ainda, atualmente, se dão títulos a Jesus e, também, para ser explorado ao longo das aulas.

Jesus, um Homem para os outros



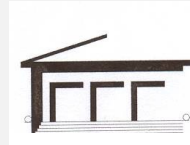
Sumário:

O que dizem os outros sobre Jesus Cristo?
Quem é Jesus Cristo para ti? Jesus, o
Profeta de Deus, Mestre, Messias (Cristo,
Ungido), o Filho de Deus.



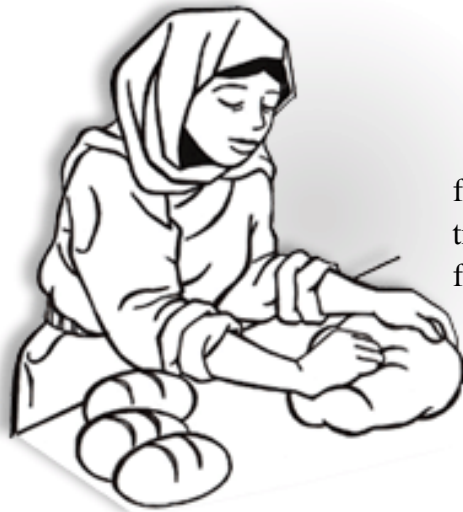


UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
CENTRO REGIONAL DE BRAGA
FACULDADE DE TEOLOGIA
INSTITUTO UNIVERSITÁRIO DE
CIÊNCIAS RELIGIOSAS
Mestrado em Ciências Religiosas
Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica
Prática de Ensino Supervisionada



Emídio Garcia de Bragança
Escola Paulo Quintela
Ano letivo 2014/2015

As parábolas sobre o Reino de Deus: o fermento e o semeador



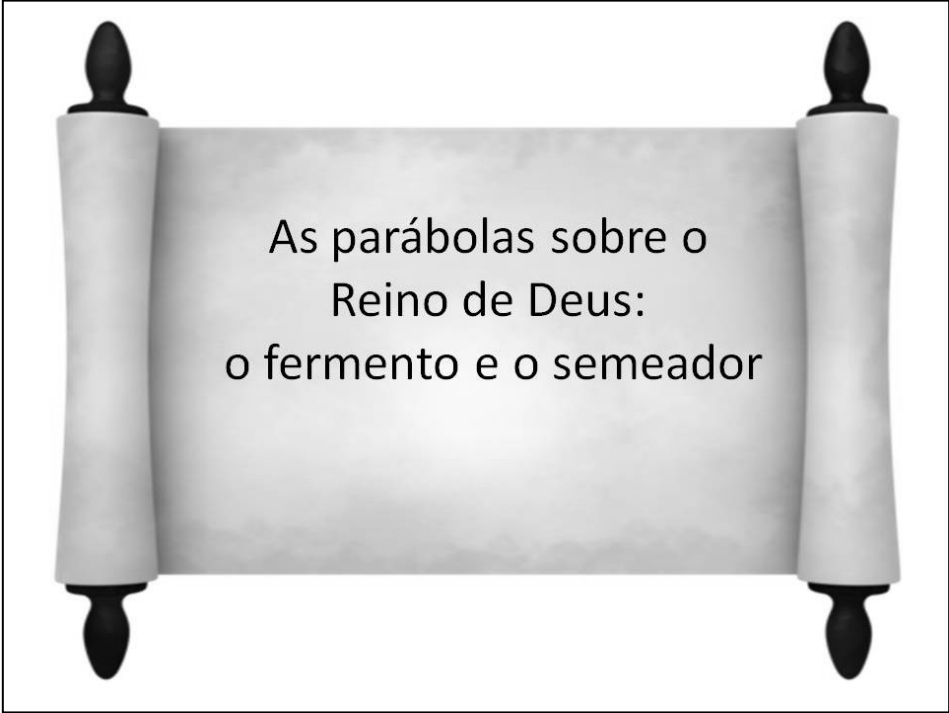
«O Reino dos céus é semelhante ao fermento que uma mulher toma e mistura em três medidas de farinha até que tudo esteja fermentado» (Mt 13,33).



«O Reino de Deus é como um homem que lançou a semente à terra. Quer esteja a dormir, quer se levante, de noite e de dia, a semente germina e cresce, sem ele saber como. A terra produz por si, primeiro o caule, depois a espiga e, finalmente, o trigo perfeito na espiga. Quando o fruto amadurece, logo ele lhe mete a foice, porque chegou o tempo da ceifa» (Mc 4,26-29).

Partindo desta duas parábolas ditas por Jesus, define, por palavras tuas o que é Reino de Deus?

PowerPoint: As parábolas sobre o Reino de Deus



As parábolas sobre o
Reino de Deus:
o fermento e o semente



O que é uma parábola?

As parábolas são histórias ou narrativas curtas que têm por finalidade ensinar, e transmitir uma mensagem que facilmente é memorizada.

O Fermento



O Reino dos céus é comparado ao fermento



que uma mulher toma



e mistura em três medidas de farinha



e que faz fermentar toda a massa.

(Mt 13,33)





Dorme, levanta-se, de noite e de dia, e a semente brota e cresce, sem ele o perceber.



Pois a terra por si mesma produz, primeiro a planta, depois a espiga e, por último, o grão abundante na espiga.



Quando o fruto amadurece, ele mete-lhe a foice, porque é chegada a colheita (Mc 4,26-29)

Jesus trouxe uma Boa Nova



“O Espírito do Senhor está sobre mim, porque me ungiu; e enviou-me para anunciar a boa nova aos pobres, para curar os contritos de coração, para anunciar aos cativos a redenção, aos cegos a restauração da vista, para pôr em liberdade os cativos, para publicar o ano da graça do Senhor. Ele começou a dizer-lhes: Hoje se cumpriu este oráculo que vós acabais de ouvir” (Lc 4,18-21).

O Reino de Deus é um convite feito a cada um para mudar de vida, para se converter, para nascer de novo.



E o que é a conversão?



É mudar de direção, seguindo aquela que Deus nos dá e nos leva a uma vida melhor e de encontro com Ele e com os irmãos.

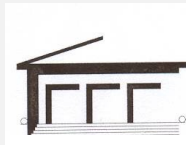
Sumário

Títulos de Jesus, conclusão da aula anterior. O anúncio do Reino de Deus. Análise das parábolas do fermento (Mt 13,33) e o semeador (Mc 4,26-29).

Ficha de trabalho que contém o título dado à presente unidade letiva, fornecida aos alunos para ser preenchida por estes, ao longo das aulas, com base no que aprenderam e segundo o seu ponto de vista.



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
CENTRO REGIONAL DE BRAGA
FACULDADE DE TEOLOGIA
INSTITUTO UNIVERSITÁRIO DE
CIÊNCIAS RELIGIOSAS
Mestrado em Ciências Religiosas
Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica
Prática de Ensino Supervisionada



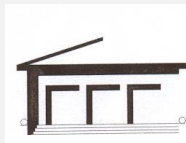
Emídio Garcia de Bragança
Escola Paulo Quintela
Ano letivo 2014/2015

Ficha de Trabalho

Jesus, um Homem para os outros



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
CENTRO REGIONAL DE BRAGA
FACULDADE DE TEOLOGIA
INSTITUTO UNIVERSITÁRIO DE
CIÊNCIAS RELIGIOSAS
Mestrado em Ciências Religiosas
Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica
Prática de Ensino Supervisionada



Emídio Garcia de Bragança
Escola Paulo Quintela
Ano letivo 2014/2015

Ficha de Trabalho

I

Durante a aula vais estar atento/a de modo a ires preenchendo os espaços que estão em branco.

1. Um calendário é _____

_____.

1.1. O calendário Ocidental chama-se _____.

1.2. _____ reuniu um grupo de especialistas, depois de _____ anos de estudos o calendário foi promulgado em 24 de Fevereiro de _____.

1.3. **a.C.** quer dizer _____ e **d.C.** quer dizer _____.

2. A arte celebra _____.

2.1. *O rosto de Cristo* foi pintado por _____ no século _____.

2.3. *The Adoration of the Magi* foi pintado por _____ no ano _____.

2.4. El Grego, pintou a tela chamada _____ no ano de 1570.

2.5. Henryck Hector Siemiradzki pintou a tela *Christ in the house of Martha e Mary* no ano _____.

2.6. *A santa Ceia* de 1495 é de _____.

2.7. Rubens entre 1619 e 1620 pinta a tela com o nome de _____.

2.8. A pintura de Herbert Gustave Schmalz, *Return from Calvary*, é do ano _____.

2.9. Miguel Àngel em 1498 começa a esculpir _____.

3. A escultura de _____ é do ano de 1483.

II

Descobre, na *sopa de letras* as palavras indicadas por baixo do quadro.



CALENDÁRIO

EI GREGO

HenryckHectorSiemiradzki

MUSICA

PAPA GREGORIO XIII

RUBENS

HerbertGustaveSchmalz

ESCULTURA

JESUS

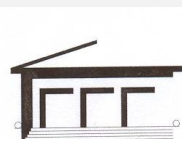
MIGUEL ÀNGEL

LITERATURA

PINTURA



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
CENTRO REGIONAL DE BRAGA
FACULDADE DE TEOLOGIA
INSTITUTO UNIVERSITÁRIO DE
CIÊNCIAS RELIGIOSAS
Mestrado em Ciências Religiosas
Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica
Prática de Ensino Supervisionada



Emídio Garcia de Bragança
Escola Paulo Quintela
Ano letivo 2014/2015

Ficha de Trabalho

A ovelha perdida (Lc 15,4-7)



«Qual é o homem dentre vós que, possuindo cem ovelhas e tendo perdido uma delas, não deixa as noventa e nove no deserto e vai em busca da que se havia perdido, até a encontrar? Ao encontrá-la, a põe-na alegremente aos ombros, e ao chegar a casa, convoca os amigos e vizinhos, e diz-lhes: Alegrai-vos comigo, porque achei a minha ovelha perdida. Digo-vos Eu: Haverá mais alegria no Céu por um só pecador que se arrepende do que por noventa e nove justos que não necessitam de arrependimento».

A dracma perdida (Lc 15,8-10)



«Ou qual é a mulher que, tendo dez dracmas, se perde uma, não acende a candeia, não varre a casa e não procura cuidadosamente até a encontrar? E ao encontrá-la, convoca as amigas e vizinhas, e diz: Alegrai-vos comigo, porque encontrei a dracma perdida. Assim, digo-vos, há alegria entre os anjos de Deus por um só pecador que se arrepende».

1. Nestas duas parábolas Jesus fala do Amor de Deus. A quem é comparado Deus, nas duas parábolas? Quem é a ovelha e a dracma perdidas?

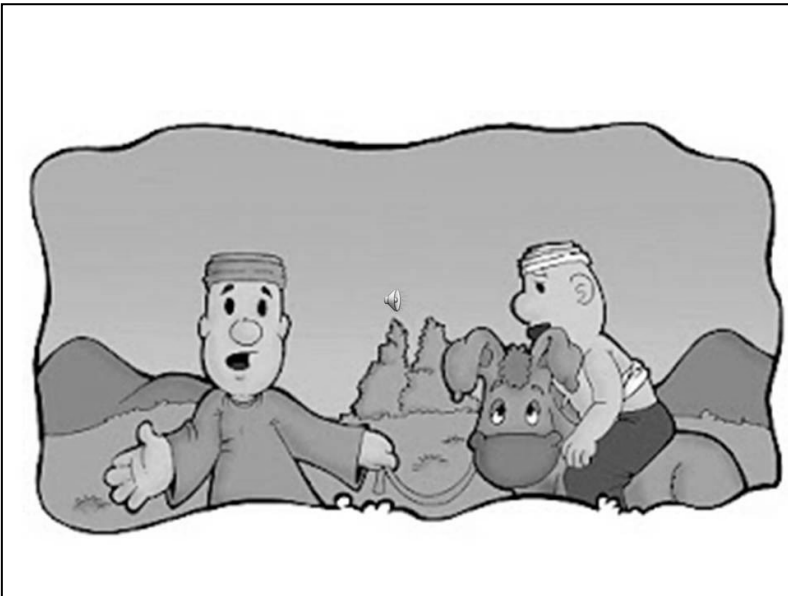
2. Partindo destas duas parábolas como defines o amor de Deus?

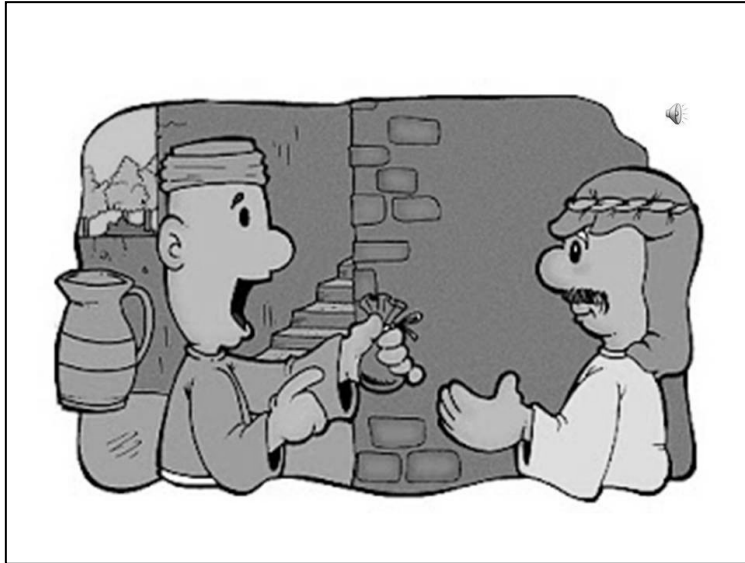
PowerPoint: A Parábola do Bom Samaritano
(relatada em áudio no original)











PowerPoint: A Parábola do Fariseu e o Publicano



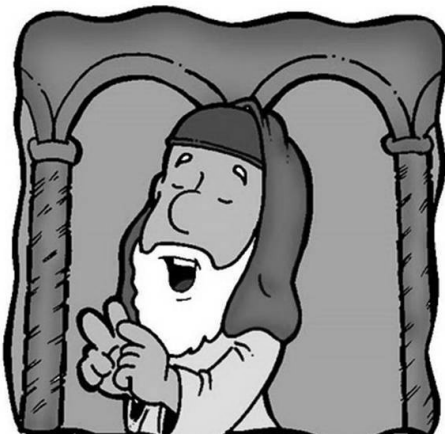
Subiram dois homens ao templo para orar.
Um era fariseu; o outro, publicano.



O fariseu, em pé, orava no seu interior desta forma:
Graças te dou, ó Deus, que não sou como os demais
homens: ladrões, injustos e adúlteros; nem como o
publicano que está ali.



Jejuo duas vezes na semana e pago o dízimo de
todos os meus lucros.



O publicano, porém, mantendo-se à distância, não
ousava sequer levantar os olhos ao céu...



...mas batia no peito, dizendo: Meu Deus, tem piedade de mim, que sou pecador!



Digo-vos: este voltou para casa justificado, e não o outro. Pois todo o que se exaltar será humilhado, e quem se humilhar será exaltado.





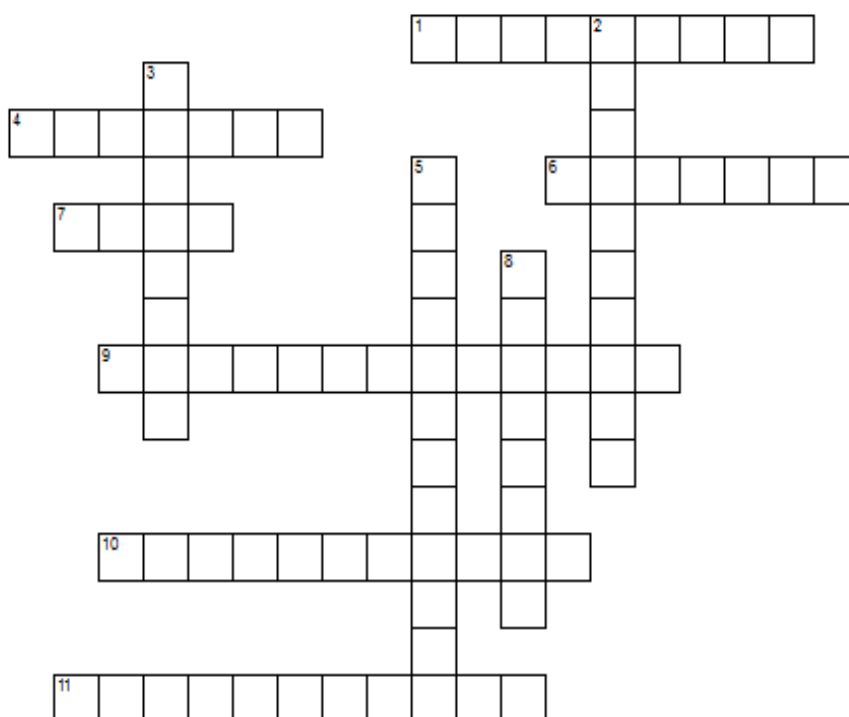
UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
CENTRO REGIONAL DE BRAGA
FACULDADE DE TEOLOGIA
INSTITUTO UNIVERSITÁRIO DE
CIÊNCIAS RELIGIOSAS
Mestrado em Ciências Religiosas
Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica
Prática de Ensino Supervisionada



Emídio Garcia de Bragança
Escola Paulo Quintela
Ano letivo 2014/2015

Condenação de Jesus

Crucigrama



Horizontais

1. Cidade de onde eram os sacerdotes.
4. Povo que tinha um grande império, do qual fazia parte a Palestina. Os judeus não tinham muita autonomia porque eram governados por eles.
6. Ajudantes dos sacerdotes no culto do templo de Jerusalém.
7. Os judeus tinham muitas. Para além das que estavam escritas na Bíblia, muitas outras foram acrescentadas pela tradição, tornando o seu cumprimento muito difícil.
9. Chefe dos sacerdotes (2 palavras).
10. Jesus afirmou, perante o tribunal judaico, que o era e esse foi um dos motivos da sua condenação (3 palavras).
11. De que Reino falava Jesus?

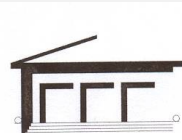
Verticais

2. Elementos de um grupo religioso que tinha como principal missão presidir ao culto a Deus no Templo de Jerusalém. Foram corresponsáveis pela morte de Jesus.

3. Elementos de um grupo religioso muito apegado à Lei de Moisés. Foram corresponsáveis pela morte de Jesus.
5. Atitude que, para Jesus, deve servir de base ao relacionamento entre as pessoas, uma vez que são todas filhas do mesmo Deus.
8. Elementos de um grupo religioso muito apegado às tradições e especialmente às que se referiam ao culto religioso. Foram corresponsáveis pela morte de Jesus-



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
CENTRO REGIONAL DE BRAGA
FACULDADE DE TEOLOGIA
INSTITUTO UNIVERSITÁRIO DE
CIÊNCIAS RELIGIOSAS
Mestrado em Ciências Religiosas
Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica
Prática de Ensino Supervisionada



Emídio Garcia de Bragança

Escola Paulo Quintela

Ano letivo 2014/2015

Ficha Informativa

Grupos de poderosos no tempo de Jesus



Os **Fariseus** eram um grupo religioso cujos membros observavam, rigorosamente, a Lei dada a Moisés e as tradições. Tratava-se de um grupo de classe média. Formavam as suas próprias comunidades, quer em aldeias distintas, quer em zonas restritas da cidade. Nicodemos, amigo de Jesus, era fariseu.



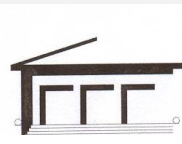
Os **Saduceus** eram um grupo que se caracterizava pelo apego às tradições e que dava especial importância às leis que se encontram na Bíblia, sobretudo no que diz respeito ao culto. Pertenciam à classe aristocrática, constituída por Levitas e Sacerdotes. Neste grupo estavam, ainda, incluídos os ricos proprietários de terras e os comerciantes. Era um grupo que detinha muito poder e influência.



Os **Sacerdotes** eram religiosos que serviam no Templo. O chefe máximo dos Sacerdotes era chamado Sumo-sacerdote. A maior parte dos sacerdotes eram de Jerusalém, porque trabalhavam no Templo. Por causa desta grande ligação ao Templo, muitos sacerdotes perderam o contacto com o povo da região. Os Levitas eram ajudantes dos Sacerdotes no culto do Templo de Jerusalém.



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
CENTRO REGIONAL DE BRAGA
FACULDADE DE TEOLOGIA
INSTITUTO UNIVERSITÁRIO DE
CIÊNCIAS RELIGIOSAS
Mestrado em Ciências Religiosas
Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica
Prática de Ensino Supervisionada



Emídio Garcia de Bragança

Escola Paulo Quintela

Ano letivo 2014/2015

Ficha Informativa

JULGAMENTO DE JESUS

Mas Jesus continuava calado e nada respondia. Então o chefe dos sacerdotes tornou a perguntar-lhe:

“És tu o Cristo, o Filho do Deus Bendito?”

E ele disse: “Sim, sou eu. Não-de ver o Filho do Homem à direita de Deus todo-poderoso chegar sobre as nuvens do céu.”

Ao ouvir isto o chefe dos sacerdotes rasgou a roupa, em sinal de protesto, e disse:

“Não precisamos de mais provas. Ouviram como ele ofendeu Deus! Que lhes parece?”

Depois disto, todo o tribunal decidiu que Jesus devia ser condenado à morte.

Mc 14, 61-64

Ficha informativa dada aos alunos como guia para visualizar o estrato do filme *Paixão de Cristo*.



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
CENTRO REGIONAL DE BRAGA
FACULDADE DE TEOLOGIA
INSTITUTO UNIVERSITÁRIO DE
CIÊNCIAS RELIGIOSAS
Mestrado em Ciências Religiosas
Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica
Prática de Ensino Supervisionada



Emídio Garcia de Bragança
Escola Paulo Quintela
Ano letivo 2014/2015

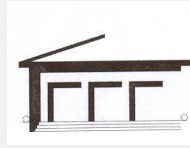
Ficha informativa

Ao veres o filme presta atenção:

- no olhar e a atitude do condenado com o qual começa o filme;
- no olhar de Jesus e a Sua atitude até à morte;
- **na última imagem apresentada no filme e nas últimas palavras ditas por Jesus.**



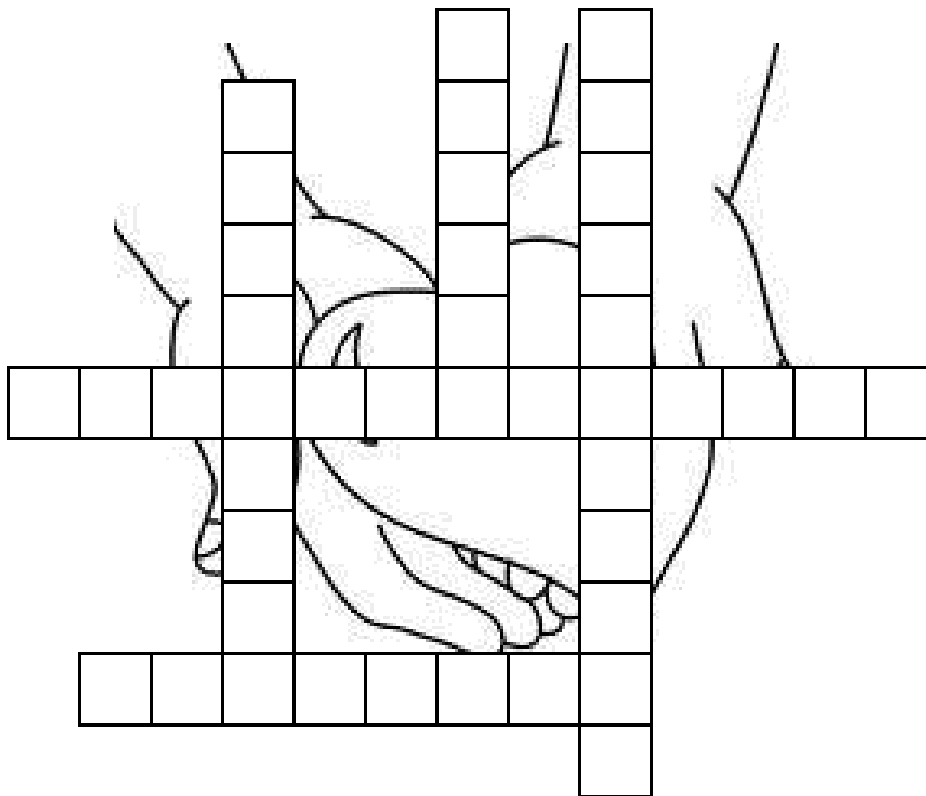
UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
CENTRO REGIONAL DE BRAGA
FACULDADE DE TEOLOGIA
INSTITUTO UNIVERSITÁRIO DE
CIÊNCIAS RELIGIOSAS
Mestrado em Ciências Religiosas
Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica
Prática de Ensino Supervisionada



Emídio Garcia de Bragança
Escola Paulo Quintela
Ano letivo 2014/2015

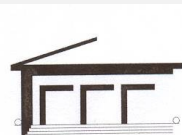
Ficha Formativa

SEIS PALAVRAS MÁGICAS PARA FAZER O OUTRO FELIZ





UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
CENTRO REGIONAL DE BRAGA
FACULDADE DE TEOLOGIA
INSTITUTO UNIVERSITÁRIO DE
CIÊNCIAS RELIGIOSAS
Mestrado em Ciências Religiosas
Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica
Prática de Ensino Supervisionada



Emídio Garcia de Bragança
Escola Paulo Quintela
Ano letivo 2014/2015

Vasos de Barro

Nós não nos pregamos a nós,
mas ao Senhor,
e apenas o fazemos por Seu Amor.
Das trevas resplandece a Luz, disse Deus,
e foi Ele quem brilhou no coração dos Seus.

**Trazemos, porém, este Tesouro
em vasos de barro,
para que se possa ver
vir de Deus
esse poder.**

Em tudo somos atribulados
e perseguidos,
mas não desamparados e nunca vencidos.
No nosso corpo levamos sem cessar
a morte de Jesus, para a Sua Vida manifestar.

**Trazemos, porém, este Tesouro
em vasos de barro,
para que se possa ver
vir de Deus
esse poder.**

Sabemos que Aquele que O ressuscitou
também ressuscitará aqueles para quem olhou.
E assim jamais iremos perder a Alegria,
grande é o peso da Glória que nos espera um dia.

**Trazemos, porém, este Tesouro
em vasos de barro,
para que se possa ver
vir de Deus
esse poder.**





UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
CENTRO REGIONAL DE BRAGA
FACULDADE DE TEOLOGIA
INSTITUTO UNIVERSITÁRIO DE
CIÊNCIAS RELIGIOSAS
Mestrado em Ciências Religiosas
Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica
Prática de Ensino Supervisionada



Emídio Garcia de Bragança
Escola Paulo Quintela
Ano letivo 2014/2015

Ficha de Avaliação

Tendo em consideração aquilo que aprendestes durante a leção da unidade letiva 2: Jesus, um Homem Para os outros, responde as questões que abaixo te são colocadas.

1. Quem é Jesus para ti?

2. Inúmeros três títulos dados a Jesus na sua época.

3. Por tuas palavras dá definição de *Reino de Deus*.

4. Recordando algumas das parábolas analisadas nas aulas, dá exemplo de duas a que o *Reino de Deus* é comparado.

5. Jesus trouxe-nos uma *Boa Nova*, qual foi?

6. Completa os espaços em branco:

a) A _____ celebra o nascimento, _____ e _____ de Jesus.

b) Como se chama calendário cristão? _____

7. Faz as correspondências corretas entre as frases:

Conversão	Deus conosco
Parábola	Boa Nova
Amo a Deus	narrativa que parte do cotidiano
Evangelho	mudar de vida
Emanuel	amando o irmão

8. Aponto uma razão que foi decisiva para a condenação de Jesus.

9. O que é que Jesus nos veio mostrar com a Sua ressurreição?

10. Que podes fazer para dar para dar felicidade aos outros?
